



# **Censo e Diagnóstico da população adulta em situação de rua em Juiz de Fora - MG**



## **Relatório Final**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**PREFEITURA DE JUIZ DE FORA**

**CENSO E DIAGNÓSTICO DA POPULAÇÃO ADULTA EM  
SITUAÇÃO DE RUA EM JUIZ DE FORA - MG**

**RELATÓRIO FINAL**

**JUIZ DE FORA**

**Fev. 2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
JUIZ DE FORA**

**PREFEITURA DE JUIZ DE  
FORA**

**Coordenação**

Profa. Dra. Viviane Souza Pereira  
(Coordenação Geral)

Prof. Dr. Alexandre Aranha Arbia

Profa. Dra. Ana Maria Ferreira

Prof. Dr. Luiz Cláudio Ribeiro

Profa. Dra. Marina Monteiro de Castro e  
Castro

Prof. Dr. Telmo Mota Ronzani

**Integrantes**

Profa. Dra. Marina Barbosa Pinto

Doutorando em Serviço Social (UFJF)  
Fábio da Silva Calleia

Doutoranda em Arquitetura e  
Urbanismo (UFV) Juliana Varejão Giese

**Estudantes de Graduação**

Ágabo De Oliveira; Agatha da Conceição  
Oliveira, Ana Beatriz de Carvalho  
Soares; Ana Clara Azevedo Pereira; Ana  
Luíza Alexander dos Santos; Ana Paula  
Cugula de Melo; Andréia Monteiro  
Vieira Cortez; Anna Clara Queiroz  
Campos; Carla da Silva Leonardo; Carla  
Hulshof; Carlos Dondici, Carlos  
Eduardo da Silva Ávila; Caroline  
Novaes; Daniel Pacheco Malta Dusi;  
Felipe Lopes; Gabriel Martins Silva;  
Gabriel Piccinini Labarba Saggioro;  
Gabriel Pereira Mendes Vinhosa Netto,  
Geovanna Carvalho da Motta Gomes;  
Gisele Aparecida Silva; Gustavo Diniz  
Lima Marques; Isabela Lagioto  
Hespanhol Simões; João Vitor Aguiel  
Silva; Kellen Luanny Silva; Lara Saber  
Silva; Lara Santos Rocha; Larissa Costa;  
Larissa de Almeida Oliveira; Laura de  
Melo Soares; Lorraine Alves Berg  
Barroso; Luciana Mota Santiago;

Ludmilla Mursa de França; Luísa Araújo  
de Oliveira, Luiz Eduardo Leão Guerra;  
Mateus Amorim Bastos; Maria  
Fernanda Dias Cassani; Mateus Vitor  
dos Reis; Natália Brugiolo Marcos;  
Maria Júlia Touzo Miranda; Pedro  
Antônio Araújo Corrêa; Pedro Henrique  
Valente Serpa; Raphael Tavares Vieira  
Barra; Suelen Araújo dos Santos; Taylor  
Maxelino Amorim de Sousa; Tayná  
Moura Bretas, Thaís Soares Pereira;  
Vitor Luz; Weverton Correa Netto

**Parceiros**

Fundação de Apoio e Desenvolvimento  
ao Ensino, Pesquisa e Extensão  
(FADEPE)

Centro Regional de Inovação e  
Transferência de Tecnologia (Critt -  
UFJF)

Pró-Reitoria de Extensão -  
PROEX/UFJF

Comitê Pop Rua JF

**Capa**

Arte de Alexandre Aranha Arbia, sobre  
fotos de Telmo Mota Ronzani

**Gráficos e Tabelas**

Gabriel Martins Silva e Natália Brugiolo  
Marcos

**Diagramação**

Alexandre Aranha Arbia

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS .....</b>	<b>6</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>PARTE I – DELINEAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>10</b>
1.1. População em situação de rua: pressupostos teóricos .....	10
1.2. Sobre pesquisas com população em situação de rua .....	19
<b>PARTE II - A PESQUISA EM JUIZ DE FORA .....</b>	<b>27</b>
2.1. Caracterização da população pesquisada .....	27
2.1.2 Caracterização dos pesquisadores .....	27
2.2 Objetivos .....	28
2.2.1 Objetivo geral.....	28
2.2.2. Objetivos específicos .....	28
2.3 Metodologia .....	28
2.3.1. Construção da proposta de metodológica .....	28
2.3.2. Síntese das etapas metodológicas .....	29
2.3.3. Equipe de realização da pesquisa.....	30
2.3.4. Capacitações da equipe de entrevistadores.....	32
2.3.5. Instrumentos de coleta e pré-teste.....	33
2.3.6. Rotas de pesquisa e divisão dos pesquisadores de campo.....	36
2.3.7. A coleta dos dados .....	37
2.3.8. Digitalização e sistematização dos dados coletados .....	42
2.4. Dados encontrados .....	43
2.4.1. Estatísticas referentes à metodologia.....	44
2.4.2. Dados Censitários da população adulta em situação de rua.....	48
2.4.3. Dados diagnósticos da população adulta em situação de rua.....	52
2.4.3.1 Seção I: Dados estatísticos da coleta e Identificação .....	52
2.4.3.2 Seção II: Trajetória .....	65
2.4.3.3 Seção III: Serviços de Acolhimento.....	71
2.4.3.4 Seção IV: Trabalho e renda .....	77
2.4.3.5 Seção V: Saúde.....	81
2.4.3.6 Seção VI: Uso de Drogas .....	86
2.4.3.7 Seção VII: Educação .....	89
2.4.3.8 Seção VIII: Violência .....	92
2.4.3.9 Seção IX: Autopercepção.....	98
2.5 Sugestões de ações a serem desenvolvidas .....	100
<b>NOTAS CONCLUSIVAS.....</b>	<b>104</b>



<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>108</b>
Apêndice 1: Instrumento de coleta curto - censo .....	108
Apêndice 2: Instrumento de coleta alongado - diagnóstico .....	113
Apêndice 3: Rotas de pesquisa .....	137
Apêndice 4: Orientações gerais aos pesquisadores .....	145
Apêndice 6: Fotos .....	146

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

### **Censo**

Tabela - Tipo de questionário .....	44
Gráfico - Tipo de questionário .....	44
Tabela - Data da entrevista .....	44
Gráfico - Data da entrevista .....	44
Tabela - Data de Entrevista / Tipo de questionário .....	45
Tabela - Pergunta filtro .....	45
Tabela - Condições de realização do questionário .....	45
Tabela - Justificativa para não realização	46
Tabela - Tempo da entrevista em minutos (Agrupamento) .....	46
Gráfico - Tempo da entrevista em minutos (Agrupamento) .....	46
Tabela - Turno .....	47
Gráfico - Turno .....	47
Tabela - Código do setor de entrevista (região da cidade) .....	47
Gráfico - Código do setor de entrevista (região da cidade) .....	47
Tabela - Idade (censo e diagnóstico agrupada) .....	48
Gráfico - Idade (censo e diagnóstico agrupada) .....	48
Tabela - Idade (se observação).....	48
Gráfico - Idade (se observação) .....	48
Tabela - Sexo .....	49
Gráfico - Sexo .....	49
Tabela - Você se identifica como? (Gênero) .....	49
Gráfico - Você se identifica como? (Gênero) .....	49
Tabela - Você se relaciona sexualmente com? .....	50
Gráfico - Você se relaciona sexualmente com? .....	50
Tabela - raça/cor.....	50
Gráfico - raça/cor.....	50
Tabela - Você dorme na rua há quanto tempo?.....	51
Gráfico - Você dorme na rua há quanto tempo? .....	51

### **Diagnóstico**

Tabela - Data da entrevista .....	53
Gráfico - Data da entrevista .....	53
Tabela - Turno .....	53

Tabela - Código do setor de entrevista (região da cidade) .....	54
Gráfico - Código do setor de entrevista (região da cidade) .....	54
Tabela - Pergunta filtro .....	55
Tabela - Condições de realização do questionário .....	55
Tabela - Justificativa para não realização	55
Tabela - Idade (diagnóstico agrupada) .....	55
Gráfico - Idade (diagnóstico agrupada) .....	55
Tabela - Sexo.....	56
Gráfico - Sexo.....	56
Tabela - Você se identifica como? (Gênero) .....	56
Gráfico - Você se identifica como? (Gênero) .....	56
Tabela - Você se relaciona sexualmente com? .....	57
Gráfico - Você se relaciona sexualmente com? .....	57
Tabela - raça/cor .....	57
Gráfico - raça/cor .....	57
Tabela - cidade anterior a Juiz de Fora .....	58
Gráfico - cidade anterior a Juiz de Fora .....	58
Tabela - tempo em que dorme na rua .....	59
Gráfico - tempo em que dorme na rua .....	59
Tabela - cidade de nascimento (agrupado por região).....	60
Gráfico - cidade de nascimento (agrupado por região).....	60
Tabela - estado de nascimento (que não MG) .....	61
Gráfico - estado de nascimento (que não MG) .....	61
Tabela - desejo de retornar para a cidade natal.....	61
Gráfico - desejo de retornar para a cidade natal.....	61
Tabela - manutenção de contato familiar	62
Gráfico - manutenção de contato familiar	62
Tabela - família em situação de rua.....	62
Gráfico - família em situação de rua.....	62
Tabela - crianças sob responsabilidade.....	63
Gráfico - crianças sob responsabilidade.....	63
Tabela - adolescentes sob responsabilidade .....	63
Gráfico - adolescentes sob responsabilidade .....	64

Tabela - frequência à escola (crianças e adolescentes sob responsabilidade) .....	64	Tabela - exerce atividade na rua .....	79
Tabela - situação documental .....	64	Gráfico - exerce atividade na rua .....	79
Tabela - onde dormia antes das ruas .....	66	Tabela - atividade exercida na rua .....	80
Gráfico - onde dormia antes das ruas .....	66	Tabela - recebimento de benefícios .....	81
Tabela - quantos dias dormiu nas ruas (últimos 30 dias) .....	67	Gráfico - gravidez .....	82
Gráfico - quantos dias dormiu nas ruas (últimos 30 dias) .....	67	Tabela - problemas de saúde .....	83
Tabela - quantos dias dormiu nas ruas (últimos 7 dias) .....	67	Tabela - problemas de saúde (tratamento) .....	84
Gráfico - quantos dias dormiu nas ruas (últimos 7 dias) .....	67	Gráfico- uso de remédio por prescrição médica .....	85
Tabela - situação de rua pós-pandemia....	68	Tabela - unidade de saúde de referência ...	85
Gráfico - situação de rua pós-pandemia... 68		Tabela - consumo de álcool, tabaco e outras drogas (últimos 30 dias) .....	86
Tabela - principal motivo que levou à situação de rua .....	68	Tabela - padrão de consumo de álcool, tabaco e outras drogas (últimos 7 dias).....	87
Gráfico - principal motivo que levou à situação de rua .....	69	Gráfico - motivos que levaram a usar drogas .....	88
Tabela - outro motivo que levou à situação de rua (agrupado) .....	69	Gráfico - motivos que levam à continuidade no uso de drogas .....	88
Tabela - existência de outro motivo para viver nas ruas, além do principal .....	70	Tabela - alfabetização .....	89
Tabela - possibilidade de retorno para alguma residência .....	70	Gráfico - alfabetização .....	89
Gráfico - possibilidade de retorno para alguma residência .....	70	Tabela - acesso (pretérito) à escola .....	90
Tabela - já dormiu em abrigo .....	72	Gráfico - acesso (pretérito) à escola .....	90
Gráfico - já dormiu em abrigo .....	73	Tabela - escolaridade .....	91
Tabela - dificuldade para encontrar vaga em abrigo .....	73	Gráfico - escolaridade .....	91
Gráfico - dificuldade para encontrar vaga em abrigo .....	73	Tabela - tipos de violência sofrida na rua .93	
Tabela - os abrigos apresentam problemas .....	74	Tabela - tipos de violência sofrida na rua (em Juiz de Fora) .....	93
Gráfico - os abrigos apresentam problemas .....	74	Tabela - autores de violência sofrida na rua .....	94
Tabela - problemas apresentados pelos abrigos .....	75	Tabela - autores de violência sofrida na rua (em Juiz de Fora) .....	95
Tabela - atendimento por equipes .....	76	Tabela - tipos de violência observada na rua .....	96
Tabela - trabalhava antes da situação de rua .....	78	Tabela - tipos de violência observada na rua (em Juiz de Fora) .....	96
Gráfico - trabalhava antes da situação de rua .....	78	Tabela - autores de violência observada na rua .....	97
Tabela - atividade exercida antes da situação de rua (nível) .....	78	Tabela - autores de violência observada na rua (em Juiz de Fora) .....	98
Gráfico - atividade exercida antes da situação de rua (nível) .....	79	Tabela - autores de violência sofrida na rua .....	94
		Tabela - o que precisa para deixar a situação de rua .....	99

## APRESENTAÇÃO

Este relatório final integra o projeto "Censo e diagnóstico da população adulta em situação de rua de Juiz de Fora" que tem como objetivo geral realizar o Censo e o diagnóstico da população em situação de rua de Juiz de Fora. Trata-se de uma ação de extensão em interface direta com a pesquisa e inovação, em uma parceria da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com a Prefeitura de Juiz de Fora (PJF). No primeiro momento apresentamos os elementos conceituais e metodológicos construídos para orientar e sustentar tecnicamente o trabalho e, também, a metodologia detalhada, números da contagem e dados de identificação básica da população adulta em situação de rua de Juiz de Fora. Posteriormente apresentamos os dados diagnósticos encontrados, com sugestões de encaminhamentos ao poder público local.

O trabalho está sob a responsabilidade da Faculdade de Serviço Social, conta com os departamentos de Psicologia e Estatística da UFJF, a Pró-Reitoria de Extensão, o Centro Regional de

Inovação e Transferência de Tecnologia (CRITT), a Fundação de Apoio e Desenvolvimento ao Ensino, Pesquisa e Extensão (FADEP) e é realizado em parceria com a Secretaria de Assistência Social, representando as demais secretarias e instituições parceiras, como a Secretaria Especial de Direitos Humanos, a Subsecretaria de Proteção e Defesa Civil, o Comitê de População em Situação de Rua de Juiz de Fora e o Consultório na Rua, entre outras.

Destacamos que a construção coletiva desta ação, desde sua fase de planejamento, é ponto fundamental para o alcance dos objetivos delineados. A partir do trabalho de pesquisa e extensão, organizado na proposta, está sendo possível contribuirmos com o aprimoramento do processo de formação profissional de estudantes e dos trabalhadores da área e ao mesmo tempo, com a construção sistemática e coletiva de caminhos para as questões diretamente relacionadas às políticas públicas do município e a dinâmica de organização da sociedade.

O Censo e o diagnóstico possibilitam o conhecimento da população em situação de rua em

Juiz de Fora, apontando suas maiores necessidades e urgências. Possibilitam, também, o refinamento das políticas para população em situação de rua já ofertadas na cidade, como também a elaboração e implantação de novos serviços alicerçados no conhecimento da realidade da população atendida. Além disso, são base de dados para o desdobramento de outros trabalhos de ensino, pesquisa e extensão da UFJF em suas diversas áreas de conhecimento.

Iniciamos o relatório apresentando a base teórica que sustenta este trabalho. Nesta primeira parte discutimos tanto o conceito de caracterização da população em situação de rua, quanto o desafiador processo de construção de metodologia para pesquisas deste tipo. Consideramos estes aspectos essenciais para o entendimento dos dados resultantes.

Em um segundo momento expomos a metodologia utilizada especificamente neste estudo, que guarda relação com outros trabalhos de mesmo tipo realizados no país, mas ao mesmo tempo conta com técnicas e estratégias desenvolvidas especificamente para a realidade local.

Por fim, apresentamos os dados coletados na pesquisa que expressam o número da população e situação de rua identificado na semana de coleta, assim como sua identificação de idade, gênero, orientação sexual e raça. Compõem a apresentação os demais dados do diagnóstico em sua forma geral e as sugestões de encaminhamentos ao poder público local.

## **PARTE I – DELINEAMENTO TEÓRICO- METODOLÓGICO**

### **1.1. População em situação de rua: pressupostos teóricos**

Nas últimas décadas, em grande parte do mundo e especialmente no Brasil, tornou-se expressivo o aumento da pobreza e o número crescente de pessoas vivendo em condições de grande privação das condições objetivas de vida nas ruas das cidades. A situação de crise foi adensada com a pandemia da COVID19, a partir de 2020.

O fenômeno da população em situação de rua tem múltiplas determinações, dentre as quais se destaca a condição limite de pobreza. Desigualdade social e pobreza não são exclusivos da sociedade contemporânea, mas um produto histórico que se modifica no espaço e no tempo. Vieira, pontua que a pobreza não se resume a um aspecto meramente econômico, constituindo-se, também, em parâmetro de avaliação social. Assim, é possível afirmar que

“socialmente esse grupo é gerado no âmago do processo econômico-social” (Vieira, 2004, p. 22).

Neste sentido, o surgimento da população em situação de rua é concebido como expressão de uma ampla processualidade social e histórica que contextualiza as condições de sua existência. Embora presente desde o mundo antigo, a ordenação da sociedade burguesa imprime características específicas ao fenômeno da vida nas ruas, que o vincula ao processo de urbanização e crescimento das cidades. Assim, os determinantes históricos de conformação contemporânea da população em situação de rua estão diretamente associados à gênese da chamada questão social.

Sobre o debate da questão social e buscando sua articulação com o fenômeno da população de rua, dialogamos com autores de grande expressividade no Serviço Social e que, embora apresentem abordagens diferenciadas, demonstram posição de concordância quanto à gênese da questão social: Cerqueira Filho (1982), Netto, (1992; 2001), Iamamoto (1998; 2000; 2001) e Pereira (2001). Sob a perspectiva analítica desses autores, a questão



social “é apreendida como o conjunto das expressões das desigualdades sociais da sociedade capitalista madura” (IAMAMOTO, 2000, p. 27). Os autores situam sua gênese no momento em que o termo foi utilizado pela primeira vez, por volta de 1830, para referir-se ao pauperismo como fenômeno generalizado, no início do capitalismo industrial. Destacam que “seu reconhecimento enquanto questão social relaciona-se com seus desdobramentos sócio-políticos” (NETTO, 2001, p. 43), “ao conjunto de problemas políticos, sociais e econômicos que o surgimento da classe operária impôs no curso da constituição da sociedade capitalista” (CERQUEIRA FILHO, 1982, p.21). Afirmam, ainda, que esta “não existiu antes da Revolução Industrial, porque foi a partir dessa Revolução que as relações sociais de produção foram modificadas a ponto de dividir toda a sociedade em duas grandes classes diretamente contrapostas: a burguesia e o proletariado” (PEREIRA, 2001, p. 59).

Na tentativa de articular essa perspectiva de análise ao fenômeno da população de rua, percebemos que este, se relacionado diretamente

a gênese da questão social, representa, também, uma expressão das desigualdades sociais resultantes das relações capitalistas maduras, que se desenvolveram a partir do capitalismo industrial, no momento de acentuação do pauperismo.

Cabe ressaltar que identificamos a compreensão da heterogeneidade desta população como um dos raros consensos no debate da temática. Merece destaque a grande diversidade de terminologias e conceitos que dizem respeito ao fenômeno, fato que se relaciona com as formas com as quais a sociedade o entende e enfrenta. Ao revisar a literatura, identificamos o uso de vários conceitos e, a partir de uma diferenciação e reflexão sobre esses, optamos por utilizar, neste estudo, a expressão população em situação de rua. A escolha se deve ao fato de ser esta a terminologia adotada pela Política Nacional para Pessoas em Situação de Rua (2008) e, portanto, aquela com a qual se trabalha, de forma geral, na estruturação e definição de políticas públicas para essa população:

Grupo populacional heterogêneo, caracterizado por sua condição de pobreza extrema, pela interrupção ou

fragilidade dos vínculos familiares e pela falta de moradia convencional regular. São pessoas compelidas a habitar logradouros públicos (ruas, praças, cemitérios, etc.), áreas degradadas (galpões e prédios abandonados, ruínas, etc.) e, ocasionalmente, utilizar abrigos e albergues para pernoitar (BRASIL, 2008, p. 8).

Sobre esta questão, Rodrigues (*et.al.*) aponta que

A noção de situação de rua amplia o agrupamento inclusive para indivíduos que têm uma relação oscilante entre a casa e a rua como universo de pernoite. Quebra-se, portanto, a noção de que apenas quem dorme e mora nas ruas possui a relação de pauperismo e marginalidade estabelecida no contexto urbano. Essa mudança surge também como forma de desessencializar os predicados dos indivíduos para integrá-los à situação em que eles se encontram. No sentido dessa transformação, não existem moradores de rua, povo de rua, homens de rua, mas indivíduos nesta circunstância, situação (RODRIGUES, *et.al.*, 2020, p. 39).

A terminologia escolhida diz muito sobre o tipo de compreensão que se possui da vida nas ruas. Direciona, portanto, as possibilidades de elaborações futuras em termos de políticas públicas. Além disso, o princípio da

similaridade com outras iniciativas de pesquisa do gênero é pressuposto importante a ser respeitado para assegurar o posterior parâmetro de comparação. Estes pontos estão melhor detalhados mais adiante, na apresentação da metodologia específica da pesquisa realizada em Juiz de Fora.

Assim, em conformidade com Vieira, temos que

A rua pode ter pelo menos dois sentidos: o de se constituir num abrigo para os que, sem recurso, dormem circunstancialmente sob marquises de lojas, viadutos ou bancos de jardim ou pode constituir-se em um modo de vida, para os que já têm na rua o seu hábitat e que estabelecem com ele uma complexa rede de relações. Seria possível identificar situações diferentes em relação à permanência na rua: ficar na rua, circunstancialmente; estar na rua recentemente; ser da rua, permanentemente (VIEIRA, 2004, p.93).

A autora prossegue assinalando que o ponto comum entre essas situações se refere ao fato de que em todos os casos é a precariedade das condições de vida, circunstanciais ou permanentes, que funciona como motor para a utilização das ruas, seja como moradia ou abrigo. Para Vieira “essas

situações podem ser dispostas num *continuum*, tendo como referência o tempo de rua” (2004, p.94).

Evidências mostram que não só a erosão da “sociedade salarial” (CASTEL, 1998) e as consequências da falta de trabalho, se constituem eixos centrais na conformação do fenômeno da população de rua. Mesmo quando tomamos o trabalho enquanto elemento estruturador de relações sociais e da representação na definição de papéis assumidos socialmente, reconhecemos a existência de outros elementos motivadores, alicerçadores e consolidadores da vida nas ruas. Elementos esses que constituem um conjunto de precariedades manifestas na vida dessas pessoas antes da rua e na rua.

A vida na rua representa a única alternativa de sobrevivência para muitos e compreendemos que o aumento crescente do desemprego e da pobreza têm como decorrência um efeito de crescimento da população de rua. Entendemos que viver na rua é, também, uma maneira de passar para um lado da sociedade, no qual o reconhecimento dos sujeitos como atores sociais não está necessariamente relacionado à capacidade produtiva, mas, à

capacidade de desenvolver estratégias de sobrevivência em situações extremamente adversas. Viver na rua obriga o enfrentamento de vulnerabilidades de toda ordem e exige a adaptação a outras referências profundamente distintas das vividas anteriormente. Vieira aponta diferenciais relacionados ao grau de maior ou menor inserção no mundo da rua que demonstram bem o esforço de compreensão da exposição acima.

Ficar na rua (...) geralmente as pessoas que se encontram nessa situação sentem-se desvalorizadas e demonstram medo de dormir na rua. Buscam rapidamente uma saída através de plantões de serviço social e procuram empregos ou bicos que lhes permitam pagar uma pensão. Rejeitam violentamente a identificação com o morador de rua, procurando distanciar-se dele. Estar na rua (...) começam a estabelecer relações com pessoas da rua e conhecer novas alternativas de sobrevivência. Procuram empregos ou fazem bicos. (...) Tentam se diferenciar dos moradores de rua apresentando-se como trabalhadores desempregados. Ser da rua. (...) De forma geral, o indivíduo vai sofrendo um processo de depauperamento físico e mental em função de má alimentação, precárias condições de higiene e pelo

uso constante do álcool. Essa população está também exposta a toda sorte de violências vindas da polícia, dos próprios companheiros e do trânsito. (...) Nesse contexto a rua ganha cada vez mais importância. É o espaço de relações pessoais, de trabalho, de obtenção de recursos de toda sorte. (...) a rua torna-se espaço de moradia de forma praticamente definitiva, ainda que ocasionalmente possa haver alternância com outros lugares de alojamento (VIEIRA, 2004, pp. 94 e 95).

Assim, apontamos que “*ficar na rua, estar na rua e ser da rua*” representa um movimento de adaptação que, frequentemente, vai do transitório ao permanente. Na chegada às ruas existe a preservação de alguns vínculos que permitem a oportunidade de conseguir trabalho e a manutenção de contatos familiares e de amizade. Podemos dizer que, nesse momento, onde o sujeito busca fixar-se em albergues, pensões e alojamentos, ele *fica na rua*, uma vez que ainda preserva uma rede de relações de suporte. Na medida em que, com o passar do tempo, transforma-se a relação com o espaço das ruas e constitui-se um processo de progressiva identificação com outras pessoas cujas rotinas são semelhantes, estabelece-se uma nova rede de relações que vai, aos poucos,

substituir as antigas redes sociais. O sentimento de ameaça e vulnerabilidade diminui com a familiaridade progressiva com o novo ambiente, em que o cotidiano e as alternativas de sobrevivência do espaço urbano passam a compor o dia a dia. Nessa situação a rua e seus moradores tornam-se progressivamente mais importantes como referência e, dessa forma, um novo cotidiano se estrutura a partir desse novo referencial, e o indivíduo *está na rua*. A desvinculação gradativa das redes sociais de suporte e a adesão aos códigos das ruas permite uma articulação do cotidiano em torno desta nova realidade. O espaço das ruas se constitui como local de moradia e de trabalho, neste momento o sujeito passa a ser da rua (VIEIRA, 2004).

Podemos aferir que o sujeito cumpre progressivamente o processo que Castel (1998) denomina de *processo de desfiliação*. Esse processo se estabelecerá como consequência da crise em torno das relações de trabalho (e o alto índice de desemprego) e definirá um movimento que levaria o sujeito de um polo de inclusão social (com moradia, com saúde e com trabalho) para uma situação de perdas de

direitos sociais e de progressivas rupturas de redes sociais. O autor evita o modelo estático de análise do fenômeno que fixa os indivíduos em áreas de destituição. Para ele, o processo dinâmico que os fazem transitar “da integração à vulnerabilidade ou deslizar da vulnerabilidade para a inexistência social” tem na “desfiliação” o seu desfecho.

Sobre esse aspecto, Rosa (1995) assinala, que aos processos de natureza fundamentalmente econômica agrega-se uma progressiva fragilização de vínculos e de suportes relacionais familiares e sociais, o que Castel (1998) chama de redes de proteção próxima e que se constituem em redes afiançadoras de garantias contra uma certa gama de riscos sociais. Para ele a vulnerabilidade social verifica-se na precariedade do trabalho aliada concomitantemente à uma estrutura familiar debilitada ou em processo de debilitação.

Muitas vezes a família acaba exercendo um papel da rede de proteção social, a desvinculação sociofamiliar mostra-se relevante no processo de ida para as ruas. Como analisa Escorel (1999), as “vulnerabilidades ocupacionais e de

rendimentos” também estão associadas a “outras fragilidades de ordem habitacional, afetiva, de aumento da exposição à discriminação e à violência”.

Rosa (2005) analisando a realidade brasileira aponta, incisivamente, que as conjunturas econômicas das décadas de 1970 e 1980, deixaram um grande número de trabalhadores, senão desempregados, expostos às precariedades, advindas das alterações no mundo do trabalho, as quais modificaram de forma profunda as relações de trabalho e sociabilidade. Quadro que se complexificou na década de 1990 e 2000 e agrava-se cotidianamente. Essa situação atinge diretamente uma grande parcela da população brasileira. Vieira chama atenção para o fato de que:

ser morador de rua não é o destino necessário de todo esse grupo, no entanto é uma das possibilidades que se concretizará em função de várias circunstâncias, desde conjunturas que restringem emprego e moradia até condições individuais, relacionadas a histórias de vida pessoais, condições físicas e mentais (VIEIRA, 2004, p. 23).

Importa destacar que não cabem generalizações quando

tratamos da compreensão do fenômeno de vida nas ruas. Entretanto, importa, também, reconhecer que, embora existam particularidades nas experiências de cada um e de como cada pessoa reage em sua trajetória para a rua e na rua, não se pode restringir essa trajetória ao universo subjetivo e à individualidade dos processos de fragilização. É possível observar, a partir de reflexões macroestruturais e conjunturais pertinentes às três últimas décadas, uma relação entre as transformações socioeconômicas desse período e o fenômeno “população em situação de rua”, tal como se configura hoje, associado a um amplo processo de empobrecimento que podemos, assim como Castel (1998), denominar de desfiliação.

Escorel (1999) a descreve enquanto um “processo no qual – no limite – os indivíduos são reduzidos à condição de *animal laborans*, cuja única atividade é a sua preservação biológica, e na qual estão impossibilitados de exercício pleno das potencialidades da condição humana”. A autora demarca no final da década de 1980 e tendo como referência a cidade do Rio de Janeiro, o crescimento do número de pessoas

e o surgimento de grupos morando nas ruas. Para ela a partir de então houve uma modificação na percepção do fenômeno quando “sua presença passou a ser percebida como inoportuna, mas, principalmente, ameaçadora” (ESCOREL, 1999, p.238). Os estudos, de lá para cá demonstram um crescimento expressivo dessa população, assim como das inúmeras violências a que é submetida, desde a violência de não ter acesso a direitos instituídos, até a violência física, psicológica e moral que cresce na medida em que a situação de crise do país se agrava.

Pessoas que sobrevivem na pobreza e distantes de uma suposta rede de proteção social experimentam vínculos sociais extremamente frágeis, que tendem a se fortalecer ou se romper de acordo com as dificuldades que a realidade lhes apresenta e conforme o acúmulo de experiências ao longo da vida. Muitas vezes, as experiências individuais, que poderiam fortalecer os indivíduos para enfrentar os desafios que a vida lhes oferece, acabam reduzindo, ou mesmo destruindo, seu potencial de organização interna, sua capacidade de articulação com o meio em que



vive, sua autoimagem, autoestima e sua identidade dentro do grupo; esses fatores relacionam-se de forma intersetorial com as questões estruturais da sociedade.

Assim, pessoas em situação de rua seriam representantes por excelência de uma população sem habitação, sem renda, sem emprego, sem laços familiares ou territoriais, sem destino previsível. Na contemporaneidade representam populações que se situam em diversas épocas históricas, à margem do sistema de organização social e fora do sistema de produção e de consumo padronizados na vida social.

O Brasil, desde aproximadamente 1990, vive sob o signo do ideário globalizante, num contexto onde é “produzida” uma cultura que afirma o mercado como regulador das relações sociais, diluindo a esfera pública, que representa o espaço de garantia de direitos sociais. Para referir-se a este fato, Ianni (1996), criou a expressão “fábrica global”. Para ele a “fábrica global” articula capital, tecnologia, força e divisão de trabalho, instala-se em fronteiras e, utilizando-se dos mais diversos meios, dissolve fronteiras, agiliza os mercados e

generaliza o consumo. Ela é capaz de promover a desterritorialização e territorialização das coisas e ideias, o redimensionamento de espaços e tempos.

Alia-se à globalização, o seu aparato político-ideológico: o neoliberalismo, que de acordo com o que sustenta Corrêa (2000, p.42) é uma “superestrutura ideológica e política que acompanha uma transformação histórica do capitalismo”. Politicamente representa um conjunto de receitas econômicas e programas políticos de efeitos ampliados devido ao monopólio científico e tecnológico que possibilitam uma grande expansão capitalista.

Vários são os impactos da política neoliberal no país, dentre eles o desemprego e a redução de gastos e investimentos governamentais na área social. As políticas sociais cada vez mais se apresentam focalizadas e fragmentadas, aprofundando imensamente o quadro de desigualdade entre as classes. As diversas formas de organização social são enfraquecidas pelo grande apelo ao individualismo e à competitividade exacerbada. Em se tratando do objeto de nosso estudo a

situação se complexifica ainda mais, uma vez que se trata de uma população que historicamente revela as maiores consequências da pobreza.

A pobreza ampliada pelo conjunto de medidas implementadas pelo modelo econômico de inspiração neoliberal e, nos dias atuais de 2022 acirrada pela governança de extrema direita implantada pelo governo Bolsonaro e pelos impactos da pandemia da Covid19, agudiza as precárias condições de vida de um imenso contingente populacional. São visíveis os altos índices de desemprego, a injusta distribuição de renda, a destituição de direitos sociais, a precarização das relações de trabalho, o enfraquecimento dos movimentos sociais e sindicatos, além de outros fatores que acabam por agravar a situação de miserabilidade e empobrecimento de grandes parcelas da população. Seguindo uma tendência apontada por Yamamoto (1998) de que segmentos cada vez maiores da população tornam-se sobrantes e desnecessários.

O modelo econômico implantado no país produziu subjulgados, pessoal e socialmente,

com difícil perspectiva de transposição social. De uma outra parte, as políticas sociais adotadas pelos diferentes governos tiveram como opção a implementação de ações de caráter nitidamente focalista, refletindo a tendência de enfrentar as expressões da questão social como fatos isolados. A consequência é que tais políticas não trouxeram resultados efetivos nas condições de vida da população. E, os poucos impactos positivos, ainda que residuais, foram rapidamente solapados pelo governo de extrema direita, a partir de 2019.

Essa realidade é característica do processo que existe no Brasil. A atenção do poder público com esse segmento é recente, fragmentada e não constitui uma política nacional intersetorial e integrada. De forma geral, nacionalmente, identificamos políticas higienistas e/ou de assistência exclusiva de albergamento, que resultam de uma espécie de tentativa de negação ou naturalização, provocando o agravamento da criminalização do fenômeno da população de rua, acompanhado de uma expressiva segregação social. O desinteresse do Estado pela população em situação

de rua reflete a contradição com que a sociedade e a opinião pública tratam a questão, ora com filantropia, caridade, compaixão, ora com intolerância, preconceito, indiferença. São poucas, e datam a partir da promulgação da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), as iniciativas públicas de atendimento diferenciado e integral à essa população.

Nesse ponto destacamos a iniciativa de alguns municípios<sup>1</sup> na organização de Comitês Intersetoriais da População em Situação de Rua. Juiz de Fora é um dos municípios que dispõe desse tipo de organização<sup>2</sup>. Instituiu-se, por meio do Decreto Municipal nº 14.489, de 19 de abril de 2021, o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Municipal para a População em Situação de Rua de Juiz de Fora - Comitê Pop Rua - JF. Além disso a busca pela estruturação da rede de atendimento à população em situação de rua tem sido

recorrente no último ano na cidade e, para tanto, faz-se necessário de imediato, um amplo processo de conhecimento da realidade local.

A geração de dados consistentes sobre a população em situação de rua é ponto precípuo para a elaboração de políticas públicas que, de fato, atendam às demandas postas pela realidade. Conhecer a realidade, quanti e qualitativa, da população que vivencia as ruas na cidade de Juiz de Fora trata-se de elemento chave para a criação, ampliação, adequação e aprimoramento das ações direcionadas à essa população.

## **1.2. Sobre pesquisas com população em situação de rua**

Em levantamento recente, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), em um esforço de pesquisa, publicou dados preliminares consolidados no relatório "Estimativa da população em situação de rua no Brasil (2012-2022)". A publicação inicia

---

<sup>1</sup>São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Rio de Janeiro também são exemplos de cidades onde setores da sociedade se organizam em torno da construção coletiva de propostas para e com as pessoas em situação de rua.

<sup>2</sup>Juiz de Fora possui o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da

Política Municipal para a População em Situação de Rua de Juiz de Fora - Comitê Pop Rua -JF composto por entidades de atendimento e defesa de direitos dos moradores de rua e também por órgãos governamentais ligados à política pública direcionada a este segmento.

afirmando a inexistência de dados oficiais sobre a condição de vida nas ruas no país.

Ou seja, ainda nos deparamos com um questionamento central em se tratando do estudo da população de rua: qual o tamanho da população de rua no Brasil? Embora tenhamos a pesquisa nacional "Aprendendo a contar" (MDS, 2009) e existam iniciativas de governos locais no processo de contagem dos moradores de rua, os estudos realizados não apresentam um panorama global do fenômeno no país. Esse fato se deve a um somatório de dificuldades, entre as quais destacamos as diferentes definições da pessoa em situação de rua<sup>3</sup>, além de metodologias de acesso a essa população, também diferenciadas.

Embora aponte marcos importantes como a publicação da Política Nacional para a População em situação de Rua (PNPSR) em 2009, assim como a realização da

pesquisa nacional "Aprendendo a contar" (MDS, 2009), Natalino destaca que apesar da contagem populacional deste segmento constar como uma determinação na PNPSR de 2009 e da pressão da sociedade e da Defensoria Pública da União, os Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) seguem tomando como base somente a população domiciliada. (NATALINO, 2022)

De acordo com Natalino, buscando minimizar esta dificuldade com a contagem oficial, a primeira iniciativa do tipo estimativa, foi realizada pelo IPEA em 2015, a partir de dados oficiais informados por prefeituras. Em 2020, durante a pandemia, esta estimativa foi atualizada para março daquele ano e esta nota atual apresenta a atualização até este ano de 2022. Novamente foram utilizados dados oficiais informados pelas gestões municipais e teve como base o número de pessoas em situação de

---

<sup>3</sup>É interessante notar que na União Europeia, por exemplo, um dos primeiros passos para a unificação das políticas de atendimento à população em "situação de sem-abrigo" foi a uniformização da definição pela FEANTSA (Federação Europeia das Organizações Nacionais que Trabalham com os Sem-Abrigo) que, cf. Granja, Pires; França (prelo, p. 117) "Considera-se pessoa sem-abrigo aquela que, independentemente

da sua nacionalidade, idade, sexo, condição socioeconômica e condição de saúde física e mental, se encontre sem tecto, vivendo no espaço público, alojada em abrigo de emergência ou com paradeiro em local precário, ou sem casa, encontrando-se em alojamento temporário destinado para o efeito".

rua cadastradas no Cadastro Único. Neste cenário, a estimativa da população em situação de rua no Brasil em 2022 aponta para 281.472 pessoas. (NATALINO, 2022, p. 2). Segundo o autor

Estima-se que a população em situação de rua no Brasil cresceu 38% entre 2019 e 2022. Considerando o período de uma década (2012-2022), o crescimento é de 211%. O crescimento da população brasileira na última década, entretanto, é de apenas 11%. Isso considerando as estimativas do IBGE para os anos de 2011 e 2021, respectivamente, já que não existe estimativa populacional para 2022. Seja como for, qualquer eventual diferença nesse valor de 11% a ser observada quando tivermos dados para 2022 não afetará a conclusão principal. O crescimento da população em situação de rua se dá em ordem de magnitude superior ao crescimento vegetativo da população. Além disso, tal crescimento se acelerou nos últimos anos (NATALINO, 2022, p. 18).

Em Juiz de Fora, o último diagnóstico, realizado em 2016, tratado com metodologia específica que difere da realizada nesta pesquisa, contabilizou 243 pessoas dormindo na rua e 141 pessoas dormindo em equipamentos públicos de atendimento, totalizando 384 pessoas. Além disso, este

diagnóstico contabilizou 496 pessoas que circulam pelas ruas da cidade, eventualmente pernoitando ou não, e que dela dependem para sobrevivência (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 2016).

É consensual, entre os estudiosos da população que vive as ruas, a dificuldade de sua categorização e a realização de pesquisas. Composta por um grupo populacional que só cresce ante o aprofundamento da crise instalada no país, trata-se de um conjunto heterogêneo de pessoas que apresentam grande parte dos direitos constitucionais violados e que vivencia as ruas, seja de forma "integral" (morando, albergados ou não, e dela tirando sua sobrevivência) ou para trabalho durante a semana (morando e dela tirando sua sobrevivência, albergados ou não), alternando nos fins de semana com moradias precárias.

A heterogeneidade da população em situação de rua, assim como sua ausência de residência fixa e alta mobilidade dentro da cidade dificultam a realização de pesquisas, exigindo a construção de metodologias específicas a partir das

realidades pesquisadas e dos trabalhos similares já desenvolvidos.

Adotar uma ou outra definição altera os critérios de inclusão de uma pessoa na categoria da população de em situação de rua e, conseqüentemente, gera estimativas diferentes de seu contingente numérico. É crucial o estabelecimento de conceitos e metodologias de acesso a essa população, para que possamos dimensionar a questão local e nacionalmente. A definição da população em situação de rua varia desde a condição daqueles indivíduos que vivem nas ruas/albergues até aqueles que vivem em habitações precárias ou moram de favor em domicílios de parentes/amigos.

São inúmeras as barreiras para pesquisas de contagem da população de rua. Grandes dificuldades que podem levar a estimativas alteradas. Há dificuldade de acesso a pessoas que se encontram em locais de difícil visualização, e, assim, passam despercebidas em uma contagem. Existem, também, aquelas pessoas que se encontram em circulação constante pelas ruas durante grande parte do dia e até mesmo da noite, se distanciando dos

locais referenciados para os levantamentos e tornando sua localização difícil para as equipes da fase de coleta. E, temos as pessoas que são encontradas e se recusam a responder ou negam se encontrarem em situação de rua. Dias (1999), aponta, ainda, o fato de que a experiência de viver nas ruas por curto período de tempo, pode levar a que tal pessoa tenha menores chances de ser contada em um levantamento, realizado em uma única noite ou em uma semana.

Além dessas dificuldades, segundo Bacharach, é difícil chegar a um consenso do que seja uma moradia convencional. Bacharach aponta ser difícil enquadrar as pessoas que habitam locais alternativos (carro, barco), ou construídos com materiais não-usuais (palha, sapé). Esses locais são classificados de modo diferente, conforme são diferentes os valores das sociedades. (BACHARACH, *apud* DIAS, 1999)

Lovisi aponta para uma série de elementos a serem problematizados no caso de pesquisas com população de rua:

pessoas sabidamente sem-teto, ao serem entrevistadas, negam essa condição; há uma grande proporção de



moradores de rua que fica oculta: os pesquisadores não entram em contato com eles, pois se escondem ou dormem em locais inacessíveis aos pesquisadores (em garagens de carro, galerias de metrô e até em túneis); o sem-teto transitório ou intermitente: se fica na rua só um mês, ele não é contado no estudo de ponto-prevalência, sendo a intermitência frequente nos moradores de rua; a população de rua tem uma tendência de grande mobilidade, indo de um lugar para outro com muita frequência (LOVISI, 2000, p. 54).

O que se enfatiza é que a população em situação de rua não é um grupo homogêneo. Há vários subgrupos inseridos na sua conceituação e esses compartilham, em geral, das mesmas características e necessidades. O estereótipo do indivíduo que vive debaixo das pontes é apenas uma parcela dessa população. Conforme o relato de Roth & Bean, "a condição de sem-teto é um fenômeno complexo e complicado, sendo que as experiências e características dessas pessoas podem variar" (Roth & Bean, *apud* LOVISI, 2000)

Há, todavia, conforme mencionado anteriormente neste estudo, pelo menos três características que são comuns a todos os casos: a extrema pobreza, a

falta de moradia e o rompimento de vínculos iniciais. Dias destaca que, apesar dos obstáculos, a realização de pesquisas para estimar a população de rua é um fato em diversas partes do mundo. A autora prossegue afirmando que, se dispõe de poucos trabalhos com metodologia definida e explícita, que incluam a definição da população, método de amostragem e de coleta de dados e isso pode dar margem à proposição de números que expressem magnitudes conforme os interesses e visões do setor que o faz. (DIAS, 1999)

Assim, ainda de acordo com Dias, verificamos que, também a conceituação desse grupo populacional pode variar de acordo com os objetivos dos órgãos responsáveis pelo seu atendimento. Enquanto grupos de voluntários que trabalham com essa população tendem a usar uma conceituação mais ampla, agências governamentais inclinam-se a empregar uma definição mais restritiva, resultando em um número muito menor dessa população. (*ibidem*).

A publicação de trabalhos, e a discussão em torno dessas pesquisas, põe em relevo os critérios

adotados e, mesmo que ajam discordâncias sérias, o debate advindo é mais uma oportunidade para conhecer a população de rua e pensar alternativas de atendimento de suas necessidades.

Estas pesquisas apresentam sérias dificuldades, mas estimar a magnitude da questão é uma preocupação pertinente, que afeta diretamente o principal objetivo dos que trabalham e se interessam pela população em situação de rua: disponibilizar serviços adequados à mesma. De modo geral, quem lida com esse segmento percebe que os serviços são insuficientes, tanto em sua qualidade quanto em sua quantidade, frente ao aparente crescimento do número de moradores de rua. Tirar a população em situação de rua da invisibilidade passa, certamente pela construção de estudos oficiais sobre a mesma. Neste sentido, Natalino, destaca que

Há um legado de invisibilização do povo da rua por parte da sociedade quanto do poder público, incluindo nas políticas sociais. As interações de quem vive na rua com os agentes do Estado ainda é marcada por situações de assédio e violência em abrigos e em abordagens policiais, negação de atendimento por ausência de documentação ou

domicílio fixo, subtração de pertences e expulsão do espaço urbano. É frente a essa realidade concreta que se faz relevante para este segmento que eles “sejam contados”, oficialmente e literalmente, como passo necessário para o reconhecimento dos mesmos como sujeitos de direitos. De fato, a PNPR determina, em seu artigo sétimo, “instituir a contagem *oficial* da população em situação de rua” (negrito) como um de seus objetivos. (NATALINO, 2022, p. 6 – itálico do autor)

O autor, discutindo a construção de pesquisas com esta população afirma que

é bem mais difícil a contagem de pessoas não domiciliadas do que aquelas com endereço fixo. Por conta disso, é importante ressaltar que o que é possível medir, *strictu sensu*, é o número de pessoas em situação de rua que o Estado consegue enxergar. (NATALINO, 2022, p. 10).

Neste sentido e considerando as dificuldades apontadas para a realização de pesquisas deste tipo, entendemos que a construção de um censo desta população retrata as pessoas encontradas no período de realização da pesquisa. Esta nota se faz importante, pois entre outros elementos já sinalizados, a alta rotatividade desta população pela cidade e mesmo para fora dela,

impede que os dados sejam ampliados para o universo irrestrito, sem esta devida consideração. Trabalhos, como de SASS (2012) problematizam a denominação censo para outros estudos, menos complexos, inclusive, que os que tratam da população em situação de rua, como os do censo escolar. Nos parece pertinente esse questionamento já que a noção de censo aponta para uma contagem global que, neste sentido, podemos afiançar somente em termos de uma metodologia aplicada que dê conta de rastrear ao limite a população em situação de rua durante determinado período de tempo. No próprio censo domiciliar do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em suas pesquisas nacionais, as contagens não realizadas figuram na margem e são tomadas por observação qualificada a partir de estimativa de domicílio similar, possibilidade inexistente no caso da população em situação de rua. Toda pesquisa conta com intempéries que impedem sua plena realização como planejada e esperada. SASS (2012) afirma que

Censo, em suma, é definido como a aferição de características específicas de um universo de objetos

físicos e sociais, verificadas em todas as unidades ou elementos que compõem tal universo ou população, termos mais usuais em Estatística. Como se depreende, o censo não depende de objetos específicos. Um sinônimo de censo é o termo recenseamento, mais comumente aplicado para fazer referência à população de pessoas, caracterizado como *um conjunto de procedimentos operacionais com o objetivo de coletar, sistematizar e divulgar dados demográficos, econômicos e sociais da população (constituída por todos os habitantes de um país ou uma região) em um momento ou vários momentos especificados* (SASS, 2012, p. 133 – itálicos nossos).

Assim, os dados deste estudo representam a realidade encontrada, a partir de metodologia específica que será apresentada na sequência, na semana de coleta, entre 24 e 28 de outubro de 2022. Contudo, cumpre destacar que a metodologia construída tomou por base estudos já realizados e consolidados em municípios como Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, sendo a última escolhida como base de construção de nossos procedimentos metodológicos, por sua similaridade com as questões apontadas em Juiz de Fora nas reuniões de preparação da pesquisa. Também utilizamos

como referência de produção, a pesquisa nacional "Aprendendo a contar" (MDS, 2009) já mencionada anteriormente. Por fim, destacamos que, de forma geral, a leitura adequada dos dados encontrados não só no censo, mas também no diagnóstico, prescindem de uma compreensão adequada dos pressupostos teórico metodológicos explicitados anteriormente.

## **PARTE II - A PESQUISA EM JUIZ DE FORA**

O censo e diagnóstico da população adulta em situação de rua de Juiz de Fora foi conduzido a partir da formalização de parceria entre a Prefeitura de Juiz de Fora e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), capitaneada pela Secretaria Municipal de Assistência Social e pela Faculdade de Serviço Social, responsáveis pela construção da proposta e direcionamento do trabalho que, por sua vez, demandou o estabelecimento de outras parcerias de acordo com o andamento do projeto. Por se tratar de uma parceria interinstitucional, os objetivos foram adensados com a realização de atividades que interessam em diferentes momentos a ambas instituições.

Nesta seção apresentamos as definições categoriais utilizadas, assim como os objetivos, procedimentos metodológicos adotados, instrumentos de mapeamento das rotas e questionários de levantamento construídos coletivamente. Por fim, fazemos a exposição do trabalho de tratamento dos dados e do levantamento quantitativo que

expressa a contagem da população adulta em situação de rua em Juiz de Fora. Os dados coletados expressam a realidade encontrada no decorrer da semana da atividade de campo, de 24 à 28 de outubro de 2022.

### **2.1. Caracterização da população pesquisada**

População maior de 18 anos vivendo em situação de rua em Juiz de Fora: Grupo populacional heterogêneo, caracterizado por sua condição de pobreza extrema, pela interrupção ou fragilidade dos vínculos familiares e pela falta de moradia convencional regular. São pessoas compelidas a habitar logradouros públicos (ruas, praças, cemitérios, etc.), áreas degradadas (galpões e prédios abandonados, ruínas, etc.) e, ocasionalmente, utilizar abrigos e albergues para pernoitar. (BRASIL, 2008, p. 8);

#### **2.1.2 Caracterização dos pesquisadores**

Docentes da UFJF e estudantes de graduação e pós-graduação da UFJF.

## **2.2 Objetivos**

### **2.2.1 Objetivo geral**

*Quantificar* e investigar as características socioeconômicas e demográficas das pessoas adultas em situação de rua em Juiz de Fora.

### **2.2.2. Objetivos específicos**

- a) Identificar as demandas daqueles que vivenciam as ruas em JF;
- b) Identificar demandas reprimidas no sistema de atendimento;
- c) Criar uma base de dados que possa ser atualizada e retroalimentada sistematicamente facilitando assim a realização de outras pesquisas do gênero;
- d) Desenvolver metodologia específica de pesquisa com população em situação de rua;
- e) Capacitar alunos e alunas em metodologias de pesquisa e sobre a temática da população em situação de rua;
- f) Estimular a atuação interdisciplinar e interdepartamental na UFJF;
- g) Contribuir com a realização das funções de ensino-pesquisa e extensão;

- h) Oferecer dados para subsidiar políticas públicas.

## **2.3 Metodologia**

### **2.3.1. Construção da proposta de metodológica**

A partir do estabelecimento da parceria formal entre a Prefeitura de Juiz de Fora (PJF) e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), foi definida a composição da equipe técnica do projeto e foram realizadas reuniões ampliadas com parceiros para estruturação da pesquisa. Tais reuniões contaram com a discussão das melhores formas de construção do estudo. Foram debatidos desde o conceito de população em situação de rua que seria utilizado, até os questionários tomados como referências para adaptação para a realidade local, passando, também, pela discussão sobre a construção das rotas da pesquisa. Participaram destes encontros a equipe de coordenação do censo, representada por sua coordenadora geral, representantes da Secretaria de Assistência Social, Secretaria Especial de Direitos Humanos, Secretaria de Educação, Defesa Civil, Consultório na Rua,



Comitê da População em Situação de Rua e Equipe de Abordagem Social.

Inicialmente a sugestão foi a de tomarmos um conceito amplo de população em situação de rua que abrangesse, também, aqueles que vivem das ruas, mas retornam para casa ao final do dia. Contudo, entendemos que, assim como o levantamento de crianças e adolescentes exigiria uma metodologia específica, este também seria o caso desta parcela da população que sobrevive das ruas, mas conta com domicílio de retorno. Por isso, embora teórica e politicamente em acordo com a definição mais ampla, a equipe técnica optou por adotar o conceito expresso na Política Nacional para a Pessoa em Situação de Rua, também em razão de ser este o conceito utilizado na maioria dos municípios pesquisados na contagem nacional de 2009 já mencionada e, portanto, oferecer parâmetro de comparação e acompanhamento posterior. De toda forma, registramos a importância de ser realizado um estudo específico sobre a população que tira sua sobrevivência nas ruas da cidade, para que o mesmo possa ser adensado aos achados desta pesquisa e compor um trabalho mais integral.

Sobre os instrumentos de coleta e a definição das rotas, contamos com a imprescindível contribuição dos parceiros deste grupo ampliado em suas definições. Assim como buscamos variar os horários de coleta de dados em campo, a partir das sugestões dos mesmos.

Os parceiros também foram fundamentais na realização da etapa de capacitação dos bolsistas que atuaram como pesquisadores. Assim como na presença e assessoramento constante, sempre que necessário, antes, durante e após a coleta. Seria impossível a realização deste trabalho se o mesmo não fosse construído coletivamente à diversas e variadas mãos. Desde a concepção deste estudo até suas linhas finais, esta é a perspectiva norteadora.

### **2.3.2. Síntese das etapas metodológicas**

Montagem da equipe de coordenação; Seleção de estudantes bolsistas entrevistadores dos cursos da UFJF; Capacitação da equipe envolvida diretamente no Censo; Discussão e elaboração dos instrumentos de coleta com a equipe; Discussão e Elaboração do roteiro de

pesquisa a partir das rotas indicadas pelos abordadores, demais parceiros e equipe técnica; Apresentação e discussão do projeto e instrumentos de coleta e rotas com parceiros; Apresentação e discussão do projeto e instrumentos de coleta e rotas com as equipes técnicas e de abordagem dos serviços de população em situação de rua; Discussão dos instrumentos e rotas com os estudantes pesquisadores; Fechamento da versão final dos instrumentos de coleta e rotas definidos a partir das reuniões realizadas; Preparo do guia de pesquisa em conjunto com os estudantes entrevistadores; Preparo do Sistema que recebeu os dados para consolidação; Divulgação da realização do Censo entre a população em situação de rua em seus espaços de atendimento e na sociedade em geral, a fim de assegurar um processo de sensibilização, comprometimento e participação para realização do trabalho; Realização do pré-teste; Realização da pesquisa de campo na última semana de outubro de 2022; Reunião de avaliação com os estudantes pesquisadores; Lançamento e sistematização dos dados coletados; Consolidação dos dados; Produção do relatório final do

Censo; Entrega do relatório final do censo (Produto1). Consolidação dos dados diagnósticos; Produção do relatório final consolidado com os dois produtos: Censo (produto1) e Diagnóstico (produto 2). Entrega do relatório final do Projeto Censo e Diagnóstico da População Adulta em Situação de Rua em Juiz de Fora - MG.

### **2.3.3. Equipe de realização da pesquisa**

A coordenação dos trabalhos ficou a cargo da Faculdade de Serviço Social da UFJF que contou com a participação dos docentes: Prof. Dr. Alexandre Aranha Arbia (Coordenação de Área); Profa. Dra. Ana Maria Ferreira (Coordenação de Área), Profa. Dra. Marina Monteiro de Castro e Castro (Coordenação de Área) e Profa. Dra. Viviane Souza Pereira (Coordenação Geral). além destes, compõem a equipe técnica o Prof. Dr. Luiz Cláudio Ribeiro (Coordenação de Área), do Departamento de Estatística e o Prof. Dr. Telmo Mota Ronzani (Coordenação de Área), do Departamento de Psicologia.

Logo da formalização da parceria, a equipe técnica se

mobilizou para a elaboração, lançamento e divulgação do edital de seleção dos bolsistas. Como o projeto é uma ação de extensão com inovação e envolve, portanto, a Pró-Reitoria de Extensão da UFJF, o Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia (CRITT) e a Fundação de Apoio e Desenvolvimento ao Ensino, Pesquisa e Extensão (FADEPE), os editais foram diferenciados, para participação de bolsistas e voluntários. Ficando as bolsas submetidas à organização da FADEPE, com termos de compromisso, valores e cargas horárias específicas. Ficou estabelecido que contaríamos com 50 estudantes selecionados nos diversos cursos da UFJF. Como critérios para inscrição foram estabelecidos: matrícula regular e ativa em curso da UFJF, a partir do segundo período, e carga horária disponível, principalmente, para dedicação integral na semana de coleta de campo. Este foi o número considerado adequado pela equipe de Coordenação, tendo-se em consideração a modicidade no emprego de recursos materiais e humanos, eficiência e eficácia na realização do trabalho em todas as

suas etapas (da elaboração à execução), público alvo estimado, abrangência das rotas e territórios, tempo de execução e dinâmica do trabalho. As inscrições foram abertas em formulário específico disponibilizado no *Google Forms* que contou com questões nas quais os candidatos pudessem indicar experiência anterior com a temática e com o uso de sistemas de dados. Ao final do prazo de inscrições registramos o interesse de 467 estudantes. Os critérios de experiência com a temática e com bancos de dados foram utilizados como fatores de pontuação para a definição do grupo de 50 entrevistadores. Foi lançada uma primeira listagem com selecionados e pedido confirmação de participação por e-mail. Desta primeira listagem 38 entrevistadores concluíram o processo de seleção. Em segunda rodada, foram reaplicados os critérios de disponibilidade e interesse pela atividade na listagem inicial, alcançando-se os 50 participantes. Destes, os 10 com maior experiência anterior, seguiram com bolsas de dois meses, a fim de viabilizar a sistematização dos dados. Registramos, ainda, o interesse de participação voluntária de 3

estudantes de graduação, 2 de pós graduação e de mais uma docente. Ao final da coleta contamos com a permanência de 46 estudantes bolsistas, 3 estudantes voluntárias de graduação, 2 estudantes voluntários de pós-graduação e a docente voluntária. Prorrogamos por mais quatro meses, até o fechamento do projeto, a bolsa de dois estudantes que se destacaram na fase de coleta e sistematização de dados para que os mesmos pudessem contribuir também com a construção do diagnóstico qualitativo.

#### **2.3.4. Capacitações da equipe de entrevistadores**

Os estudantes selecionados participaram de 3 encontros de capacitação e 1 de avaliação. No dia 06 de outubro a equipe de coordenação de reuniu com os selecionados no auditório da Faculdade de Serviço Social. Neste primeiro encontro foram apresentados elementos essenciais sobre a população em situação de rua em geral, discutidos conceitos e formas de abordagem. Também foi objeto de discussão a proposta inicial dos instrumentos de coleta e o

material de orientações gerais aos entrevistadores (apêndice 5).

No dia 13 de outubro foi realizada uma capacitação de mais largo escopo, com a participação dos parceiros do projeto, na Casa dos Conselhos, no centro da cidade. Neste momento, a equipe contou com a contribuição direta dos agentes que atuam à frente do atendimento à população em situação de rua do município. Fizeram apresentações dos serviços e formas de abordagem, as Secretarias de Assistência Social, Direitos Humanos, Comitê da População em Situação de Rua e Consultório na Rua. Neste espaço, os estudantes e toda a equipe técnica puderam tirar dúvidas e construir reflexões fundamentais para o ajuste dos instrumentos e da proposta de abordagem em campo. No dia 20 de outubro, já tendo sido realizado o pré-teste no dia 18 de outubro, a capacitação ocorrida no auditório da Faculdade de Serviço Social concentrou-se nos últimos ajustes dos instrumentos de coleta, a partir dos elementos identificados na pré-testagem e, também, na adequação dos materiais de orientação aos entrevistadores (disponíveis nos apêndices 1, 2 e 5).

Por fim, dia 3 de novembro os estudantes foram convidados para uma reunião de avaliação. Nela expressaram as dificuldades na realização da pesquisa, mas sobretudo o grande processo de aprendizagem e satisfação com a participação no projeto. A partir de então, os 10 selecionados para a etapa 2 dos trabalhos, após uma nova reunião de capacitação, iniciaram, sob supervisão de membros da coordenação, a fase de digitação e sistematização dos dados em sistema específico. Ao final desta fase de digitação e sistematização, dois estudantes permaneceram até a finalização do projeto atuando no tratamento dos dados do diagnóstico.

### **2.3.5. Instrumentos de coleta e pré-teste**

A elaboração dos instrumentos de coleta teve início antes mesmo da formalização da parceria de realização do projeto, com o trabalho de pesquisa realizado

a partir dos estudos com população de rua em cidades como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Além de uma leitura atenta da pesquisa nacional "Aprendendo a Contar" (MDS, 2009) e do Diagnóstico da população em Situação de Rua de Juiz de Fora (JUIZ DE FORA, 2016).

Com a formalização da parceria, os instrumentos de coleta de São Paulo e Rio de Janeiro, considerados mais detalhados em termos diagnósticos, serviram de fomento para discussão da equipe ampliada de parceiros, solicitando-lhes que destacassem, as questões decisivas e que poderiam ser adaptadas para a realidade local. A partir deste levantamento inicial, as questões foram retrabalhadas de forma a se aproximar das necessidades de Juiz de Fora. Por escolha do grupo, o questionário base tomado como referência foi o da cidade do Rio de Janeiro, utilizado em sua última pesquisa do tipo em 2020<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup>Tudo o processo de construção do Censo do Rio de Janeiro pode ser consultado em: <https://www.data.rio/apps/PCRJ::censo-de-popula%C3%A7%C3%A3o-em-situa%C3%A7%C3%A3o-de-rua-2020-1/explore>. Destacamos que o material utilizado em Juiz de Fora, embora tenha

tomado os questionários do Rio de Janeiro como parâmetro, utilizou também aspectos do questionário de São Paulo. Em ambos os casos foram feitas alterações nas formulações para adaptação à realidade local, gerando um documento próprio.

A partir desta definição, a equipe técnica se debruçou neste material incluindo, retirando e reformulando questões a fim de adequar os instrumentos de coleta, sempre com o cuidado de não modificar muito os eixos das questões para assegurar, também e ao mesmo tempo, o parâmetro de comparação tão importante em pesquisas do tipo.

Optamos, então, para fins de otimização do trabalho, assim como ocorreu na pesquisa nacional "Aprendendo a contar" (MDS, 2009), por trabalharmos com a contagem geral, por meio de um questionário de levantamento censitário e a cada quantidade pré-determinada de aplicação deste questionário, com a aplicação de um outro questionário mais amplo, que denominamos "alongado", contendo as questões do diagnóstico. Isso será explicado mais detalhadamente no item de apresentação da pesquisa de campo.

Desta forma, foram elaborados dois instrumentos de coleta. Um do censo, específico para a contagem, que continha questões gerais de identificação e ao final um campo de observação para ser preenchido quando da

impossibilidade ou recusa de resposta. E outro, do diagnóstico, que continha as questões do censo, mais uma série de questões de cunho diagnóstico para possibilitar o levantamento do perfil geral da população em situação de rua. Este, também teve, ao final, um campo de observação para registro de contagem diante da impossibilidade ou recusa de entrevista.

Todos os questionários contaram com a estrutura: Bloco 0 - Controle de entrevista, onde constaram identificação do entrevistador, rua, setor e a pergunta filtro "Nos últimos 7 dias, você dormiu pelo menos um dia nas ruas?" (considerando aqui dormir em albergue como consequência de estar na rua também). Esta questão é fundamental para o entendimento do conceito utilizado nesta pesquisa. Consideramos a população em situação de rua que foi localizada nas ruas ou em instituições de acolhimento (abrigos). Não foram contabilizadas por questões metodológicas, como já mencionado anteriormente, a população que perambula pela ruas, por motivos diversos, mas não dorme nas ruas ou em instituições de atendimento. Pela compreensão da equipe este tipo de

pesquisa, embora seja fundamental, demanda a construção de outro tipo de metodologia e fundamentação teórica.

A partir de uma resposta afirmativa na questão filtro, os sujeitos eram convidados a participar da pesquisa. Entendemos que esta filtragem nos deixa mais próximos da realidade daqueles que, de fato, dormem nas ruas e ou em instituições.

No bloco 1 trabalhamos a identificação geral. A indagação do nome, apelido e nome da mãe, foi empregada como forma de minimizar as possibilidades de aplicação de questionários em duplicidade, excluindo-se assim as duplicações na fase de sistematização dos dados. Contudo, visando a deixar os entrevistados mais à vontade, contornando resistências, os entrevistadores foram orientados a informar que a identificação *não era obrigatória* e, claro, que poderiam encerrar a entrevista quando quisessem. Ainda neste bloco outras questões como idade, sexo, gênero, orientação sexual, raça, se de Juiz de Fora ou cidade de origem antes de Juiz de Fora e tempo de vivência de rua.

Assim, no questionário de Censo (Apêndice 1), para contagem, foram 10 questões e um campo para a observação contando com idade, raça e sexo, por aproximação a ser indicada pelos entrevistadores, quando da impossibilidade ou recusa de entrevista.

Já o instrumento de coleta do diagnóstico (Apêndice 2) contou com todas as questões do censo, mais uma série de outros blocos de questões. Contabilizando 46 questões ao final. No Bloco 2 – trajetória, Bloco 3 – serviços, Bloco 4 – trabalho e renda, Bloco 5 – saúde, Bloco 6 – uso de drogas, Bloco 7 – educação, Bloco 8 – violência e Bloco 9 – autopercepção.

Após a formatação final dos instrumentos de coleta, considerando ser este um instrumento já testado em outras realidades que foi adaptado para Juiz de Fora, foi realizado o pré-teste no centro da cidade, na noite do dia 18 de outubro. A partir do pré-teste, ajustes foram realizados nos instrumentos e no material de orientação aos entrevistadores. Foi estimada a duração das entrevistas do questionário alongado em 1h30min. Já do questionário “curto” (censitário), sua aplicação poderia

ser feita em uma média de 5 minutos. Consideramos que este tempo tenderia a diminuir com a apropriação dos questionários pelos entrevistadores e, também, como a desenvolvimento de técnicas de abordagem no decorrer das entrevistas na semana de coleta.

### **2.3.6. Rotas de pesquisa e divisão dos pesquisadores de campo**

A definição das rotas de pesquisa exigiu um trabalho substancial da equipe técnica e dos parceiros envolvidos e consta como apêndices 3 e 4 neste relatório parcial. Adotou-se como ponto de partida registros fornecidos pela equipe de abordagem social da PJJ e a indicação de locais de maior concentração territorial dessa população, mapeados pela Secretaria Especial de Direitos Humanos. A partir destes pontos, a equipe técnica construiu rotas e fluxos, considerando-se, a partir do esquadrinhamento das regiões, os logradouros a serem percorridos, o sentido das rotas e a cobertura das áreas.

Os trajetos a serem percorridos foram traçados em mapas das regiões da cidade. Os pontos de maior concentração, bem como os logradouros, foram identificados por meio de legenda, facilitando a orientação da localização. A metodologia desta construção procurou privilegiar uma abordagem radial, partindo do centro de cada área estabelecida para as regiões periféricas, os deslocamentos foram planejados de modo a ocorrer simultaneamente em logradouros próximos, afinando regiões descobertas. A cobertura de determinadas áreas foi seguida, no mais das vezes, pelo reagrupamento em pontos estratégicos e deslocamento secundário também para rotas pré-definidas. As áreas de maior incidência e/ou que demandassem atenção específica foram ressaltadas, e a equipe tomou o cuidado de concentrar-se, em maior número, para realizar abordagens rápidas e eficazes.

A cidade foi dividida em sete rotas (setores / regiões), detalhadas nos apêndices 3 e 4. A partir das rotas foi estabelecido o número de pesquisadores necessário para cada uma das ruas que compuseram as rotas, permitindo o deslocamento



simultâneo dentro do método acima descrito. Admitiu-se, também, a possibilidade de realização de um ou mais rotas em um mesmo dia de trabalho, conforme o desenvolvimento dos trabalhos. Com esta divisão, foi organizada a estrutura de transporte para os entrevistadores, assim como a dinâmica de entrega de questionários em branco e de recolhimento do material coletado. Foi elaborado um material por duplas contendo as ruas, direções e dias que deveriam ser trabalhadas (disponível no Apêndice 4).

Os pesquisadores foram divididos em duplas; cada dupla recebeu uma rota específica por dia de pesquisa. Deslocamentos maiores foram feitos com o serviço de transporte contratado para a atividade, que desembarcava os pesquisadores em pontos preestabelecidos, retornando para busca-los após a conclusão do trabalho na área. Estabeleceu-se como ponto diário inicial dos trabalhos o Parque Halfeld, em frente a escadaria da Câmara Municipal, no centro de Juiz de Fora.

### **2.3.7. A coleta dos dados**

O trabalho de coleta dos dados considerou aspectos importantes sinalizados pelas pesquisas realizadas em outros municípios e nacionalmente, tais como: a necessidade de ser realizada em dias de movimento habitual da cidade, ou seja, fora de feriados e datas comemorativas, o cuidado com a dupla contagem ou não contagem; ocorrer de forma simultânea nas ruas e instituições de atendimento e em dias sem chuvas impeditivas. Foram consideradas, também, as demandas postas pelos grupos de parceiros da pesquisa de que a contagem fosse realizada em horários diversos ao longo da semana para buscar captar as diversas formas de circulação da população em situação de rua na cidade.

A equipe ponderou as dificuldades adicionais de realização de contagem durante o dia, como as atividades laborais da população em situação de rua e sua mobilidade mais alta que o habitual neste período. Seu deslocamento, inclusive, termina eclipsado pela dinâmica citadina, sobretudo nos horários de *rush*. Desta forma, buscando atender a demanda do grupo parceiro e também evitando-

se o prolongamento da coleta após 22h30min, quando muitos já dormiram ou se preparavam para tal, foi determinado o horário inicial de 16h como um meio termo a ser experimentado.

Com essas premissas a coleta de dados em campo teve início em 24 de outubro, segunda-feira, às 16h. Para atender as exigências de aleatoriedade, os pesquisadores foram orientados a aplicar um questionário “longo” (diagnóstico – d) a cada 3 questionários curtos (censo – c), estabelecendo-se o seguinte intervalo: c / c / c / d / c / c / c / d / ...A coleta seguiu por toda a última semana de outubro. Teve início dia 24 e foi encerrada em 28 de outubro. A definição da pessoa que responderia ao questionário de diagnóstico foi feita por seleção aleatória dos respondentes, a fim de evitar vieses no momento da escolha.

No primeiro dia da pesquisa de campo, 24 de outubro, toda a equipe se encontrou no Parque Halfeld, às 15h onde foram distribuídos os kits para cada

pesquisador contendo: questionários, caneta, crachá e colete de identificação na cor vermelha<sup>5</sup>. Foram repassadas as orientações gerais de abordagem e pesquisa. Às 16h a equipe iniciou o percurso, neste dia da rota 5, conforme apêndices 3 e 4. O tempo de coleta foi prejudicado alguns minutos por uma chuva forte, período no qual a coleta ficou suspensa. Ao final do percurso os pesquisadores sinalizaram uma grande dificuldade de conseguirem realizar as entrevistas em função do horário, dado que vários abordados estavam realizando atividades de trabalho e não se mostraram disponíveis para conversar. Também apontaram como um desafio encontrar pessoas nas rotas estabelecidas e que após 21h30min muitos já estavam recolhidos para dormir e, também, indisponíveis para conversar. Relataram, ainda, um número expressivo de pessoas que vivem nas ruas, tiram dela sua sobrevivência, mas não dormem de fato. Importante destacar que este perfil já havíamos previsto encontrar, uma vez que outros

<sup>5</sup>Cumpramos ressaltar a importância da identificação dos entrevistadores; em especial, dado o fato de que a atuação do serviço de abordagem social, Consultório na Rua e membros da Secretaria de Direitos Humanos informaram às pessoas em

situação de rua, com uma semana de antecedência, a respeito da passagem dos entrevistadores. Essa ação foi fundamental para facilitar a atuação dos pesquisadores.

estudos do tipo já realizados indicavam este cenário. Neste primeiro dia foram aplicados 55 questionários do censo, 43 questionários do diagnóstico e 73 questionários de observação.

Avaliando o desenvolvimento da coleta no primeiro dia, a equipe técnica alterou o horário de início no segundo dia para 17h. Não choveu neste dia e a metodologia de diagnósticos foi alterada, mantendo-se a aleatoriedade, mas diminuindo-se o intervalo: o indicativo foi para a cada 3 questionários de censo aplicarem 1 de diagnóstico (c / c / d / c / c / d ...), objetivando maior aproveitamento das entrevistas. No segundo dia os pesquisadores percorreram as rotas de número 4 e 6, conforme apêndices 3 e 4. As duas rotas foram realizadas simultaneamente e, nesta noite foram visitados a Casa de passagem para homens, o Albergue da Calil Ahouagi e a Casa de passagem para mulheres em situação de rua, famílias em trânsito, transexuais e imigrantes (cuja localização situa-se nas rotas percorridas). A realização simultânea das entrevistas nas ruas e nas instituições de atendimento foi uma estratégia adota para minimizar a possibilidade de dupla contagem.

Na entrega do material coletado os pesquisadores apontaram a mesma dificuldade de localização de número expressivo de pessoas nas ruas e ressaltaram que algum tempo após o horário de entrada nas instituições ficava mais complexa a concessão das entrevistas, uma vez que muitos já se dirigiam para o dormitório ficando indisponíveis para a realização das mesmas. Relataram, também, a permanência de um número expressivo de recusas em responder o questionário por motivos diversos, "corre" do dia, jantar, identificação da pesquisa como partindo do poder público municipal e outras. Ainda foi observada uma redução no tempo de duração da aplicação dos diagnósticos em comparação com o dia 1, como havíamos projetado. Ao final do dia 2 foram realizados 68 questionários do censo, 38 questionários do diagnóstico e 47 questionários de observação.

A rota 7 foi realizada no terceiro dia da coleta, conforme apêndices 3 e 4, a partir das 17h. Neste dia os pesquisadores aplicaram a cada 3 questionários curtos de censo, um questionário longo de diagnóstico (no intervalo: c / c / d / c / c / d ...). Foram,

simultaneamente, percorridas as ruas, visitado a Casa Vivendas do Presente, no bairro Bela Aurora e revisitados o Albergue da Calil Ahouagi e a Casa de passagem para homens, pois no dia anterior muitos estavam já recolhidos quando foi realizada a visita inviabilizando a entrevista. Neste dia 3, os pesquisadores foram deslocados para as instituições logo na abertura das mesmas, o que resultou numa maior quantidade de questionários aplicados. Ao final da jornada, muitos dos entrevistadores relataram a permanência dos desafios encontrados nos dias iniciais e observaram, ainda, certa dificuldade em identificar de imediato, por meios meramente visuais, pessoas em situação de rua. Muitos abordados afirmaram não se encontrar em situação de rua. Este é um elemento adicional no desafio de pesquisas do tipo que precisa ser demarcado, uma vez que a forma de seleção para abordagem se baseia em critérios em grande parte subjetivos tanto da parte dos entrevistadores quanto dos entrevistados, que devem ou não reconhecer (e serem reconhecidos) em dita condição. Ao final do dia 3 foram realizados 47 questionários do censo, 46

questionários do diagnóstico e 26 questionários de observação.

No quarto dia da coleta, após avaliação do dia anterior, o horário de saída foi dividido e os pesquisadores foram orientados a cada 2 questionários curtos de censo aplicarem um alongado de diagnóstico, reduzindo-se o intervalo, mas mantendo-se a aleatoriedade (c / c / d / c / c / d / ...), acelerando-se a coleta de dados qualitativos. Uma van saiu com pesquisadores da UFJF, às 15h, em direção à rota 1, zona norte da cidade, conforme apêndices 3 e 4. Os pesquisadores desta área, além das ruas visitaram o Albergue de Benfica e a Casa da Cidadania. Outra equipe se deslocou, às 17h para o cumprimento das rotas 2 e 3, conforme apêndices 3 e 4. Neste dia, um atraso imprevisto das vans no deslocamento dos pesquisadores dificultou a organização das rotas e demandou uma reestruturação para o próximo dia. Assim, alguns pesquisadores se deslocaram novamente para a Praça da Estação, já em horário mais avançado, de modo a alcançar pessoas em situação de rua já instaladas (o que não fora possível na primeira abordagem), realizando um segundo percurso na

rota, em horário alternativo, o mesmo expediente foi aplicado à Praça do Cemitério, onde na primeira abordagem foram encontradas barracas, mas sem os moradores. O entorno do bairro Vitorino Braga e do Terminal Rodoviário Miguel Mansur da que estavam previstos para este dia, foram feitos no dia 5 da coleta. Ao final do dia 4 foram realizados 87 questionários do censo, 51 questionários do diagnóstico e 67 questionários de observação.

Começamos o quinto e último dia da coleta, 28 de outubro, às 10h da manhã com a cobertura do Restaurante Popular e da Sopa dos Pobres. Os pesquisadores foram orientados a priorizar a aplicação do questionário do censo nestes locais, a fim de potencializar o tempo em fila para abertura dos serviços e otimizar a contagem *strictu sensu* da população em situação de rua que ainda não havia sido abordada. Uma observação importante a ser feita nestes estabelecimentos é o fato de muitas pessoas que frequentam não serem população em situação de rua, mas pessoas que, mesmo com domicílio, se encontra em situação de pobreza e insegurança alimentar. No período da tarde choveu forte na

cidade, mas mesmo assim uma equipe foi deslocada para o Vitorino Braga, ponto delicado de abordagem em função de constituir cena de uso de drogas conhecida na cidade. Lá, foi encontrado um número de aproximadamente 30 pessoas em uso, mas "não foi autorizada" a entrada no local. Em função disso, estas pessoas não foram contabilizadas, uma vez que, conforme informação dada pelos próprios "controladores do espaço", vários moradores da cidade, em condição de rua ou não, frequentam o local para uso de drogas. Assim, avaliamos, como melhor alternativa, desconsiderar esse número de pessoas, uma vez que não havia como identificar se eram população em situação de rua ou não. Importa destacar que contabilizá-los caracterizaria, entre outros problemas metodológicos, um adensamento ao preconceito presente no senso comum que estabelece a pessoa em situação de rua como dependente de drogas potencial. Assim, os questionários foram aplicados nas ruas do bairro, definidas na rota, conforme os apêndices 2 e 3. De lá a equipe seguiu para a Praça Teotônio Vilela, conhecida como Praça do Sayonara e

fechou o dia de coleta no entorno da Rodoviária Miguel Mansur. Ao final do dia 5, as observações dos desafios permaneceram, com destaque para à cena de uso que foi relatada acima. Foram realizados 81 questionários do censo, 51 questionários do diagnóstico e 67 questionários de observação.

De forma geral, excluindo-se as dificuldades inerentes ao trabalho de campo em pesquisa não foram registradas grandes intercorrências. No decorrer desta semana confirmamos os desafios deste tipo de pesquisa. Encontramos diversas situações, relatadas acima, que já haviam sido encontradas nas metodologias desenhadas por outros municípios que serviram de referência para este estudo. Por outro lado, os pesquisadores destacaram a boa receptividade de grande parte das pessoas em situação de rua, assim como a riqueza de suas histórias e a acolhida e apoio das instituições de atendimento.

Por fim, importa sinalizar que, para estudos futuros deste tipo, seria mais adequada a realização dos procedimentos com maior tempo, permitindo-se duas fases distintas de coleta de dados: 1<sup>a</sup>) aplicação de questionários censitários e 2<sup>a</sup>)

retorno, realizada a contagem, para a aplicação de questionários diagnóstico em amostragem estratificada. Entendemos que a extensão das questões presentes no questionário alongado reduz o tempo para varredura de contagem o que implicou, para que não houvessem prejuízos metodológicos, além de uma reestruturação diária do percentual de diagnósticos e censos a serem aplicados, uma retomada em alguns locais estratégicos de grande circulação e que haviam contabilizado poucas pessoas, conforme relatado na agenda de campo exposta acima.

### **2.3.8. Digitalização e sistematização dos dados coletados**

Antes mesmo do término da coleta de campo, alguns bolsistas já trabalhavam na preparação do sistema para recebimento dos dados. Após o campo, o material foi levado para a UFJF e, teve início a etapa de digitalização e sistematização dos dados, que, em sua integralização qualitativa mais ampla, ainda está em curso. Nesta fase do projeto contamos com 10 estudantes bolsistas que, sob a coordenação dos

professores coordenadores, atuaram na separação dos questionários, digitalização dos mesmos a partir de preceitos estabelecidos para consideração ou não, de utilização e validade do material. Inicialmente foi criada a máscara do banco de dados, definindo as variáveis e suas respectivas organizações. Algumas perguntas foram adaptadas a fim de adequar os padrões de respostas obtidos na coleta. O cuidado com a dupla contagem foi um dos eixos nesta fase, assim como a consulta dos entrevistadores em caso de dúvidas dos digitadores. Utilizou-se o programa SPSS e os estudantes foram orientados a salvar individualmente as digitações, posteriormente unificadas em um único banco de dados. A fase seguinte foi o trabalho de crítica dos dados com o objetivo de certificar do controle de qualidade da digitação. No tratamento dos dados do diagnóstico verificou-se a necessidade de agrupamento de alguns dados para fins de apresentação e os mesmos foram agrupados em tabelas e estão apresentados, em forma de síntese de resultados, ao final de cada bloco de dados. Respostas com inconsistências ou problemas de

digitação foram filtradas e corrigidas. Certificada a qualidade dos dados, procedeu-se a análise inicial e realização de estatísticas descritivas da pesquisa.

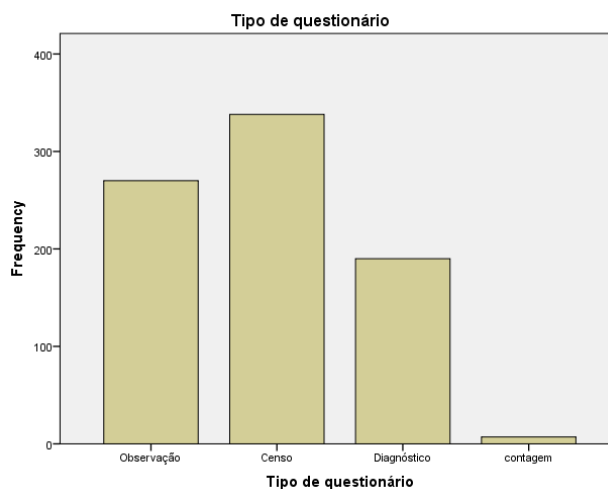
#### **2.4. Dados encontrados**

Preliminarmente, destacamos o fato de que serão apresentados neste relatório *somente os dados referentes ao censo*. Como se observa no questionário de diagnóstico (Anexo 2), uma análise qualitativa estendida será apresentada no segundo relatório.

Durante a unificação dos bancos de dados surgiram problemas relacionados à padronização das informações coletadas, devido a quantidade de digitadores presentes na pesquisa. Nesse sentido, houve a necessidade de padronizar os dados de uma maneira geral no banco unificado. Após essa padronização, identificou-se alguns questionários com informações repetidas, o que leva à conclusão de que são questionários duplicados (entrevistados que responderam mais de uma vez o censo); esse erro também foi corrigido e os questionários eliminados do banco de dados.

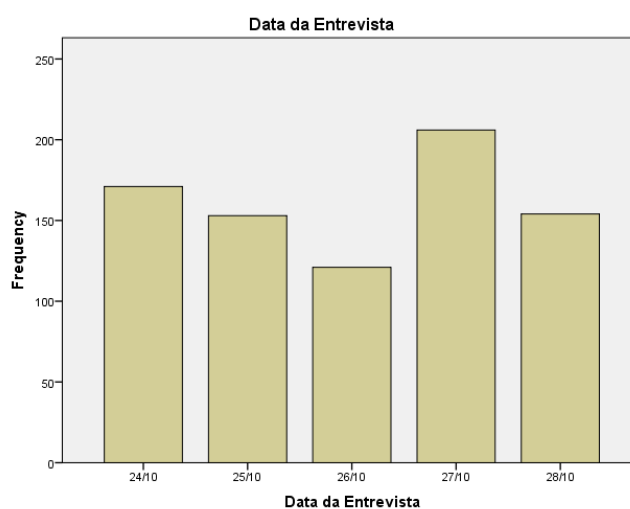
### 2.4.1. Estatísticas referentes à metodologia

Tipo	Frequência	Porcentagem
Observação	270	33,5
Censo	338	42,0
Diagnóstico	190	23,6
contagem	7	,9
Total	805	100,0



Foram coletados dados referentes a 805 pessoas. Desse total, 338 (42,0%) foram referentes às questões do censo e 190 (23,6%) ao diagnóstico. Duzentos e setenta pessoas foram consideradas por meio de observação e apenas sete por contagem.

	Frequência	Porcentagem
24/10	171	21,2
25/10	153	19,0
26/10	121	15,0
27/10	206	25,6
28/10	154	19,1
Total	805	100,0



O número de questionários aplicados variou entre 121 (no terceiro dia de coleta) e o máximo de 206, no quarto dia. No primeiro dia, foram aplicados 171 questionários.



		Tipo de questionário				Total
		Observação	Censo	Diagnóstico	contagem	
Data da Entrevista	24/10	73	55	43	0	171
		42,7%	32,2%	25,1%	0,0%	100,0%
	25/10	47	68	38	0	153
		30,7%	44,4%	24,8%	0,0%	100,0%
	26/10	26	47	46	2	121
		21,5%	38,8%	38,0%	1,7%	100,0%
	27/10	67	87	51	1	206
		32,5%	42,2%	24,8%	0,5%	100,0%
	28/10	57	81	12	4	154
		37,0%	52,6%	7,8%	2,6%	100,0%
Total		270	338	190	7	805
		33,5%	42,0%	23,6%	0,9%	100,0%

No primeiro dia de coleta, aplicados 171 questionários, 42,7% dos quais foram provenientes de observação, 32,2% do censo e 25,1% de diagnóstico. No dia 27 conseguiu-se o maior número de questionários aplicados (206), dos quais 42,2% foram do censo e 24,8% do diagnóstico.

Pergunta filtro		
	Frequência	Porcentagem
Sim	602	74,8
não soube responder	1	,1
não respondeu	202	25,1
Total	203	25,2
Total	805	100,0

Obtivemos sim como resposta de 602 questionários, para pergunta filtro, e 203 não tivemos resposta, um número até menor do que os questionários de observação. Sendo assim, sabemos que alguns questionários de observação o entrevistado não quis responder o censo, porém disse que era uma pessoa em situação de rua.

Condições de realização do questionário		
	Frequência	Porcentagem
possível	467	58,0
impossível	169	21,0
interrompida	38	4,7
Total	674	83,7
Missing 99	131	16,3
Total	805	100,0

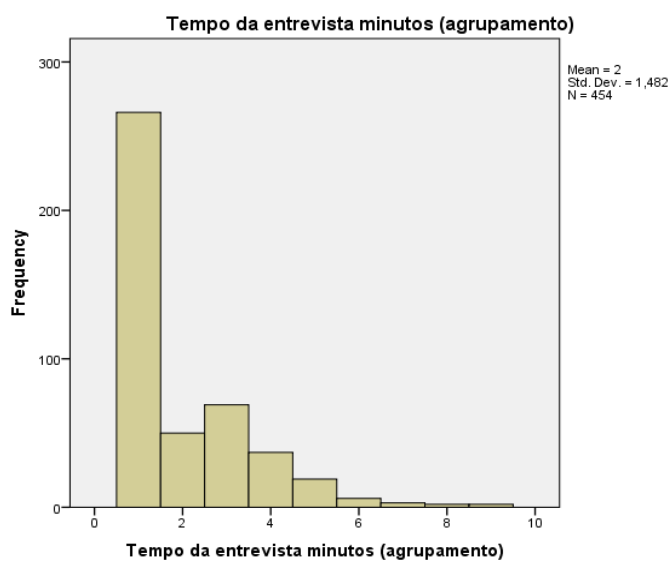
**Justificativa para não realização**

	Frequência	Porcentagem
sonolência, apatia, letargia	30	3,7
alteração/torpor por uso de álcool ou outras drogas	21	2,6
outro motivo de saúde	8	1,0
risco, perigo, agressividade	17	2,1
interferência externa (sons, outras pessoas, etc)	17	2,1
não quis responder	34	4,2
Total	127	15,8
Missing	99	678
Total	805	100,0

Denota-se que em quase 70% das aplicações foi possível concluir o procedimento (seja ele referente a censo ou diagnóstico). Dos fatores impossibilitantes, destaque para desinteresse (“não quis responder”), com 26,8% e “sonolência, apatia ou letargia”, com 23,6%.

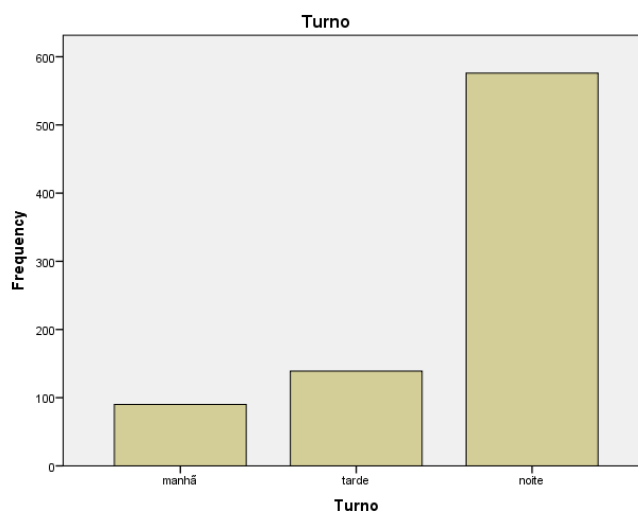
**Tempo da entrevista minutos (agrupamento)**

	Frequência	Porcentagem
1-9	266	33,0
10-19	50	6,2
20-29	69	8,6
30-39	37	4,6
40-49	19	2,4
50-59	6	,7
60-69	3	,4
70-79	2	,2
80-89	2	,2
Total	454	56,4
Missing	99	351
Total	805	100,0



O tempo de entrevista foi coletado em 454 questionários. Os tempos mais longos são referentes aos diagnósticos, pois o questionário abrange um número maior de perguntas. O intervalo de tempo mais frequente foi de 1 a 9 minutos, com 266 questionários (33%).

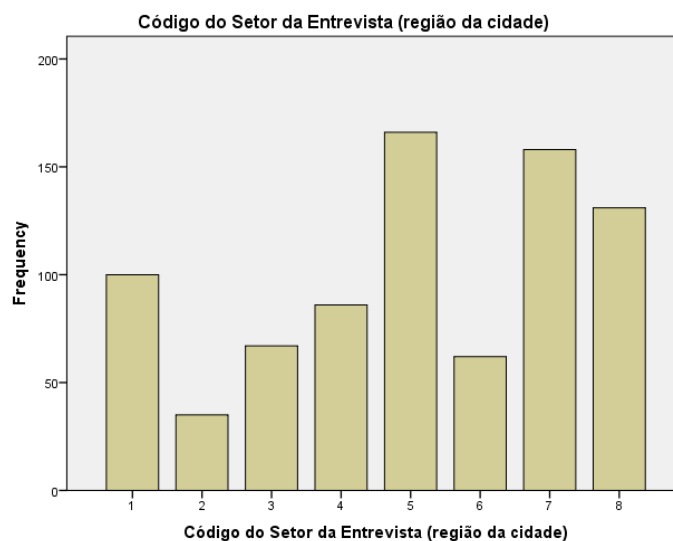
Turno		
	Frequência	Porcentagem
Valid manhã	90	11,2
Valid tarde	139	17,3
Valid noite	576	71,6
Total	805	100,0



No turno da manhã foram aplicados 90 questionários. No turno da tarde foram 139 e à noite 576.

**Código do Setor da Entrevista (região da cidade)**

	Frequência	Porcentagem
1	100	12,4
2	35	4,3
3	67	8,3
4	86	10,7
5	166	20,6
6	62	7,7
7	158	19,6
8	131	16,3
Total	805	100,0



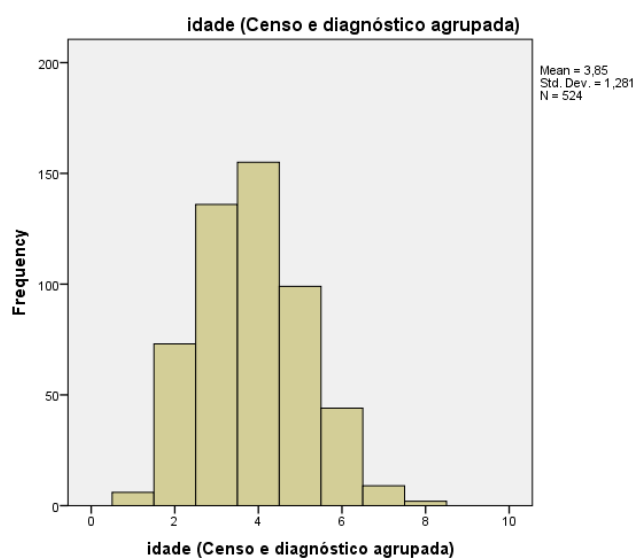
Foram coletados dados de diversas regiões da cidade. Essas regiões foram divididas em setores. O setor 5 foi o de maior número de entrevistas (166), o que representou 20,6% do total. As rotas podem ser observadas no Anexo III.

### 2.4.2. Dados Censitários da população adulta em situação de rua

Encerradas as estatísticas metodológicas, podemos passar finalmente à apresentação do perfil censitário. Os dados censitários referem-se ao número total de pessoas adultas em situação de rua contabilizado em Juiz de Fora e dizem respeito à sua identificação e tempo de vida na rua.

**Idade (Censo e diagnóstico agrupada)**

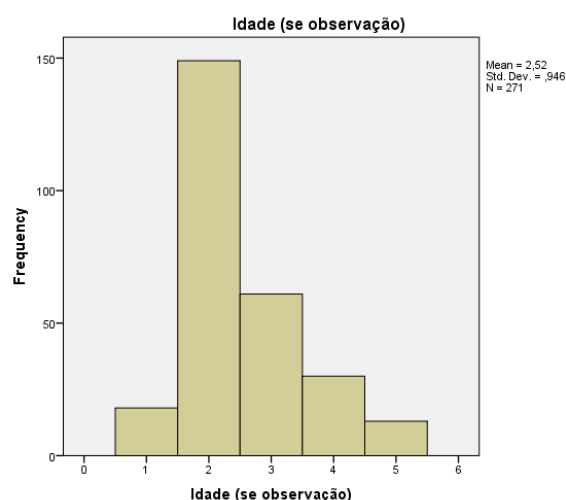
	Frequência	Porcentagem
10-19	6	,7
20-29	73	9,1
30-39	136	16,9
40-49	155	19,3
50-59	99	12,3
60-69	44	5,5
70-79	9	1,1
80-89	2	,2
Total	524	65,1
Missing	99	281
Total	805	100,0



Foram coletados dados referentes à idade exata dos 524 respondentes do censo ou do diagnóstico. A faixa etária mais frequente foi entre 40 a 49 anos, com 155 questionários (19,3%).

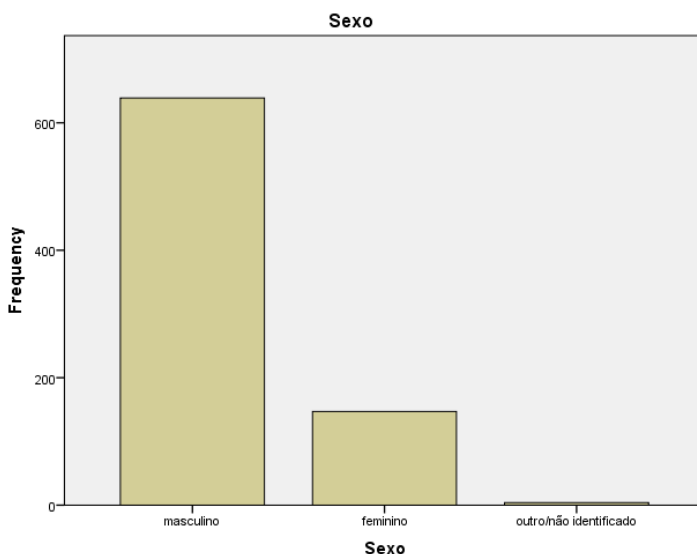
**Idade (se observação)**

	Frequência	Porcentagem
18-25	18	2,2
25-40	149	18,5
40-50	61	7,6
50-60	30	3,7
mais de 60	13	1,6
Total	271	33,7
Missing	99	534
Total	805	100,0



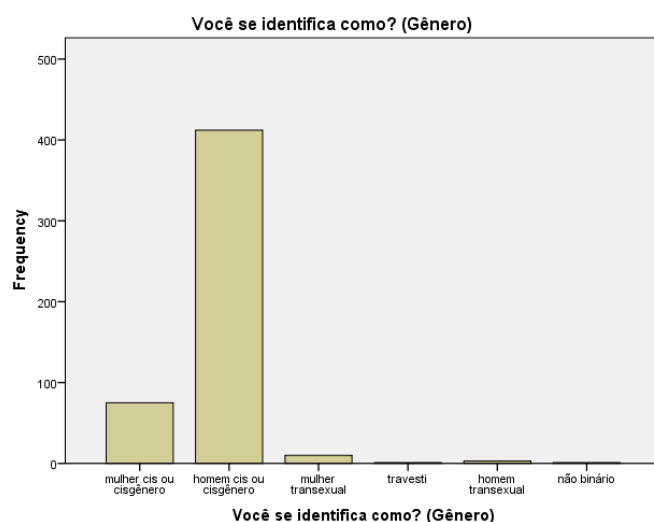
Dentre os 271 questionários de observação, a faixa etária estimada mais frequente foi de 25 a 40 anos, 149 questionários (18,5%). Dado importante de informar: somando 524 (idade censo – diagnóstico) mais 271 (idade observação) obtivamos 795 questionários, os 10 faltantes, 7 deles foram contagem que não tem idade observadas, 2 foram questionários de diagnóstico que a pessoa não respondeu a idade e um censo que também não respondeu.

Sexo			
	Frequência	Porcentagem	
Valid	masculino	639	79,4
	feminino	147	18,3
	outro/não identificado	4	,5
	Total	790	98,1
Missing	não sabe	4	,5
	não respondeu	11	1,4
	Total	15	1,9
Total	805	100,0	



Declararam-se do sexo masculino, 639 pessoas (79,4%). Do sexo feminino, 147 (18,3%). Outras 4 responderam outro ou o sexo não foi identificado (0,5%) e 15 dados são faltantes (não se dispõe de informação sobre a idade).

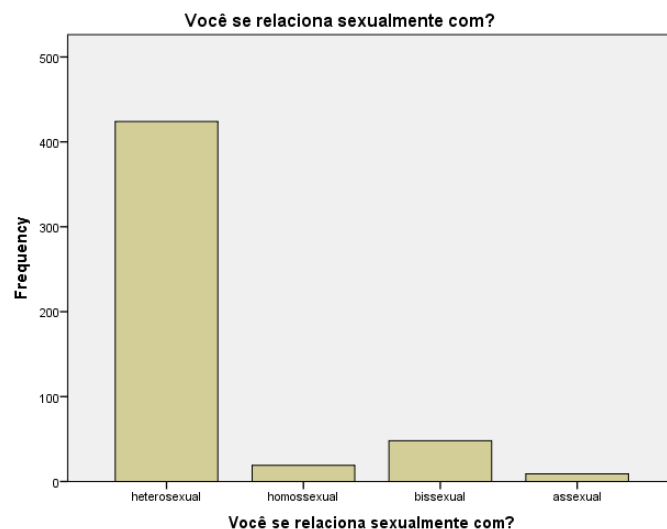
Você se identifica como? (Gênero)			
	Frequência	Porcentagem	
	mulher cis ou cisgênero	75	9,3
	homem cis ou cisgênero	412	51,2
	mulher transexual	10	1,2
	travesti	1	,1
	homem transexual	3	,4
	não binário	1	,1
	Total	502	62,4
Missing	não sabe	6	,7
	não respondeu	297	36,9
	Total	303	37,6
Total	805	100,0	



Mais da metade dos respondentes se declarou como homem cis (412 ou 51,2%). Dados sobre gênero não foram obtidos para 303 pessoas (37,6%).

**Você se relaciona sexualmente com?**

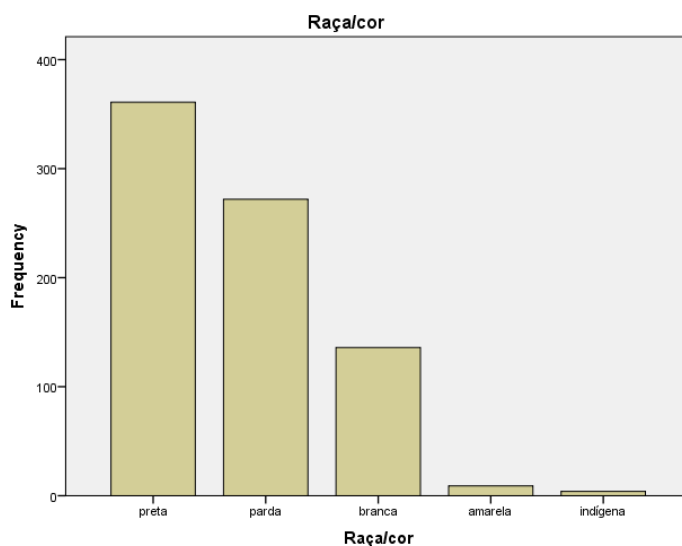
	Frequência	Porcentagem
Heterossexual	424	52,7
Homossexual	19	2,4
Bissexual	48	6,0
Assexual	9	1,1
Total	500	62,1
não sabe	12	1,5
Missing não respondeu	293	36,4
Total	305	37,9
<b>Total</b>	<b>805</b>	<b>100,0</b>



Quatrocentos e vinte e quatro pessoas afirmaram se relacionar sexualmente com pessoas de sexo oposto (heterossexual), o que representa 84,5% das pessoas para as quais essa informação é disponível.

**Raça/cor**

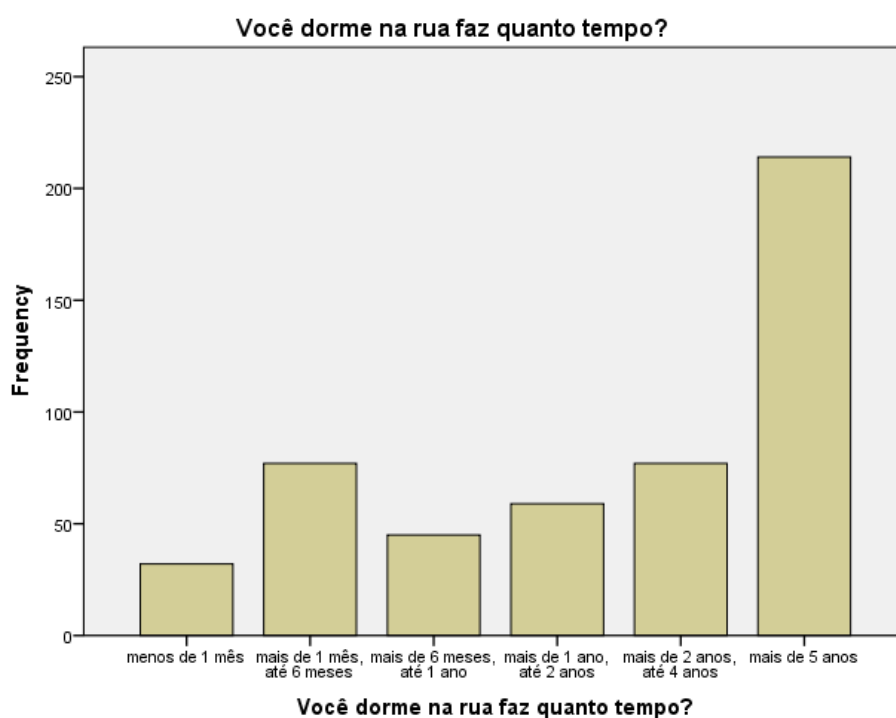
	Frequência	Porcentagem
Preta	361	44,8
Parda	272	33,8
branca	136	16,9
amarela	9	1,1
indígena	4	,5
Total	782	97,1
não sabe	8	1,0
Missing não respondeu	15	1,9
Total	23	2,9
<b>Total</b>	<b>805</b>	<b>100,0</b>



Com relação à cor, 361 (44,8%) se declararam pretas, 272 (33,8%) se identificaram como pardas. Pretos e pardos representam, portanto, aproximadamente 80% da população em situação de rua em Juiz de Fora.

**Você dorme na rua faz quanto tempo?**

	Frequência	Porcentagem
menos de 1 mês	32	4,0
mais de 1 mês, até 6 meses	77	9,6
mais de 6 meses, até 1 ano	45	5,6
mais de 1 ano, até 2 anos	59	7,3
mais de 2 anos, até 4 anos	77	9,6
mais de 5 anos	214	26,6
Total	504	62,6
não sabe	12	1,5
Missing não respondeu	289	35,9
Total	301	37,4
<b>Total</b>	<b>805</b>	<b>100,0</b>



Duzentos e catorze respondentes (26,6% do total de 805) afirmaram que dormem na rua há mais de 5 anos.

Em resumo, podemos afirmar que o perfil médio da pessoa em situação de rua em Juiz de Fora é do sexo masculino, homens cisgêneros, heterossexuais, pretos (e pardos), possuem entre 30 e 50 anos (adultos maduros) e estão em situação de rua há mais de 5 anos.

### **2.4.3. Dados diagnósticos da população adulta em situação de rua**

Os dados apresentados a partir deste ponto referem-se ao trabalho diagnóstico realizado com 190 pessoas entrevistadas em profundidade, por meio do questionário de coleta denominado longo. Estão apresentados por seções que correspondem aos blocos do instrumento de coleta (Apêndice 2).

#### **2.4.3.1 Seção I: Dados estatísticos da coleta e Identificação**

##### **Principais resultados**

- 23,6 % da população em situação de rua contabilizada respondeu ao questionário diagnóstico;
- Todos os 190 entrevistados (100%) responderam à pergunta filtro confirmando que estão em situação de rua;
- Mais de 78% dos questionários diagnósticos foram aplicados no turno da noite;
- O setor 7 da cidade (conforme anexo) foi a região de maior aplicação do diagnóstico, com 30,5% do total;
- Quase um terço das pessoas tem idade entre 40 a 49 anos, sendo a média de idade 43,2 anos;
- A grande maioria é do sexo masculino (84,7%), homens cis (78,9%) e heterossexuais;
- 75% são pessoas pretas e pardas;
- Duas de cada três pessoas (66,3%) estão a mais de um ano dormindo nas ruas, sendo 39,5% a mais de 5 anos;
- Metade dos entrevistados são nascidos em Juiz de Fora;
- Dos que não são de Juiz de Fora 74,8% não desejam retornar às suas cidades natais;
- 58,4% possuem contato com as famílias, sendo 42,6% em Juiz de Fora e 15,8% em outra cidade;



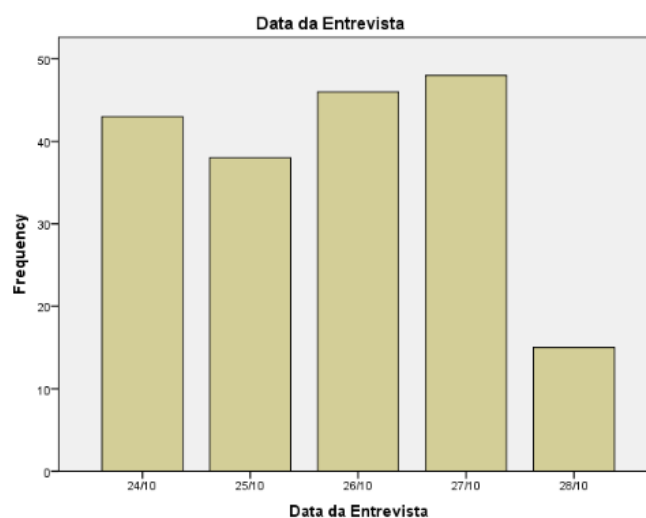
- 70 % possuem certidão de nascimento, 67,45% CPF e 61,15 % carteira de identidade.

A seção I apresenta as estatísticas de coleta dos dados diagnósticos no decorrer da semana de coleta, assim como a identificação geral dos entrevistados por este instrumento, apresentando não só sua caracterização de perfil, como também vínculos familiares, locais de origem, nascimento e documentações. Das 805 pessoas contabilizadas como em situação de rua, 190 responderam ao questionário do tipo Diagnóstico, o que representou 23,6% do total.

A aplicação do questionário diagnóstico se deu de forma aproximadamente uniforme entre segunda e quinta feira. Na sexta feira, foi aplicado o menor número de diagnósticos (7,9% dos 190).

**Data da Entrevista**

	Frequência	Porcentagem
24/10	43	22,6
25/10	38	20,0
26/10	46	24,2
27/10	48	25,3
28/10	15	7,9
Total	190	100,0



Mais de 78% dos questionários foram aplicados no turno da noite. Apenas 4 foram no turno da manhã. E o setor 7 foi onde se aplicou o maior número de diagnósticos (58), o que representou 30,5% do total.

**Turno**

	Frequência	Porcentagem
manhã	4	2,1
tarde	37	19,5
noite	149	78,4
Total	190	100,0

O setor 7 foi onde se aplicou o maior número de diagnósticos (58), o que representou 30,5% do total<sup>6</sup>.

**Código do Setor da Entrevista (região da cidade)**

	Frequência	Porcentagem
1,00	28	14,7
2,00	12	6,3
3,00	7	3,7
4,00	24	12,6
5,00	39	20,5
6,00	11	5,8
7,00	58	30,5
8,00	11	5,8
Total	190	100,0



Todos os 190 entrevistados responderam à pergunta filtro, dizendo que estão em situação de rua. Dentre os entrevistados foi possível a aplicação completa de 162 questionários (85,3%). Vinte entrevistas tiveram de ser interrompidas, por motivos diversos apresentados na tabela referente.

<sup>6</sup> As rotas referentes aos respectivos setores podem ser observadas no Apêndice III.

**Pergunta filtro**

	Frequência	Porcentagem
Sim	190	100,0

**Condições de realização do questionário**

	Frequência	Porcentagem
possível	162	85,3
interrompida	20	10,5
não respondeu	8	4,2
Total	190	100,0

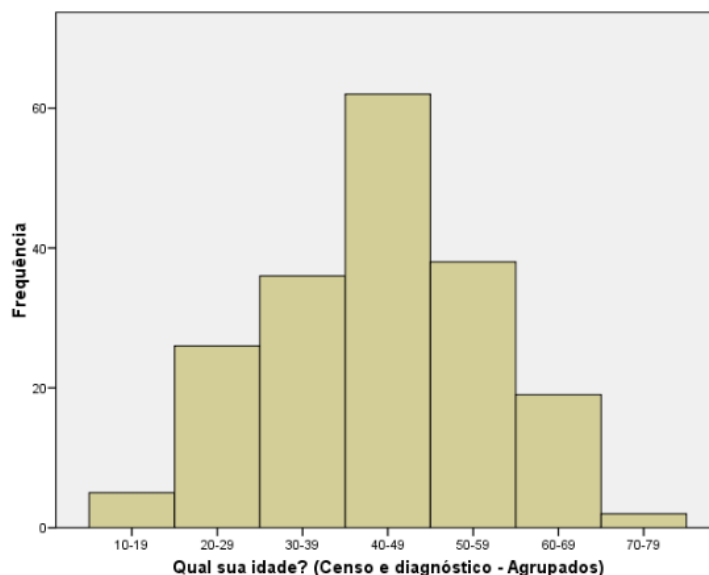
**Justificativa para não realização**

	Frequência	Porcentagem
sonolência, apatia, letargia	3	1,6
alteração/torpor por uso de álcool ou outras drogas	4	2,1
risco, perigo, agressividade	1	0,5
interferência externa (sons, outras pessoas, etc)	4	2,1
não respondeu	178	93,7
Total	190	100,0

Apenas uma pessoa teve sua faixa etária estimada por observação. Quase um terço das pessoas tem idade entre 40 a 49 anos. Duas pessoas não responderam sua idade. A pessoa cuja idade foi estimada por observação foi contabilizada nesta faixa etária. A média das idades foi de 43,2 anos. Metade dos entrevistados tinham até 42 anos. A pessoa mais nova tinha 18 anos e a mais idosa, 74 anos. O desvio padrão foi de 12,7 anos.

**Qual sua idade? (Diagnóstico - Agrupados)**

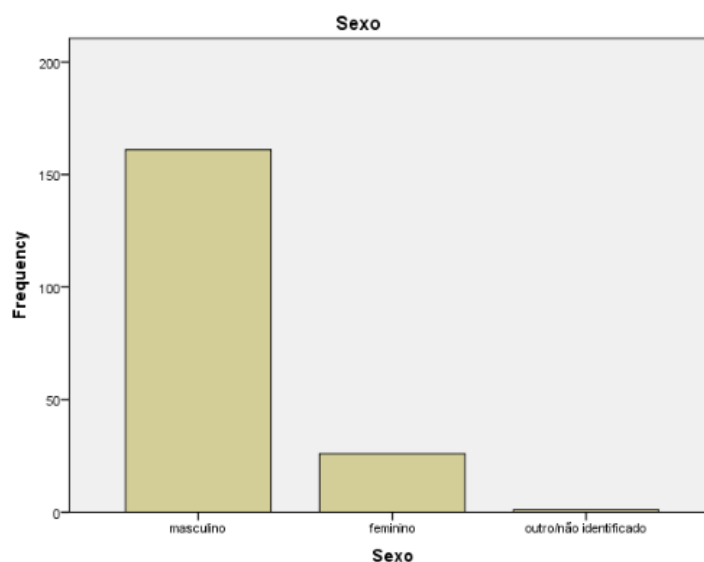
	Frequência	Porcentagem
10-19	5	2,6
20-29	26	13,7
30-39	36	18,9
40-49	62	32,6
50-59	38	20,0
60-69	19	10,0
70-79	2	1,1
Total	188	98,9
não respondeu	2	1,1
Total	190	100,0



A grande maioria das pessoas que respondeu ao diagnóstico disse ser do sexo masculino (84,7%). Uma pessoa respondeu a alternativa “outro/não identificado” e duas pessoas não responderam a essa questão.

Qual o seu sexo?

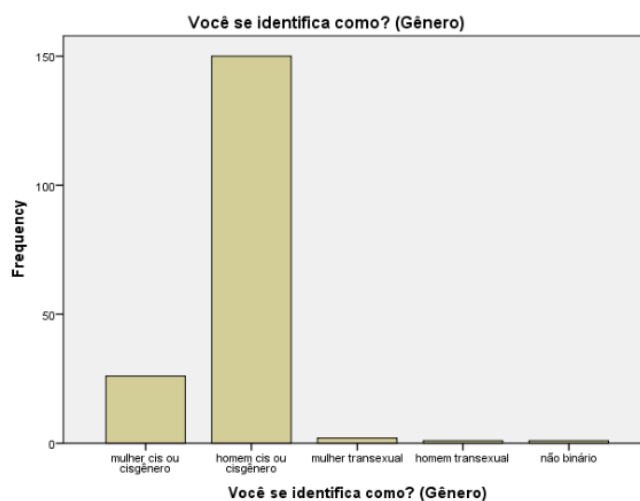
	Frequência	Porcentagem
masculino	161	84,7
feminino	26	13,7
outro/não identificado	1	0,5
não respondeu	2	1,1
Total	190	100,0



Ao serem questionados sobre sua identidade de gênero, 150 pessoas (78,9%) se identificaram como homem cis ou cisgênero. Vinte e seis pessoas se identificaram como mulher cis ou cisgênero (13,7%). Três pessoas se identificaram como transexual, sendo duas mulheres e um homem. Uma pessoa se identificou como não binária.

Você se identifica como? (Gênero)

	Frequência	Porcentagem
mulher cis ou cisgênero	26	13,7
homem cis ou cisgênero	150	78,9
mulher transexual	2	1,1
homem transexual	1	0,5
não binário	1	0,5
não sabe	2	1,1
não respondeu	8	4,2
Total	190	100,0



Quatro de cada cinco pessoas (82,5%) afirmaram ter relacionamentos heterossexuais. Outras 8,4% disseram ter relacionamentos bissexuais. Dez pessoas (5,3%) afirmaram manter relações homossexuais e duas pessoas (1,1%) disseram ser assexuais.

Você se relaciona sexualmente com?

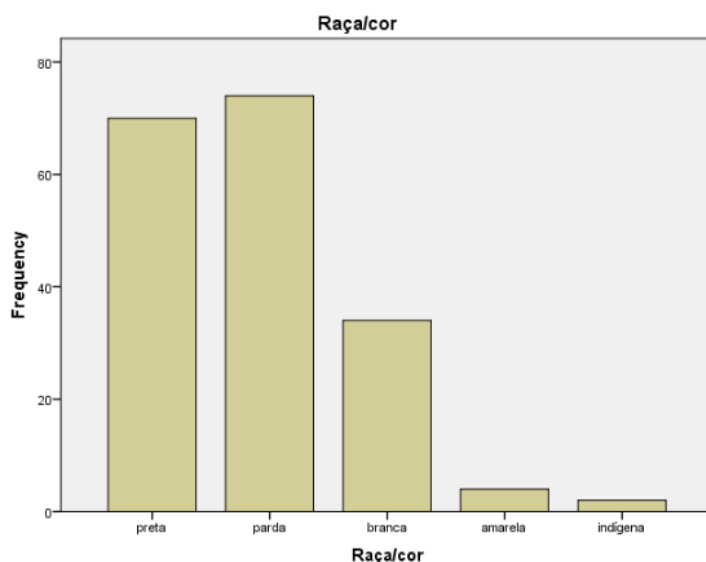
	Frequência	Porcentagem
heterossexual	157	82,6
homossexual	10	5,3
bissexual	16	8,4
assexual	2	1,1
não sabe	1	0,5
não respondeu	4	2,1
Total	190	100,0



Setenta e quatro pessoas responderam ser da cor parda e outras 70, pretas, o que representa 75% do total.

Raça/cor

	Frequência	Porcentagem
preta	70	36,8
parda	74	38,9
branca	34	17,9
amarela	4	2,1
indígena	2	1,1
não sabe	3	1,6
não respondeu	3	1,6
Total	190	100,0

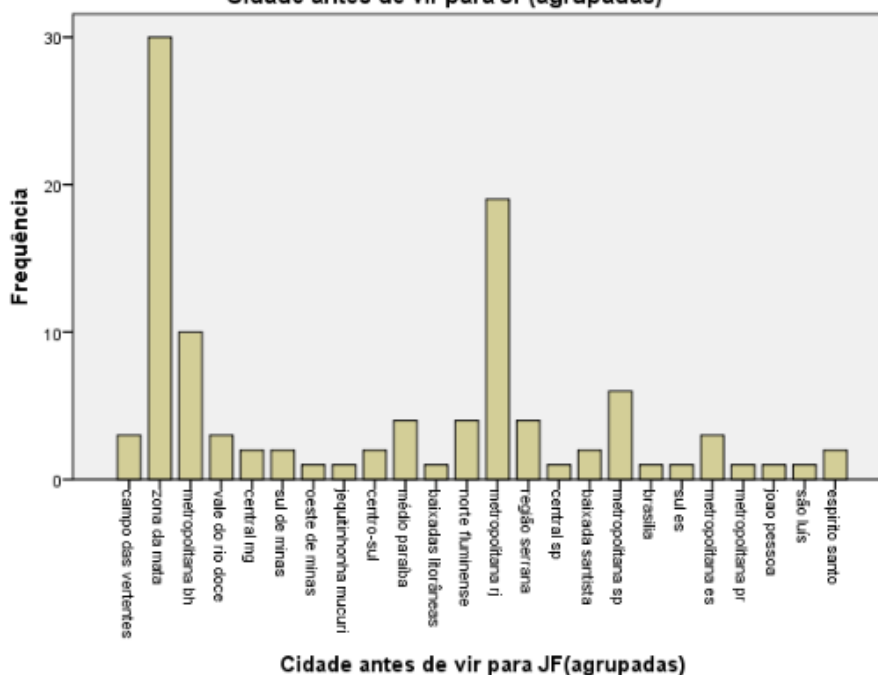


Quando questionados de onde vieram antes de viverem nas ruas de Juiz de Fora, as respostas remeteram, em sua maioria, à zona da mata mineira e ao estado do Rio de Janeiro, embora venham de vários estados e regiões do país, o que é característico da alta mobilidade desta população.

**Cidade antes de vir para JF(agrupadas)**

	Frequência	Porcentagem
campo das vertentes	3	1,6
zona da mata	30	15,8
metropolitana bh	10	5,3
vale do rio doce	3	1,6
central mg	2	1,1
sul de minas	2	1,1
oeste de minas	1	0,5
jequitinhonha mucuri	1	0,5
centro-sul	2	1,1
médio paraíba	4	2,1
baixadas litorâneas	1	0,5
norte fluminense	4	2,1
metropolitana rj	19	10,0
região serrana	4	2,1
central sp	1	0,5
baixada santista	2	1,1
metropolitana sp	6	3,2
brasilíia	1	0,5
sul es	1	0,5
metropolitana es	3	1,6
metropolitana pr	1	0,5
joao pessoa	1	0,5
são luís	1	0,5
espírito santo	2	1,1
nao sabe	1	0,5
nao respondeu	13	6,8
Total	85	44,7
Total	190	100,0

**Cidade antes de vir para JF(agrupadas)**

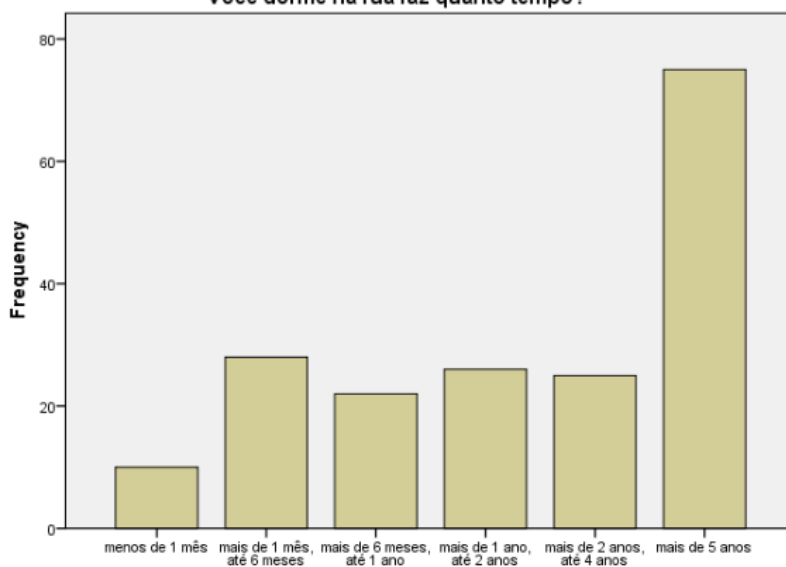


Dentre os 190 entrevistados pelo diagnóstico, setenta e cinco pessoas disseram dormir na rua a mais de 5 anos (39,5%). Somados aos 26 indivíduos que dormem na rua entre um e dois anos e aos 25 entre dois e quatro, tem-se que duas de cada três pessoas (66,3%) estão a mais de um ano dormindo nas ruas.

Você dorme na rua faz quanto tempo?

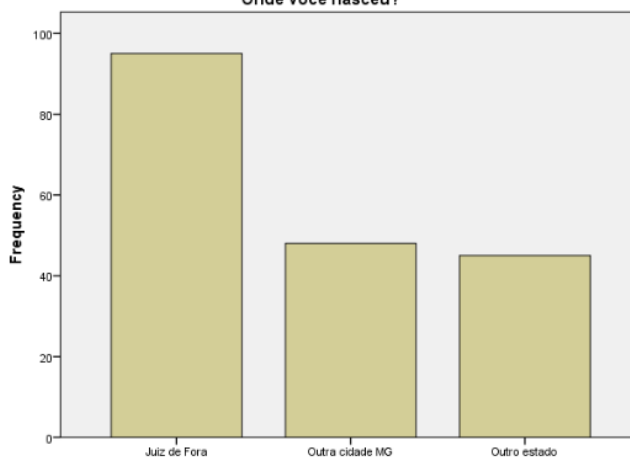
	Frequência	Porcentagem
menos de 1 mês	10	5,3
mais de 1 mês, até 6 meses	28	14,7
mais de 6 meses, até 1 ano	22	11,6
mais de 1 ano, até 2 anos	26	13,7
mais de 2 anos, até 4 anos	25	13,2
mais de 5 anos	75	39,5
não sabe	1	0,5
não respondeu	3	1,6
Total	190	100,0

Você dorme na rua faz quanto tempo?



Você dorme na rua faz quanto tempo?

Onde você nasceu?

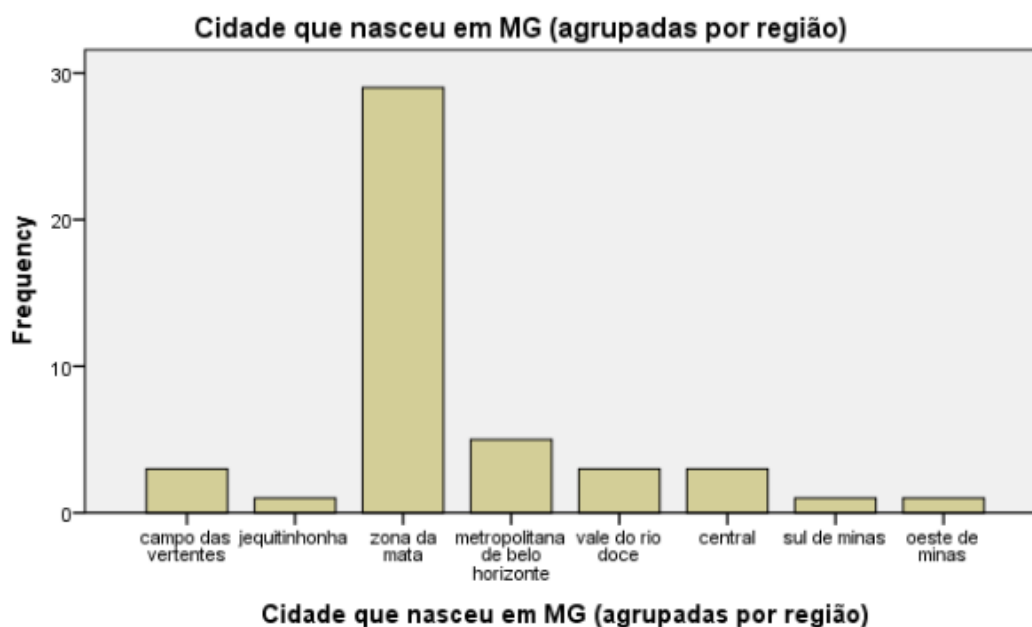


Onde você nasceu?

Metade dos entrevistados disse ter nascido em Juiz de Fora. Outros 48 entrevistados (25,3%) afirmaram terem nascido em outras cidades de MG.

**Cidade que nasceu em MG (agrupadas por região)**

	Frequência	Porcentagem
campo das vertentes	3	6,3
jequitinhonha	1	2,1
zona da mata	29	60,3
metropolitana de belo horizonte	5	10,3
vale do rio doce	3	6,3
central	3	6,3
sul de minas	1	2,1
oeste de minas	1	2,1
nao respondeu	2	4,2
<b>Total</b>	<b>48</b>	<b>100</b>

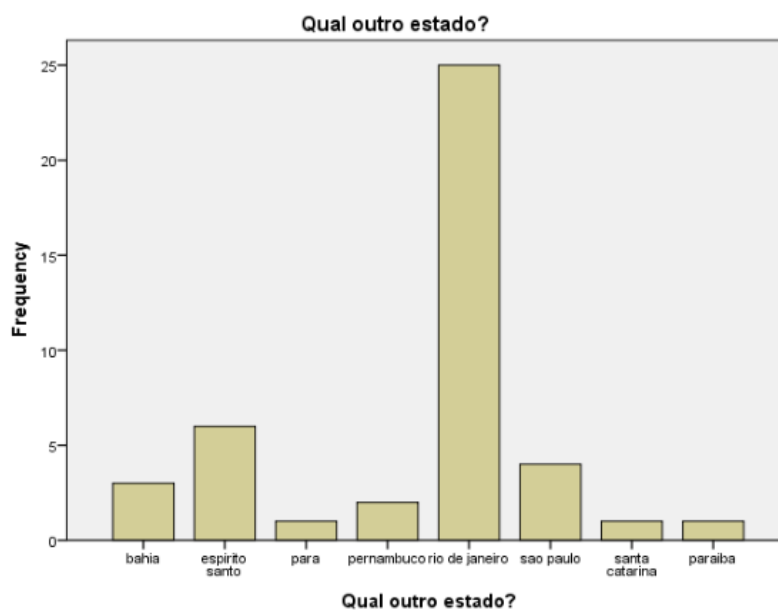


Além de MG, Rio de Janeiro é o estado de nascimento mais frequente entre os entrevistados (25 pessoas). Nenhum entrevistado respondeu que nasceu em outro país.



**Qual outro estado?**

	Frequência	Porcentagem
bahia	3	6,7
espírito santo	6	13,3
para	1	2,2
pernambuco	2	4,4
rio de janeiro	25	55,6
sao paulo	4	9
santa catarina	1	2,2
paraíba	1	2,2
nao respondeu	2	4,4
Total	45	100,0



Das 95 pessoas que responderam não terem nascido em Juiz de Fora, 71 (74,8%) afirmaram que não gostariam de voltar a morar em sua cidade natal.

**Você gostaria de voltar a morar na sua cidade natal?**

	Frequência	Porcentagem
sim	22	23,2
não	71	74,8
não sabe	1	1
não respondeu	1	1
Total	95	100,00

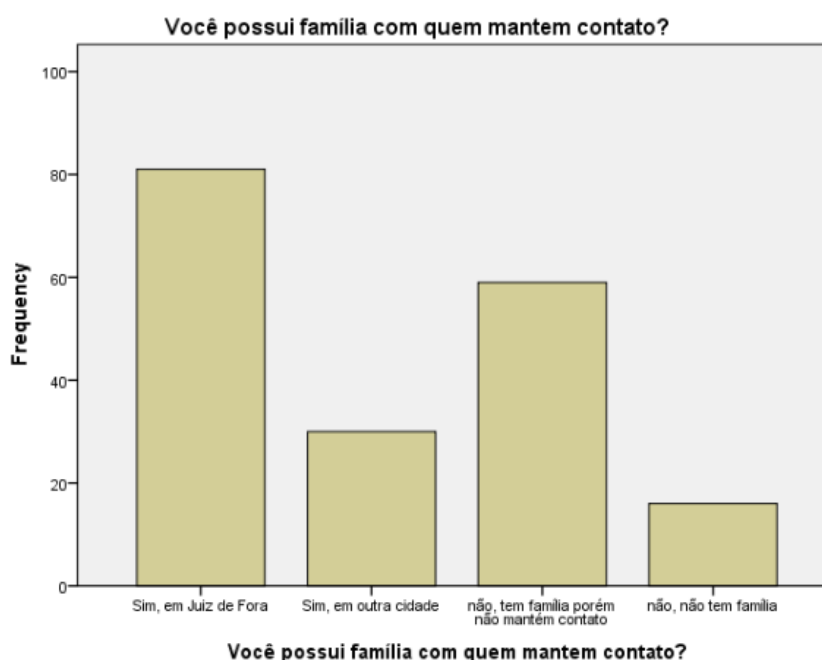


Cento e onze pessoas (58,4%) disseram possuir família com quem mantém contato, sendo 42,6% em Juiz de Fora e 15,8% em outra cidade. Cinquenta e nove

peças (31,1%) afirmaram ter família porém não mantém contato com ela. Outras 16 pessoas (8,4%) disseram não ter família.

**Você possui família com quem mantém contato?**

	Frequência	Porcentagem
Sim, em Juiz de Fora	81	42,6
Sim, em outra cidade	30	15,8
não, tem família porém não mantém contato	59	31,1
não, não tem família	16	8,4
não sabe	2	1,1
não respondeu	2	1,1
Total	190	100,0



**Sua família também dorme na rua ou abrigo?**

	Frequência	Porcentagem
sim	13	6,8
não	161	84,7
não sabe	5	2,6
não respondeu	11	5,8
Total	190	100,0

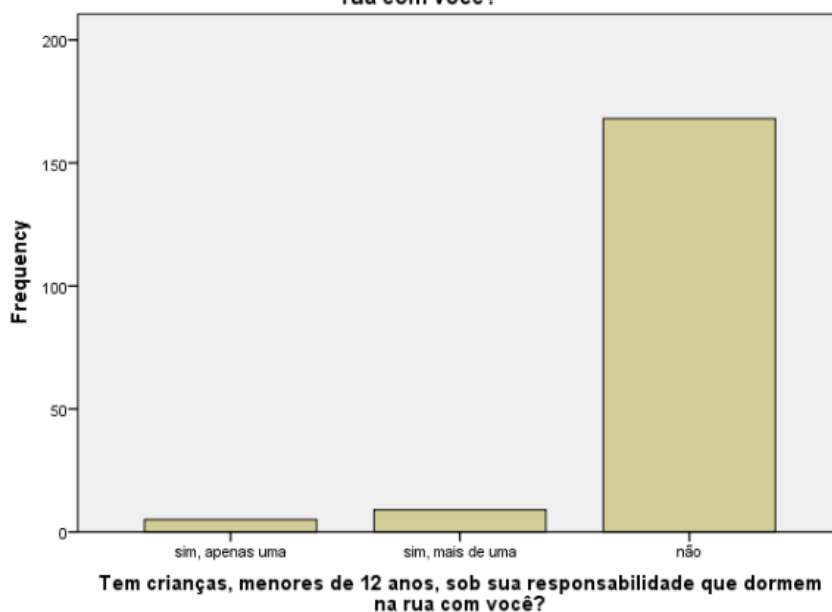
Treze indivíduos (6,8%) responderam que sua família também dorme na rua ou em abrigo.

Cinco indivíduos (2,6%) disseram que uma pessoa menor de 12 anos dorme na rua com eles. Outras 9 pessoas (4,7%) afirmaram que duas ou mais pessoas sob sua responsabilidade dormem com elas. Importante mencionar que 8 pessoas (4,2%) não responderam a essa questão.

**Tem crianças, menores de 12 anos, sob sua responsabilidade que dormem na rua com você?**

	Frequência	Porcentagem
sim, apenas uma	5	2,6
sim, mais de uma	9	4,7
não	168	88,4
não respondeu	8	4,2
Total	190	100,0

**Tem crianças, menores de 12 anos, sob sua responsabilidade que dormem na rua com você?**



Já em relação aos adolescentes, onze pessoas (5,8%) afirmaram que há adolescentes de 12 a 17 anos que dormem na rua com elas. Outras 12 pessoas não responderam a essa questão.

**Tem adolescentes, de 12 a 17 anos, sob sua responsabilidade que dormem na rua com você?**

	Frequência	Porcentagem
sim, mais de uma	11	5,8
não	167	87,9
não respondeu	12	6,3
Total	190	100,0



Apenas seis respondentes disseram que crianças e adolescentes que dormem na rua sob sua responsabilidade frequentam a escola.

**Menores frequentam escola?**

	Frequência	Porcentagem
sim	6	40
não	1	6,7
não respondeu	8	53,3
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100,0</b>

Questionados sobre documentação, a certidão de nascimento é o documento que os respondentes mais possuem (70%), seguido pelo CPF (67,4%), Carteira de Identidade (61,1%), Carteira de trabalho (47,7%) e título de eleitor (44,2%). Vinte e quatro indivíduos (12,6%) disseram que nunca tiveram título de eleitor.

Documentos	QUAL SITUAÇÃO DOS SEUS DOCUMENTOS											
	Tenho		Tive, não tenho mais		Nunca tive		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Certidão de nascimento	133	70	52	27.4	5	2.6	0	0	0	0	190	100
CPF	128	67.4	50	26.3	11	5.8	1	0.5	0	0	190	100
Carteira de identidade	116	61.1	65	34.2	9	4.7	0	0	0	0	190	100
Carteira de trabalho	90	47.7	86	45.3	14	7.4	0	0	0	0	190	100
Título de eleitor	84	44.2	82	43.2	24	12.6	0	0	0	0	190	100

### 2.4.3.2 Seção II: Trajetória

#### Principais resultados

- Dos entrevistados, 71% possuíam domicílio antes de dormir nas ruas. O segundo maior percentual, é de pessoas que estavam em serviço de acolhimento institucional, com 11,1%;

- O maior percentual de entrevistados, 72,6% afirmou haver dormido nas ruas todos os dias;

- No que diz respeito à semana da entrevista, 93,6% dos usuários haviam dormido na rua ou em abrigo naquela semana e/ou na anterior, em percentual idêntico: 46,8% para cada;

- A pandemia - ou seus efeitos - produziu um aumento de aproximadamente 35,3% de pessoas vivendo em situação de rua, no município. A parte majoritária, 62,6% já estava em situação de rua antes do surto de COVID-19;

- "Motivos familiares" (36,3%), seguidos do "abuso de álcool ou outras drogas" (18,9%) aparecem como as principais causas que levaram os entrevistados à situação de rua;

- O motivo "outro" foi apresentado por 19% dos entrevistados como o principal fator que os levou à situação de rua, com destaques para "perda parental e consequências dela decorrente" e "livre vontade". Considerando-se unicamente o agrupamento "outros", ao somarmos "perda parental" e "perdas familiares não parentais", o percentual de pessoas que passaram à situação de rua por razões referentes a relações familiares é de 62,5% (15 pessoas, num universo de 24);

- Insistindo-se na questão para refinamento, desta vez apresentando opções de resposta, questionados sobre motivos adicionais que os teriam levado à situação de rua, 80,5% afirmaram não ter outro motivo. Dos 8,9% que responderam possuir outro motivo, 28,9% indicaram "vontade própria"; as demais respostas de "outros" podem ser novamente agrupadas, em uma generalização, a questões ligadas ao relacionamento familiar;

- 55,3% dos entrevistados não possuem uma casa para onde possam voltar, caso queiram.

A sessão trajetória procurou mapear as motivações que levaram os entrevistados à situação e rua, a partir de suas próprias percepções. Logo, ela não deve ser analisada isoladamente, pois só ganha sentido no conjunto de relações nas quais cada pessoa está imersa. Noutros termos e de modo mais simples, a causa (ou as causas) só ganham inteligibilidade a partir do nexos que estabelecem no interior das histórias desses indivíduos e uma causa só pode demonstrar seu pleno significado a partir do lugar que ocupa na combinação com outros fatores, como econômicos, sociais, culturais e psicológicos.

A tabela e o gráfico a seguir apresentam a frequência de respostas para a questão: “Pouco antes de dormir nas ruas (ou abrigo), onde dormia”.

Pouco antes de dormir nas ruas (ou abrigo), onde dormia?

	Frequência	Porcentagem
serviços de acolhimento institucional	21	11,1
domicílio particular	135	71,1
instituições penais	8	4,2
instituições de saúde	2	1,1
outro	15	7,9
não sabe	5	2,6
não respondeu	4	2,1
<b>Total</b>	<b>190</b>	<b>100,0</b>



Conforme se observa, 71,1% dormiam em domicílio particular; seguidos de 11,1% que dormiam em serviços de acolhimento institucional; 7,9% apresentaram “outro” como resposta. Depurada, a resposta “outro” não apresenta variáveis relevantes – boa parte dos entrevistados 33,33% deste universo repetiu a resposta “rua”, enquanto 20,01% indicaram outro município, de uma maneira genérica.

Abaixo, temos as respostas para a questão “Quantos dias você dormiu nas ruas nos últimos 30 dias?”.

Quantos dias dormiu nas ruas nos últimos 30 dias?

	Frequência	Porcentagem
1 dia	5	2,6
entre 2 e 5 dias	11	5,8
entre 6 e 9 dias	2	1,1
entre 10 e 15 dias	5	2,6
entre 16 e 20 dias	3	1,6
entre 21 e 29 dias	17	8,9
todos os dias	138	72,6
não sabe	5	2,6
não respondeu	4	2,1
<b>Total</b>	<b>190</b>	<b>100,0</b>

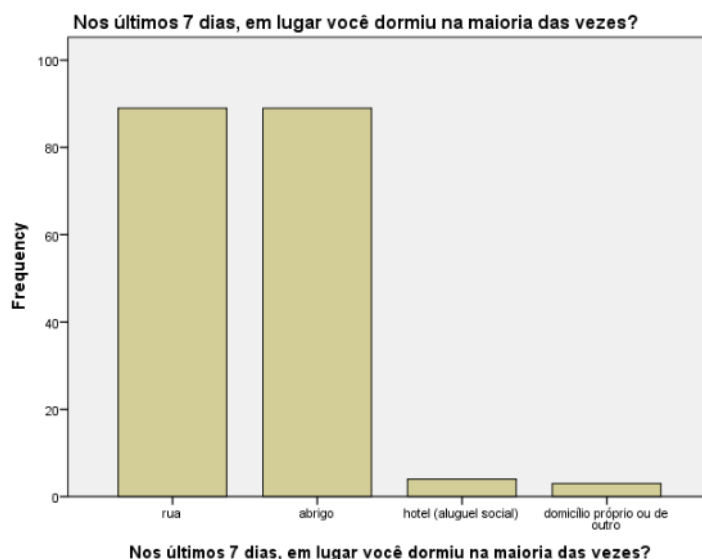


Observa-se que os maiores percentuais se concentram entre “todos os dias” (72,6%) e “entre 21 e 29 dias”.

Na tabela e gráfico abaixo, observamos a frequência com que os entrevistados dormiram na rua na semana da entrevista (ocorrida entre 24/08 e 29/08/2022). As respostas estão majoritariamente concentradas em “rua” e “instituições de acolhimento”, divididas igualmente em 46,8% para cada alternativa.

Nos últimos 7 dias, em lugar você dormiu na maioria das vezes?

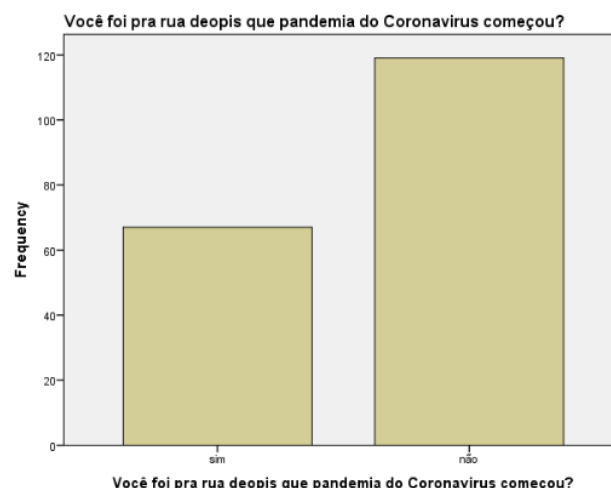
	Frequência	Porcentagem
rua	89	46,8
abrigo	89	46,8
hotel (aluguel social)	4	2,1
domicílio próprio ou de outro	3	1,6
não sabe	1	0,5
não respondeu	4	2,1
<b>Total</b>	<b>190</b>	<b>100,0</b>



Era importante verificar o impacto da pandemia na variação da população em situação de rua no município. Para a questão “Você foi para a rua depois que a pandemia de coronavírus começou?”, obtivemos as seguintes respostas:

Você foi pra rua depois que pandemia do Coronavirus começou?

	Frequência	Porcentagem
sim	67	35,3
não	119	62,6
não sabe	1	0,5
não respondeu	3	1,6
Total	190	100,0



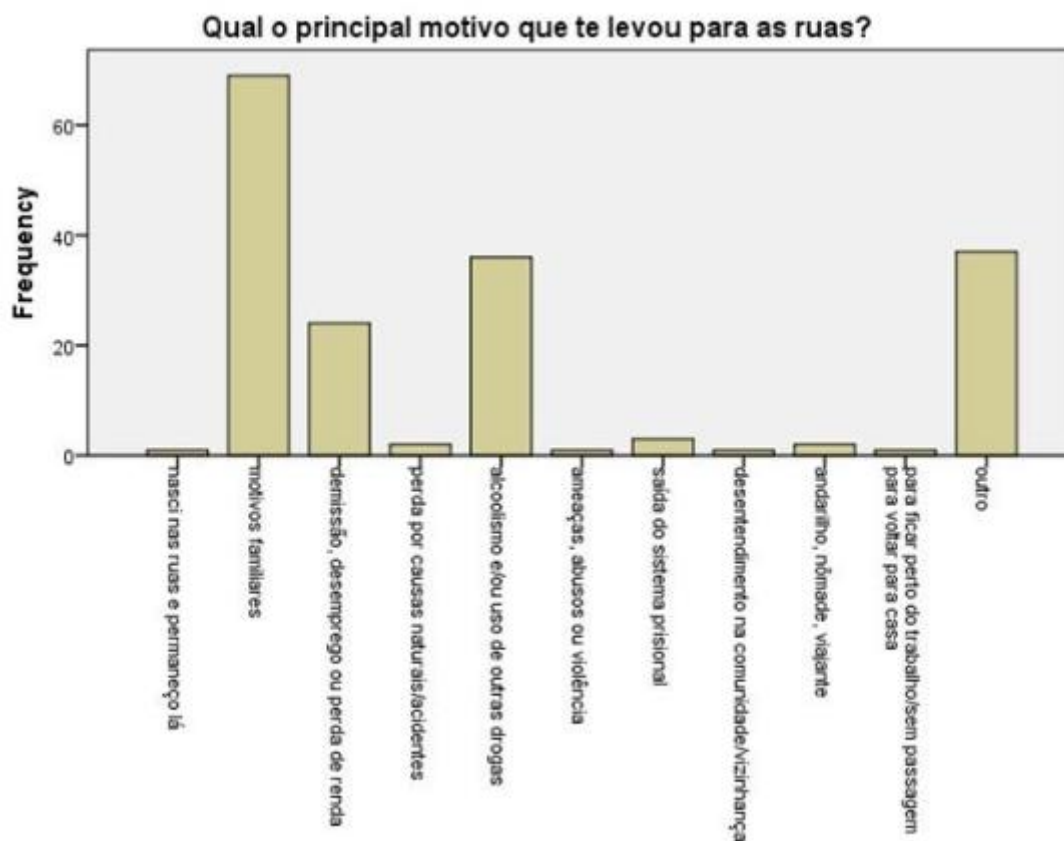
Pouco mais de um terço dos entrevistados (35,3%) respondeu afirmativamente à pergunta, ou seja, passaram à situação de rua após a expansão pandêmica. Lado outro, 62,6% já se encontravam em situação de rua antes da propagação do SARS-Cov2.

Finalmente, encerrando o bloco sobre trajetória, procuramos focalizar os motivos que levaram os entrevistados às ruas. As questões foram divididas em duas perguntas. Na primeira, “Qual o principal motivo que te levou a dormir nas ruas?”, obtivemos as seguintes frequências:

Qual o principal motivo que te levou para as ruas?

	Frequência	Porcentagem
nasci nas ruas e permaneço lá	1	0,5
motivos familiares	69	36,3
demissão, desemprego ou perda de renda	24	12,6
perda por causas naturais/acidentes	2	1,1
alcoolismo e/ou uso de outras drogas	36	18,9
ameaças, abusos ou violência	1	0,5
saída do sistema prisional	3	1,6
desentendimento na comunidade/vizinhança	1	0,5
andarilho, nômade, viajante	2	1,1
para ficar perto do trabalho/sem passagem	1	0,5
para voltar para casa		
outro	37	19,5
não sabe	1	,5
não respondeu	12	6,3
Total	190	100,0





Observa-se que 36,3%, maior percentual, apontou como o principal motivo razões de ordem familiar, seguido por 18,9% de “alcooolismo e uso de outras drogas”. A resposta “outros”, alternativa aberta, apareceu com frequência considerável (19,5%).

Quando depurada, a resposta “outros” apresenta, dentro do universo total de respostas, as seguintes categorização e frequências:

**Outro motivo que te levou a dormir nas ruas (agrupado)**

	Frequência	Porcentagem
Perda parental e consequências decorrentes	9	4,7
Perdas familiares (não familiares), de filhos, parentes ou genericamente indicadas	6	3,2
Livre vontade	10	5,3
Comprometimento da saúde	4	2,1
não sabe	1	0,5
<b>Total</b>	<b>190</b>	<b>100</b>

Em um segundo momento, buscando aprofundar a reflexão junto aos entrevistados, a pergunta foi rerepresentada como “Quais motivos te levaram a dormir nas ruas?”, dessa vez sem a ênfase em um motivo principal. A tabela abaixo mostra que: 80,5% responderam não haver outro motivo, além do apontado anteriormente. 8,9% indicaram motivos adicionais, conforme se pode ver abaixo.

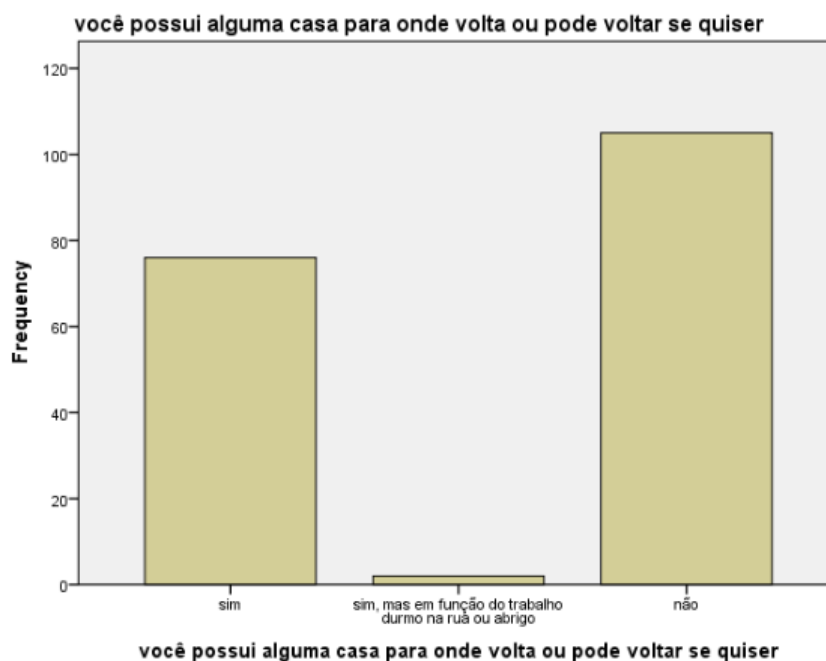
**Outros motivos para viver na rua**

	Frequência	Porcentagem
sim	17	8,9
não	153	80,5
não sabe	4	2,1
não respondeu	16	8,4
<b>Total</b>	<b>190</b>	<b>100,0</b>

Finalmente, encerrando o bloco de questões sobre trajetória, os entrevistados foram questionados se possuíam alguma casa para onde retornar, caso desejassem. 55,3% não possuem uma casa ou domicílio de referência para onde possam voltar, caso desejem. 41,1% contam com essa opção. As frequências podem ser observadas abaixo.

**Você possui alguma casa para onde volta ou pode voltar se quiser?**

	Frequência	Porcentagem
sim	76	40,0
sim, mas em função do trabalho durmo na rua ou abrigo	2	1,1
não	105	55,3
não sabe	2	1,1
não respondeu	5	2,6
<b>Total</b>	<b>190</b>	<b>100,0</b>



### 2.4.3.3 Seção III: Serviços de Acolhimento

#### Principais resultados

- 46, 3% dos entrevistados já dormiram e dormem sempre nos acolhimentos.
- 18,4% dormem de vez em quando. Assim 64,7% das pessoas entrevistadas utilizam, sistematicamente, as unidades de acolhimento da PJF;
- 64,7% afirmaram que não possuem dificuldades para arrumar vaga nos acolhimentos;
- 71,1% das pessoas afirmaram que os acolhimentos apresentam problemas;
- Ocorrências de roubos e furtos (de seus pertences) (66,6%); dificuldade de relacionamento, ameaça ou violência por parte dos demais abrigados, assim como a falta de atividades (49,6%) e o uso de álcool e outras drogas no local (44,5%) são os principais problemas dos acolhimentos, de acordo com os entrevistados;

- Oportunidades de emprego, qualificação, alimentação e moradia aparecem como principais dados apontados como necessidades em termos de serviços. Esta questão foi aberta no questionário e as respostas foram diversas, sendo as três citadas as mais frequentes em agrupamento.

A seção serviços objetivou identificar a frequência de utilização dos serviços públicos disponíveis, assim como apontar os equipamentos mais acessados e se existem dificuldades de acesso ou problemas relacionados às unidades de acolhimento utilizadas. Os entrevistados também foram questionados, em questão aberta, sobre serviços que o município deveria oferecer.

A tabela a seguir avalia a utilização dos abrigos em funcionamento e identifica que do total de 190 pessoas entrevistadas, 46,3% já dormiu e dorme sempre nos abrigos. Esse percentual, somado aos 18,4% que afirmaram dormir "de vez em quando", conformam 64,7% de pessoas que utilizam sistematicamente as unidades de acolhimento da PJF. O que referenda a observação de campo de que a maior parte da população em situação de rua de Juiz de Fora faz uso dos serviços das instituições públicas disponíveis.

**Já dormiu no abrigo ou unidade de acolhimento da prefeitura?**

	Frequência	Porcentagem
Sim e continuo dormindo sempre	88	46,3
Sim, de vez em quando	35	18,4
Sim, mas deixei de dormir	34	17,9
não	26	13,7
não sabe	1	0,5
não respondeu	6	3,2
<b>Total</b>	<b>190</b>	<b>100,0</b>

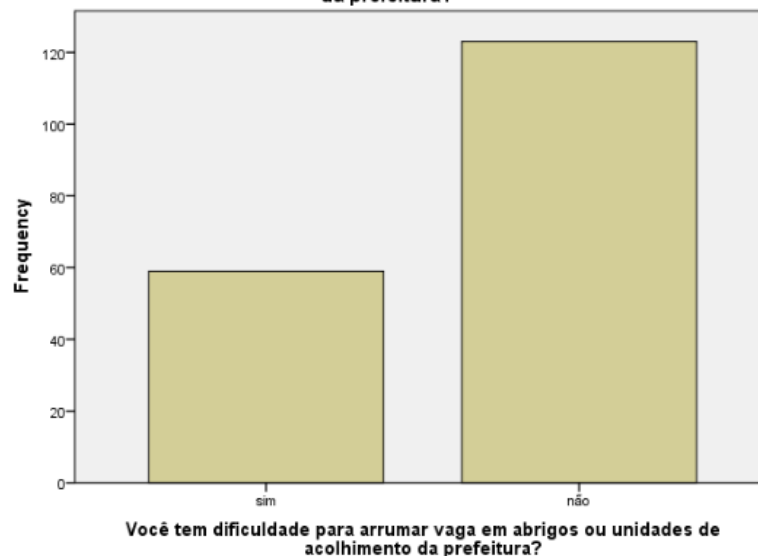


Das 190 pessoas entrevistadas, 123 pessoas (64,7%) afirmaram que não possuem dificuldades para arrumar vaga nos abrigos da prefeitura, 59 (31,1%) responderam que tem dificuldades. 6 pessoas (3,2%) não responderam e 2 pessoas (1,1%) não souberam responder a essa pergunta.

**Você tem dificuldade para arrumar vaga em abrigos ou unidades de acolhimento da prefeitura?**

	Frequência	Porcentagem
sim	59	31,1
não	123	64,7
não sabe	2	1,1
não respondeu	6	3,2
Total	190	100,0

**Você tem dificuldade para arrumar vaga em abrigos ou unidades de acolhimento da prefeitura?**



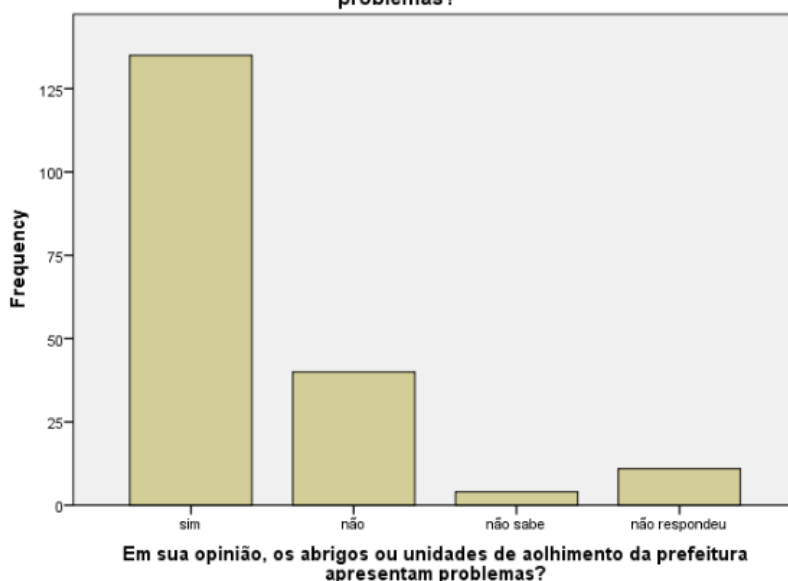
Entre os respondentes 135 pessoas (71,1%) afirmaram que os abrigos da prefeitura apresentam problemas. Desse total, 11 pessoas (5,8%) não responderam e 4 pessoas (2,1%) não souberam responder a essa pergunta.

**Em sua opinião, os abrigos ou unidades de acolhimento da prefeitura apresentam problemas?**

	Frequência	Porcentagem
sim	135	71,1
não	40	21,1
não sabe	4	2,1
não respondeu	11	5,8
Total	190	100,0

Os problemas apresentados em maior incidência estão sintetizados no subitem dados consolidados da seção. A ocorrência de roubos de seus pertences é a questão mais indicada por aqueles que apontaram a existência de problemas nas instituições de acolhimento, contabilizando 66,6% das respostas. Seguido de dificuldades de relacionamento, ameaças ou violências por parte dos abrigados mencionada por 49,6% das pessoas entrevistadas, assim como a falta de atividades com o mesmo percentual (49,6%). Também se destaca o uso de álcool ou outras drogas no local, citado por 44,5% dos respondentes e a falta de liberdade apontada como problema por 42,2%

**Em sua opinião, os abrigos ou unidades de acolhimento da prefeitura apresentam problemas?**



QUAIS OS PROBLEMAS DOS ABRIGOS OU UNIDADES DE ACOLHIMENTO DA PREFEITURA										
Problemas	Sim		Não		Não soube responder		Não Respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Falta de liberdade	57	42,2	73	54	1	0,8	4	3	135	100
Dificuldade de relacionamento, ameaça ou violência por parte dos abrigados	67	49,6	62	45,9	1	0,8	5	3,7	135	100
Dificuldade de relacionamento, ameaça ou violência por parte dos funcionários	34	25,2	94	69,6	4	3	3	2,2	135	100
Falta de infraestrutura nos edifícios	50	37	77	57	2	1,5	6	4,5	135	100
Falta de qualidade na comida/alimentação	38	28,2	92	68,1	2	1,5	3	2,2	135	100
Falta de limpeza e/ou conforto	39	28,9	88	65,2	3	2,2	5	3,7	135	100
Ocorrências de roubos e furtos (dos meus pertences)	90	66,6	40	29,7	3	2,2	2	1,5	135	100
Falta de transporte público/gratuito ligando o abrigo às áreas que você frequenta à cidade	41	30,3	86	63,7	4	3	4	3	135	100
Falta de atividades, falta do que fazer	67	49,6	57	42,2	5	3,7	6	4,5	135	100
Falta de atendimento e/ou tratamento de qualidade	40	29,7	84	62,2	3	2,2	8	5,9	135	100
Localizações ruins	31	23	94	69,6	3	2,2	7	5,2	135	100
Não permitem cachorros	30	22,2	84	62,2	9	6,7	12	8,9	135	100
Não permitem guardar carrinho	36	26,7	77	57	9	6,7	13	9,6	135	100
Não permitem bebida no local	31	23	92	68,1	2	1,5	10	7,4	135	100
Não permitem outras drogas no local	31	23	91	67,4	3	2,2	10	7,4	135	100
Uso de álcool ou outras drogas no local	60	44,5	64	47,4	3	2,2	8	5,9	135	100
Outros problemas	2	1,5	124	91,8	1	0,8	8	5,9	135	100

Os entrevistados foram questionados quanto ao atendimento recebido por equipes que compõem parte dos serviços ofertados à população em situação de rua adulta em Juiz de Fora, assim como alguns que atendem a rede em geral. Sobre esta questão destaca-se que, nos últimos seis meses: 50,5% das pessoas afirmaram não terem sido atendidos pela equipe do CRAS, 61,1% afirmaram terem sido atendidas pela equipe do Centro POP, 48,9% foram atendidas pela equipe de abordagem, 68,4% afirmaram não terem sido atendidas pela equipe do CREAS, 73,2% não foram atendidas pela equipe do Conselho Tutelar, 48,9%

afirmaram que foram atendidas por equipes de acolhimento institucional, 44,7% das pessoas foram atendidas pela equipe do Consultório na Rua, 61,6% afirmaram não terem sido atendidas por nenhuma equipe de Organização Não Governamental (ONG), 59,5% não receberam atendimento de equipe do CAPS, 76,8% afirmaram não terem sido atendidas pela equipe do PRESP, 66,3% afirmaram não terem sido atendidas pela equipe do SAMU, 3,2% afirmaram terem sido atendidos, mas não lembrarem da equipe que os atendeu. Foram coletados dados referentes a 190 pessoas. Desse total, 156 pessoas (82,1%) afirmaram terem recebido algum dos atendimentos, 11 pessoas (5,8%) não receberam nenhum atendimento, 21(11,1%) pessoas não responderam a essa pergunta e 2 pessoas (1,1%) não souberam responder. Os dados estão mais detalhados, inclusive com outros órgãos de atendimento, no gráfico que segue e na tabela de dados consolidados da seção no próximo subitem.

NOS ÚLTIMOS SEIS MESES, FOI ATENDIDO POR ALGUMA DAS EQUIPES?

Equipe	Sim		Não		Não soube responder		Não Respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
CRAS	70	36,8	96	50,5	4	2,1	20	10,5	190	100
Centro Pop	116	61,1	51	26,8	3	1,6	20	10,5	190	100
Equipe de Abordagem Social	93	48,9	70	36,8	3	1,6	24	12,6	190	100
CREAS	26	13,7	130	68,4	9	4,7	25	13,2	190	100
Conselho Tutelar	20	10,5	139	73,2	7	3,7	24	12,6	190	100
Unidade de Acolhimento	93	48,9	73	38,4	5	2,6	19	10	190	100
Consultório na Rua	85	44,7	78	41,1	5	2,6	22	11,6	190	100
Hotel	28	14,7	133	70	7	3,7	22	11,6	190	100
Defensoria Pública	33	17,4	129	67,9	5	2,6	23	12,1	190	100
ONGs	42	22,1	117	61,6	5	2,6	26	13,7	190	100
CAPS	47	24,7	113	59,5	6	3,2	24	12,6	190	100
PRESP	11	5,8	146	76,8	9	4,7	24	12,6	190	100
SAMU	36	18,9	126	66,3	5	2,6	23	12,1	190	100
Sim, foi atendido mas não lembra qual foi o atendimento	6	3,2	161	84,7	2	1,1	21	11,1	190	100
Não foi atendido por nenhuma	11	5,8	156	82,1	2	1,1	21	11,1	190	100



Ainda nesta seção, por fim, os respondentes foram questionados, em questão aberta, quanto aos serviços que deveriam ser disponibilizados pelo município e as respostas foram muito diversificadas, criando uma impossibilidade de agrupamento estatístico. Contudo, consideramos relevante registrar que as referências mais presentes se relacionam à emprego, qualificação, moradia e alimentação.

#### **2.4.3.4 Seção IV: Trabalho e renda**

##### **Principais resultados**

- 54,2% dos entrevistados afirmaram que trabalhavam de carteira assinada antes de irem para as ruas;
- Das atividades realizadas antes da ida para as ruas, registram-se atividades laborais que exigem pouca ou nenhuma escolaridade específica e, em menor proporção outras que exigem um nível de aprendizagem técnica para o exercício da função;
- Nas ruas 62,6% dos respondentes afirmaram trabalharem sem carteira assinada, enquanto 28,4% não trabalham;
- Quanto às atividades realizadas para receber algum dinheiro na rua, são muito diversificadas. Tem-se em maior proporção o recolhimento de material para reciclagem e o ato de “pedir dinheiro ou ajuda”, seguido de venda de algum produto e da realização de serviços gerais.

A seção IV apresenta os dados sobre trabalho e renda, a partir da compreensão de que a condição de vida em sociedade sempre vai estar relacionada às atividades laborais que permitem gerar sustento para si e sua família, quando é o caso, o que se configura como uma parte importante da inserção social dos indivíduos. Trabalhar ou acessar benefícios que permitem alguma renda se inscrevem no acesso às condições de sobrevivência na sociedade. Os dados obtidos revelam que estes sujeitos estão inscritos na dinâmica mais

geral do mercado de trabalho brasileiro tanto no que se refere ao tipo de atividade laboral, quanto a empregabilidade.

Das 190 pessoas entrevistadas, 103 pessoas (54,2%) afirmaram que trabalhavam de carteira assinada antes de ir para a rua, 13 pessoas (6,8%) afirmaram que não trabalhavam. Desse total, 11 pessoas (5,8%) não responderam a essa pergunta.

Você trabalhava antes de vir para a rua?

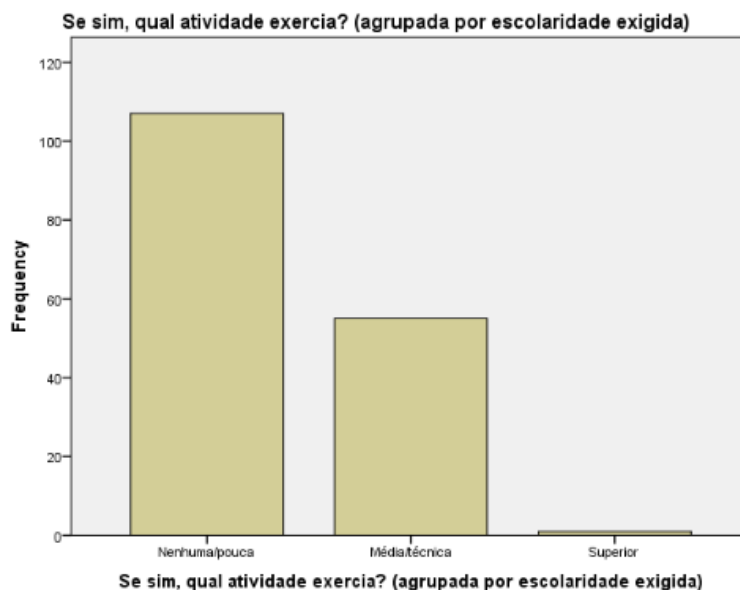
	Frequência	Porcentagem
Sim, de carteira assinada	103	54,2
Sim, sem carteira assinada	63	33,2
não	13	6,8
não respondeu	11	5,8
Total	190	100,0



Considerando as informações sobre as atividades que exerciam antes de vir para a rua, as profissões ou atividades registradas indicam uma grande diversidade na absorção da mão-de-obra destes sujeitos, mas há indicadores comuns. Despertam a atenção atividades laborais que exigem pouca ou nenhuma escolaridade específica e, em geral, na sua maioria estão inseridas na condição de auxiliar ou serventes. E outras, exigem um nível de aprendizagem técnica para o exercício da função, como mecânico, soldador, operador de máquinas, eletricitista, motorista. Com nível de escolaridade superior aparece uma pessoa, com a profissão de professor de filosofia. O agrupamento teve como referência a exigência de formação ou escolaridade para o exercício profissional da atividade citada. Sobre a escolaridade requerida para as atividades profissionais exercidas antes de estarem na rua, tem-se o seguinte quadro:

Se sim, qual atividade exercia? (agrupada por escolaridade exigida)

	Frequência	Porcentagem
Nenhuma/pouca	107	56,3
Média/técnica	55	28,9
Superior	1	0,5
Total	190	100,0



Das 190 pessoas entrevistadas, 119 pessoas (62,6%) afirmaram trabalhar sem carteira assinada na rua, 54 pessoas (28,4%) afirmaram não trabalhar. Desse total, 10 pessoas (5,3%) não responderam a essa pergunta e 2 pessoas (1,1%) não souberam responder. O gráfico a seguir demonstra.

**Na rua, faz alguma atividade para ganhar dinheiro?**

	Frequência	Porcentagem
Sim, de carteira assinada	5	2,6
Sim, sem carteira assinada	119	62,6
não	54	28,4
não sabe	2	1,1
não respondeu	10	5,3
Total	190	100,0



Quanto às atividades realizadas para receber algum dinheiro na rua, a grande maioria afirma realizar atividades sem vínculo empregatício formal. Uma parcela próxima de 30% não realiza nenhuma atividade para este fim. Dentre as atividades realizadas majoritariamente tem-se o recolhimento de material para reciclagem e o ato de “pedir dinheiro ou ajuda”, seguido de venda de algum

produto e realização de serviços gerais, na ordem, conforme retrata o gráfico a seguir e a tabela que está com dados consolidados no próximo subitem.

O QUE VOCÊ FAZ PARA GANHAR DINHEIRO?										
Atividades	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Catar materiais recicláveis ou lixo	64	33,7	115	60,5	1	0,5	10	5,3	190	100
Vende produtos como camelô e ambulante	20	10,5	159	83,7	1	0,5	10	5,3	190	100
Guarda, lava e/ou cuida de carros (flanelinha)	7	3,7	172	90,5	1	0,5	10	5,3	190	100
Pede dinheiro nas ruas	31	16,3	148	77,9	1	0,5	10	5,3	190	100
Atua na construção civil	7	3,7	172	90,5	1	0,5	10	5,3	190	100
Faz serviços gerais	19	10	160	84,2	1	0,5	10	5,3	190	100
Atua como carregador	6	3,2	173	91	1	0,5	10	5,3	190	100
Trabalha como profissional do sexo	5	2,6	174	91,6	1	0,5	10	5,3	190	100
Trabalha como entregador de aplicativo	0	0	179	94,2	1	0,5	10	5,3	190	100
Outro	40	21	139	73,2	1	0,5	10	5,3	190	100

Nesta seção foi registrado, também, o recebimento de Benefícios. Das 190 pessoas entrevistadas, 93 pessoas (48,9%) afirmaram não receberem o Auxílio Brasil/Bolsa Família/Auxílio Emergencial e 83 (43,7%) disseram que recebem. Desse total, 13 pessoas (6,8%) não responderam essa pergunta e 1 pessoa (0,5%) não soube responder. 157 pessoas (82,6%) afirmaram não receberem o Benefício de Prestação Continuada. Desse total, 15 pessoas (7,9%) não responderam essa pergunta e 1 pessoa (0,5%) não soube responder. 85,3% afirmaram não receberem aposentadorias/pensões. Desse total, 13 pessoas (6,8%) não responderam a essa pergunta. 89,5% afirmaram não receberem o auxílio doença. Desse total, 13 pessoas (6,8%) não responderam a essa pergunta. 169 pessoas (88,9%) afirmaram não receberem o aluguel social. Desse total, 13 pessoas (6,8%) não responderam a essa pergunta. 173 pessoas (91,1%) afirmaram não receber outro benefício. Desse total, 13 pessoas (6,8%) não responderam a essa pergunta. Em síntese, 115 pessoas (60,5%) afirmaram não receber nenhum benefício. Desse

total, 13 pessoas (6,8%) não responderam a essa pergunta. Mais da metade dos entrevistados informa não receber nenhum tipo de benefício. Os dados estão melhor apresentados no gráfico que segue, assim como na tabela agrupada, no próximo subitem.

VOCÊ RECEBE ALGUM DOS SEGUINTE BENEFÍCIOS?										
Benefícios	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Auxílio Brasil / Bolsa Família / Auxílio Emergencial	83	43,7	93	49	1	0,5	13	6,8	190	100
Benefício de Prestação Continuada / LOAS	17	8,9	157	82,6	1	0,5	15	7,9	190	100
Aposentadoria / Pensão	15	7,9	162	85,3	0	0	13	6,8	190	100
Auxílio Doença	7	3,7	170	89,5	0	0	13	6,8	190	100
Aluguel Social	8	4,2	169	88,9	0	0	13	6,8	190	100
Outros	4	2,1	173	91,1	0	0	13	6,8	190	100
Não Recebe Nenhum Auxílio	62	32,7	115	60,5	0	0	13	6,8	190	100

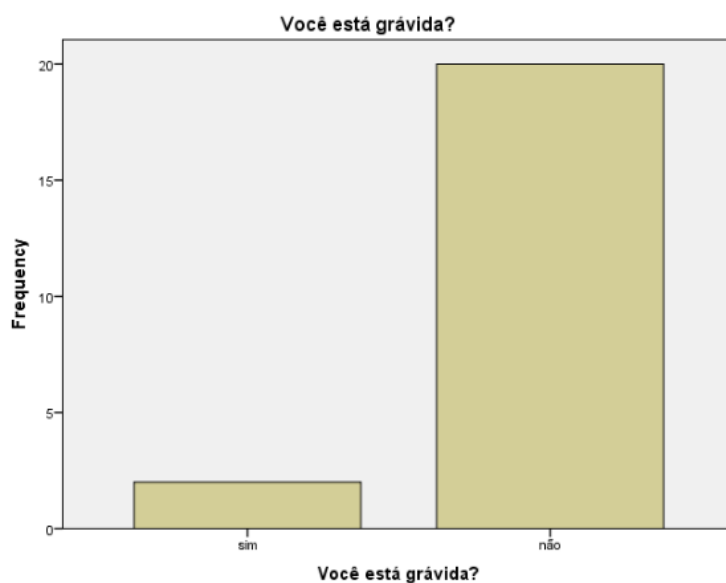
### 2.4.3.5 Seção V: Saúde

#### Principais resultados

- Maiores problemas de saúde se referem a dependência de álcool e outras drogas com 59,5 %; seguido de ferimentos/fraturas 39,5% e problemas de saúde bucal – cárie/dor de dente 33,2%;
- Seguem-se as doenças crônicas: hipertensão (26,8%); diabetes (11,6%); e problemas respiratórios (16,3%);
- Outro destaque são os dados referentes a “deficiências” – cegueira (10%); deficiência física (8,4%) e Surdez (7,9%);
- Em relação as mulheres, somente 2 estavam grávidas e realizam acompanhamento pré-natal;

- Em relação ao tratamento, dos principais problemas de saúde indicados, foi visto que grande maioria não realiza tratamento de saúde;
- Serviços de maior referência: HPS e Consultório na Rua.

A quinta sessão trata de questões referentes às condições de saúde da população adulta em situação de rua e da utilização da rede de serviços do município.



No que se refere especificamente às 26 mulheres entrevistadas, somente 2 (7,7%) afirmaram estar grávidas e 4 mulheres (15,4%) não responderam. As mulheres grávidas afirmaram estar em acompanhamento pré-natal.

Em relação aos problemas de saúde que as pessoas em situação de rua vivenciam verifica-se que as principais situações de saúde são decorrentes da dependência de álcool ou outras drogas (59,5 %); de ferimentos, fraturas ou outros traumas físicos (39,5 %); de saúde bucal, como cárie ou dor de dente por (33,2%); problemas de saúde mental (27,9%) e hipertensão (26,8%). O gráfico a seguir demonstra esta questão, que é melhor detalhada em tabela agrupada no próximo subitem.

VOCÊ TEM ALGUNS DOS SEGUINTE PROBLEMAS DE SAÚDE?										
Doenças	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Diabetes	22	11,6	142	74,7	4	2,1	22	11,6	190	100
Pressão Alta / Doença no Coração	51	26,8	114	60	4	2,1	21	11,1	190	100
HIV / AIDS	14	7,4	150	78,9	2	1,1	24	12,6	190	100
Sífilis ou Outras IST's	6	3,2	159	83,7	3	1,6	22	11,6	190	100
Asma / Bronquite / Pneumonia	31	16,3	134	70,5	3	1,6	22	11,6	190	100
Tuberculose	10	5,3	157	82,6	2	1,1	21	11,1	190	100
Câncer / Tumores	6	3,2	161	84,7	1	0,5	22	11,6	190	100
Hepatite	6	3,2	159	83,7	3	1,6	22	11,6	190	100
Hanseníase ou Outras Doenças de Pele	3	1,6	162	85,3	3	1,6	22	11,6	190	100
Infecção Urinária	16	8,4	150	78,9	1	0,5	23	12,1	190	100
Ferimentos, Fraturas ou Outros Traumas Físicos	75	39,5	94	49,5	1	0,5	20	10,5	190	100
Cegueira	19	10	149	78,4	1	0,5	21	11,1	190	100
Surdez	15	7,9	153	80,5	0	0	22	11,6	190	100
Deficiência Física	16	8,4	152	80	0	0	22	11,6	190	100
Saúde Mental "Doença dos Nervos"	53	27,9	118	62,1	2	1,1	17	8,9	190	100
Dependência de Álcool ou Outras Drogas	113	59,5	57	30	0	0	20	10,5	190	100
Cárie ou Dor de Dente	63	33,2	107	56,3	1	0,5	19	10	190	100

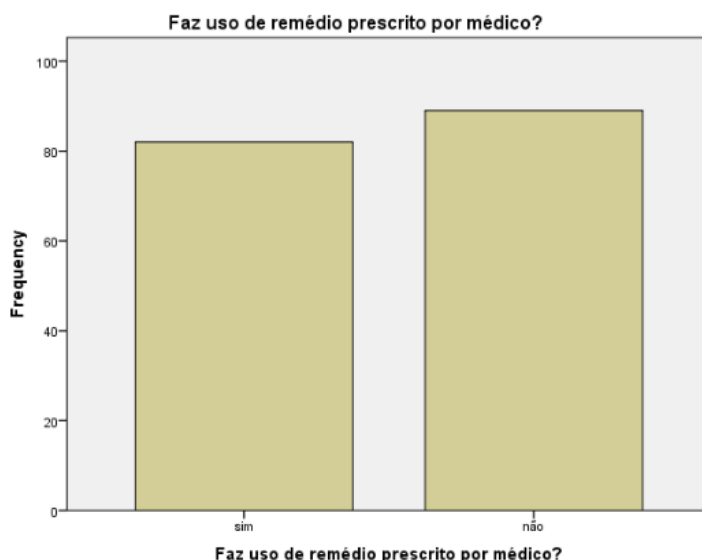
Para cada problema de saúde indicado, foi verificado se a pessoa realizava tratamento. Conforme o gráfico que segue, verifica-se que as pessoas em situação de rua, em sua grande maioria, não realizam tratamento dos principais problemas de saúde, como pode ser visualizado nos dados de que 76% não realizam tratamento para dependência de álcool e outras drogas; 62,7% para ferimentos, fraturas ou traumas físicos; 66,7% para cárie ou dor de dente.

As principais proporções entre problema de saúde e tratamentos realizados se referem a HIV/AIDS (85,7%), hepatite (66,6%) e sífilis ou outras IST's (50%).

Doenças	SE SIM, FAZ TRATAMENTO?									
	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Diabetes	9	40,9	9	40,9	0	0	4	18,2	22	100
Pressão Alta / Doença no Coração	23	45,1	19	37,3	0	0	9	17,6	51	100
HIV / AIDS	12	85,7	1	7,15	0	0	1	7,15	14	100
Sífilis ou Outras IST's	3	50	1	16,7	0	0	2	33,3	6	100
Asma / Bronquite / Pneumonia	8	25,8	17	54,8	0	0	6	19,4	31	100
Tuberculose	4	40	4	40	0	0	2	20	10	100
Câncer / Tumores	2	33,3	3	50	0	0	1	16,7	6	100
Hepatite	4	66,6	1	16,7	0	0	1	16,7	6	100
Hanseníase ou Outras Doenças de Pele	0	0	1	33,3	0	0	2	66,7	3	100
Infecção Urinária	4	25	10	62,5	0	0	2	12,5	16	100
Ferimentos, Fraturas ou Outros Traumas Físicos	17	22,7	47	62,7	0	0	11	14,6	75	100
Cegueira	3	15,8	12	63,2	0	0	4	21	19	100
Surdez	1	6,7	12	80	0	0	2	13,3	15	100
Deficiência Física	5	31,25	8	50	0	0	3	18,75	16	100
Saúde Mental "Doença dos Nervos"	23	43,4	23	43,4	0	0	7	13,2	53	100
Dpendência de Álcool ou Outras Drogas	23	20,3	76	67,3	0	0	14	12,4	113	100
Cárie ou Dor de Dente	13	20,6	42	66,7	0	0	8	12,7	63	100

No que concerne ao uso de medicação, das 190 pessoas entrevistadas, 89 (46,8%) afirmaram não utilizarem remédio prescrito por médico e 82 (43,2%) disseram sim. Deste total, 19 pessoas (10%) não responderam à pergunta.





A tabela abaixo demonstra o tipo de Unidade de Saúde procurada pela população em situação de rua quando necessita de atendimento de saúde. Verificamos que das 166 pessoas que responderam à questão, 152 (91,6%) utilizam ao menos um serviço indicado e 14 (8,4%) afirmaram não utilizar nenhum serviço. Da rede de atendimento à saúde do município de Juiz de Fora, foram citados como referência por 37,3% o Hospital de Pronto Socorro (HPS); por 34,3% o consultório de rua e por 19,3% as Unidades Básicas de Saúde. Sobre outros serviços indicados, tem-se maior frequência serviços particulares (22,2%); o PAM Marechal (18,5%); a rede hospitalar do município (18,5%) e o Centro de vigilância à saúde (14,8%).

QUANDO VOCÊ PRECISA DE ATENDIMENTO MÉDICO, QUAL TIPO DE UNIDADE DE SAÚDE VOCÊ PROCURA?						
Unidades de Saúde	Sim		Não Citou		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)
HPS	62	37,3	104	62,7	166	100
Regional Leste	23	13,9	143	86,1	166	100
UPA	23	13,9	143	86,1	166	100
UBS / Posto de Saúde	32	19,3	134	80,7	166	100
Consultório na Rua	57	34,3	109	65,7	166	100
CAPS	11	6,6	155	93,4	166	100
Outra	27	16,3	139	83,7	166	100

### 2.4.3.6 Seção VI: Uso de Drogas

#### Principais resultados

- Cigarro (68,4%), álcool (57,9%) e crack (41,1%) foram as substâncias mais consumidas nos últimos 30 dias;
- O consumo diário foi o mais frequente para a maioria das substâncias;
- As substâncias mais consumidas diariamente foram o cigarro (65,4%), maconha/haxixe (61,4%), álcool (51,8%) e crack (42,3%);
- O principal motivo para o uso foi vontade, curiosidade ou prazer proporcionado (32,3%) e a impossibilidade de parar de usar (36,1%) o principal motivo para o uso contínuo.

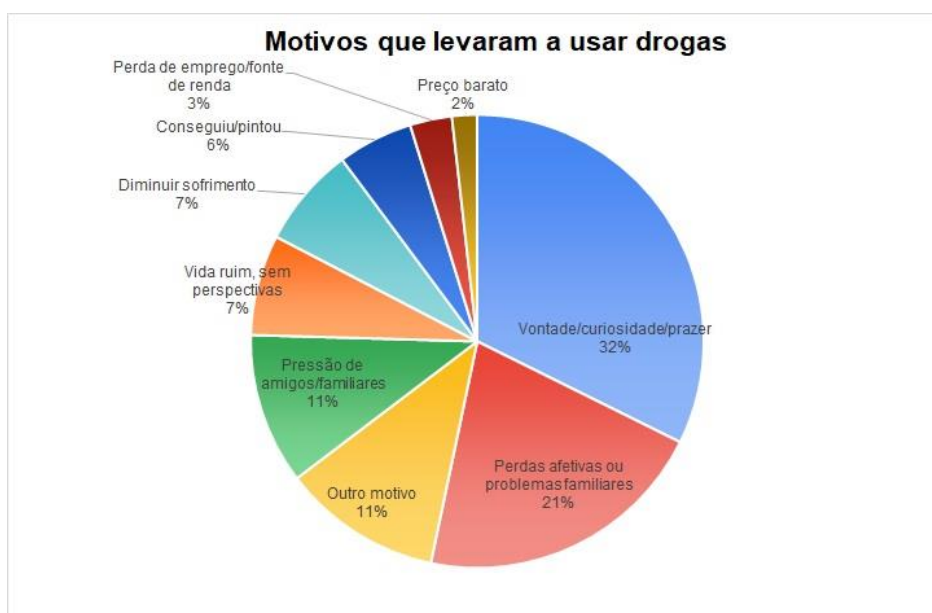
A seção consumo de álcool, tabaco e outras drogas avaliou o padrão de uso de substância da PSR em Juiz de Fora. Mais especificamente, foi avaliado o consumo recente (últimos 30 dias), a frequência semanal e os motivos para o uso. Observa-se na tabela abaixo que cigarro (68,4%) e álcool (57,9%), ambas substâncias lícitas, foram as mais consumidas nos últimos 30 dias. O crack (41,1%) e maconha (36,8%) foram as drogas ilícitas com maior uso recente. Ressalta-se ainda que a PSR se caracteriza pelo uso de múltiplas substâncias psicoativas.

Drogas	Consumo de álcool, tabaco e outras drogas nos últimos 30 dias (n=190)									
	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Cigarro	130	68,4	45	23,7	0	0	15	7,9	190	100
Álcool	110	57,9	64	33,7	1	0,5	15	7,9	190	100
Crack / Pedra / Cristal / Similares	78	41,1	92	48,4	1	0,5	19	10	190	100
Maconha / Haxixe	70	36,8	97	51,1	1	0,5	22	11,6	190	100
Cocaína	42	22,1	127	66,8	0	0	21	11,1	190	100
Inalantes / Cola / Solvente	15	7,9	152	80	0	0	23	12,1	190	100
Outra	5	2,6	170	89,5	0	0	15	7,9	190	100

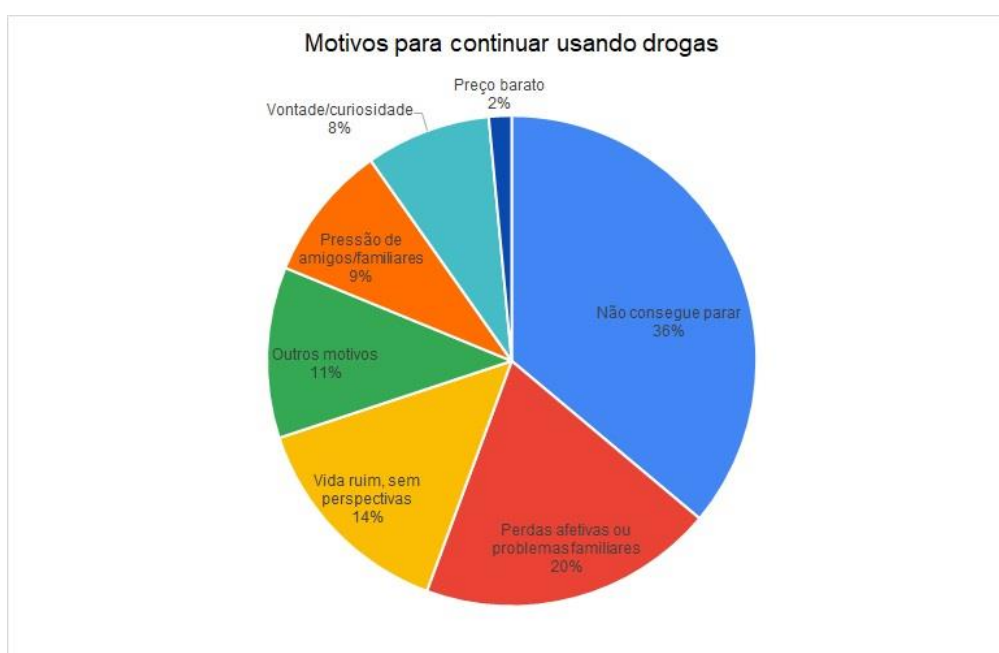
A tabela a seguir apresenta a frequência de uso de substâncias psicoativas na última semana. De uma maneira geral, o consumo diário foi o mais frequente, destacando o consumo de cigarro (65,4%), maconha (61,4%), álcool (51,8%) e crack (42,3%). Ressalta-se nos dados também o padrão de uso frequente de múltiplas substâncias.

Drogas	Padrão de consumo de álcool, tabaco e outras na última semana (n=130)												Total	
	Todos os Dias		Entre 3 e 6 Dias		Entre 1 e 2 Dias		Não Usou		Não soube responder		Não respondeu			
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Cigarro	85	65,4	13	10	18	13,9	2	1,5	3	2,3	9	6,9	130	100
Maconha / Haxixe	43	61,4	8	11,4	12	17,2	4	5,7	1	1,4	2	2,9	70	100
Álcool	57	51,8	24	21,8	21	19,1	6	5,5	0	0	2	1,8	110	100
Crack / Pedra / Cristal / Similares	33	42,3	21	26,9	12	15,4	8	10,3	0	0	4	5,1	78	100
Inalantes / Cola / Solvente	4	26,7	3	20	4	26,7	3	20	1	6,6	0	0	15	100
Cocaína	10	23,8	12	28,6	6	14,3	10	23,8	1	2,4	3	7,1	42	100
Outra	1	20	0	0	1	20	2	40	1	20	0	0	5	100

Os dois gráficos que se seguem apresentam as porcentagens dos motivos relatados pelos entrevistados por usarem substâncias psicoativas e por continuarem usando. Vale ressaltar que as pessoas apontaram mais de uma resposta e que os dados são apresentados a partir da porcentagem das motivos apresentados e não do número de respondentes. Os principais motivos atribuídos ao início de consumo foram vontade, curiosidade ou prazer causado pelas drogas consumidas (32,3%), seguido do uso para aliviar perdas afetivas ou problemas familiares vividas por essas pessoas (21,0%), outros motivos (11,4%) e por pressão de amigos ou familiares para consumir substâncias (10,8%). Vale ressaltar que o início do consumo não ocorreu necessariamente na condição de viver nas ruas. Os demais motivos podem ser observados abaixo.



Dentre os que relataram consumir substâncias, foi perguntado os motivos pelos quais continuam usando. O principal motivo foi a impossibilidade de interromper o uso (36,1%), seja por sintomas de dependência relatados, seja em função do contexto em que vivem que dificulta a parada do uso. Em seguida estão as perdas afetivas ou problemas familiares (19,5%) e a vida ruim e sem perspectivas (14,3%) enfrentadas por essas pessoas. Os demais motivos para continuar usando podem ser observados a seguir:



### 2.4.3.7 Seção VII: Educação

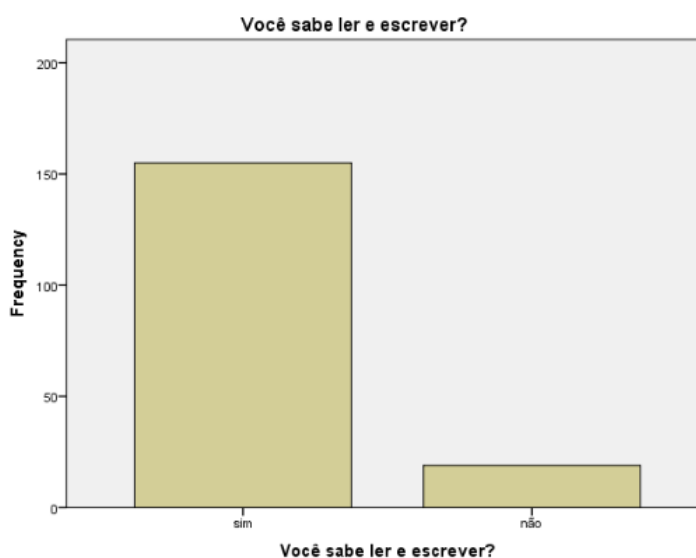
#### Principais resultados

- 81,6% das pessoas entrevistadas sabem ler e escrever;
- 80% dos respondentes frequentou a escola;
- 25,5% afirmaram possuir o ensino fundamental II incompleto;
- 6,8% declararam estudar atualmente.

Nas questões referentes à escolaridade e educação, abordadas nesta seção e ponto importante e relevante para se traçar o perfil dessa população, podemos verificar porcentagem elevada nas declarações sobre a capacidade de leitura e escrita. Dos 190 entrevistados, 155 pessoas (81,6%) afirmaram saber ler e escrever. Desse total, uma minoria, 1 pessoa (0,5%) declarou não saber responder e 15 pessoas (7,9%) não responderam a essa pergunta.

Você sabe ler e escrever?

	Frequência	Porcentagem
sim	155	81,6
não	19	10,0
não sabe	1	0,5
não respondeu	15	7,9
Total	190	100,0



Outro elemento importante se refere a declaração de que estuda ou já estudou, conforme dados apontados abaixo:

**Você estuda ou já estudou?**

	Frequência	Porcentagem
sim, estuda atualmente	13	6,8
sim, já estudei	152	80,0
não, nunca estudei	7	3,7
não respondeu	18	9,5
Total	190	100,0

Dos 190 entrevistados, 18 pessoas (9,5%) não responderam a essa pergunta. Uma minoria (7 pessoas, 3,7%) nunca estudou, e a maioria, (152 pessoas, 80%), afirmou já ter estudado; 13 pessoas (6,8%) disseram estar estudando atualmente. Sendo assim, 165 pessoas estudam ou já estudaram. Este dado relaciona-se diretamente com a afirmação dos dados apresentados sobre capacidade de leitura e escrita.

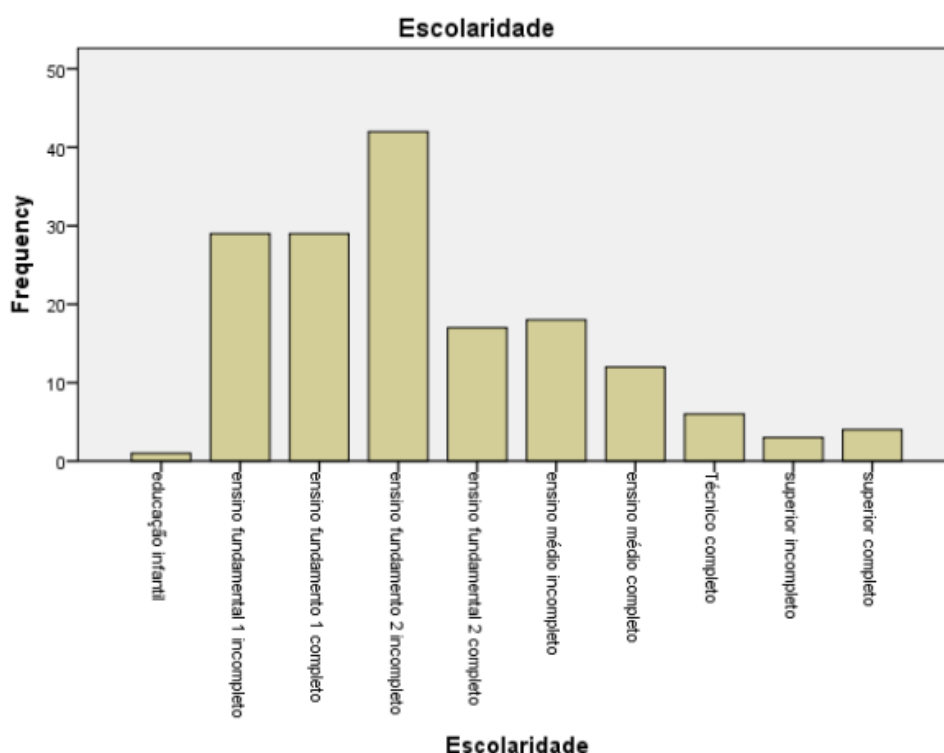
Importante destacar a presença dessa população nos estabelecimentos de ensino da cidade, apontada através da declaração de 13 pessoas (6,8%) que estudam atualmente, considerando as condições para exercício de tal atividade diante da vivência na rua.



Dos 165 entrevistados que afirmaram já ter estudado ou estar estudando, na pergunta anterior, a maioria, 42 pessoas (25,5%), afirmaram possuir o ensino fundamental II incompleto. Por outro lado, 17 pessoas (10,3%) responderam possuir essa etapa de ensino completa. Cerca de 29 pessoas (17,6%) afirmaram

ter concluído o ensino fundamental I, e o mesmo número de pessoas disseram não ter concluído essa etapa de ensino. 18 pessoas (10,9%) não concluíram o ensino médio, enquanto que 12 (7,3%) concluíram. Somente 6 pessoas (3,6%) possuem curso técnico, 4 pessoas (2,4%) possuem o ensino superior completo, e 3 pessoas (1,8%) possuem ensino superior incompleto.

Escolaridade		
	Frequência	Porcentagem
educação infantil	1	0,6
ensino fundamental 1 incompleto	29	17,6
ensino fundamental 1 completo	29	17,6
ensino fundamental 2 incompleto	42	25,5
ensino fundamental 2 completo	17	10,3
ensino médio incompleto	18	10,9
ensino médio completo	12	7,3
técnico completo	6	3,6
superior incompleto	3	1,8
superior completo	4	2,4
não sabe	1	0,6
não respondeu	3	1,8
Total	165	100,0



Observamos através destes dados a baixa escolaridade dessa população, que pode ser impulsionadora da vivência e manutenção das pessoas na rua, quando o motivo que as leva a estar na rua coincide com o desemprego e necessidade de sobrevivência.

### 2.4.3.8 Seção VIII: Violência

#### Principais resultados

- Xingamentos, humilhação e preconceitos (77,4%), roubo/furto (60,7%) e espancamento, briga, luta corporal ou paulada (56,5%) foram os tipos de violência mais sofridos, de uma maneira geral;

- Xingamento, humilhação, preconceitos (57,9%), roubo/furto (42,1%) e espancamento, briga, luta corporal ou paulada (35,5%) foram os tipos de violência mais reportadas como ocorridas em Juiz de Fora;

- Os principais autores de violência, de uma forma geral foram outras pessoas na mesma situação (58,2%), outras pessoas que passam pelas ruas (46,4%) e policiais (41,8%);

- Os principais autores de violência, ocorridos em Juiz de Fora foram as outras pessoas na mesma situação (35,2%), outras pessoas que passam pelas ruas (46,4%) e policiais (34,7%).

Na Seção VIII são apresentados os dados sobre autorrelato dos tipos de violência sofrida/observada pelas pessoas em situação de rua e seus autores. De uma maneira geral, observa-se uma alta frequência de violência sofrida por essa população. A tabela abaixo apresenta os relatos dos tipos de violência sofrida, de uma forma geral. Os xingamentos, humilhação e preconceitos foram os mais reportados entre (68,4%), seguido de roubo/furto (53,7%) e espancamento, briga, luta corporal ou paulada (50%).

Violência	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Xingamento, humilhação, preconceitos	130	68,4	38	20	0	0	22	11,6	190	100
Espancamento/briga/luta corporal/paulada	95	50	73	38,4	0	0	22	11,6	190	100
Tiro, facada, queimadura	46	24,2	122	64,2	0	0	22	11,6	190	100



A tabela abaixo apresenta os tipos de violência que as pessoas relataram ter sofrido especificamente no município de Juiz de Fora. De uma maneira geral, observa-se uma menor frequência de violência relatada no município, apesar de serem semelhantes às sofridas em outros municípios. O xingamento, humilhação, preconceitos se mantem mais frequente(57.9%), seguido de roubo/furto (42.1%) e espancamento, briga, luta corporal ou paulada (35,5%).

Tipos de violência sofridas em situação de rua no município de Juiz de Fora n=190										
Violência JF	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Xingamento, humilhação, preconceitos	110	57,9	57	30	0	0	23	12,1	190	100
Espancamento/briga/luta corporal/paulada	71	37,4	96	50,5	0	0	23	12,1	190	100
Tiro, facada, queimadura	36	18,9	131	68,9	0	0	23	12,1	190	100
Jogar fora ou recolher seus pertences	67	35,3	100	52,6	0	0	23	12,1	190	100
Abuso sexual	11	5,8	157	82,6	0	0	22	11,6	190	100
Roubo/furto	80	42,1	87	45,8	0	0	23	12,1	190	100
Retirado da rua à força	24	12,6	143	75,3	0	0	23	12,1	190	100

Em relação aos autores das violências relatadas pelas pessoas em situação de rua, destaca-se outras pessoas na mesma situação (58,2%), outras pessoas que passam pelas ruas (46,4%) e policiais (41,8%). Especificamente sobre a violência

sofrida em Juiz de Fora, a caracterização dos autores relatados pelos entrevistados foi semelhante à violência sofrida também em outros municípios, sendo as outras pessoas na mesma situação (35,2%), outras pessoas que passam pelas ruas (46,4%) e policiais (34,7%) as mais frequentes.

Autores de violência sofrida, relatado pelas PSR (n=153)										
De quem sofreu	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Polícia (PM/Civil)	64	41,8	81	52,9	3	2	5	3,3	153	100
Guarda Municipal	19	12,5	124	81	4	2,6	6	3,9	153	100
Pessoas que passam na rua	71	46,4	74	48,4	4	2,6	4	2,6	153	100
Outros moradores de rua	89	58,2	56	36,6	4	2,6	4	2,6	153	100
Moradores do entorno da rua onde fica	46	30,1	94	61,4	9	5,9	4	2,6	153	100
Comerciantes	26	17	119	77,8	4	2,6	4	2,6	153	100
Segurança privada	22	14,4	122	79,7	3	2	6	3,9	153	100
Traficantes	22	14,4	122	79,7	3	2	6	3,9	153	100
Agentes públicos de Serviços de Acolhida/ Centro de convivência	10	6,5	132	86,3	5	3,3	6	3,9	153	100
Outros agentes públicos na rua	4	2,6	137	89,6	6	3,9	6	3,9	153	100
Outro	7	4,6	139	90,8	3	2	4	2,6	153	100
Sofri, mas não sei de quem	3	2	145	94,8	1	0,6	4	2,6	153	100

Autores de violência sofrida, relatado pelas PSR em Juiz de Fora (n=153)										
De quem sofreu JF	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Polícia (PM/Civil)	53	34,7	90	58,8	2	1,3	8	5,2	153	100
Guarda Municipal	19	12,5	124	81	2	1,3	8	5,2	153	100
Pessoas que passam na rua	54	35,2	89	58,2	3	2	7	4,6	153	100

Também foi perguntado aos entrevistados os tipos de violência que eles observaram, sofrida por outras pessoas em situação de rua. O xingamento, humilhação e preconceitos foi a mais frequente (72,6%), seguido de espancamento, briga, luta corporal, paulada (68,4%), roubo ou furto (53,2%) e tiro, facada ou queimadura (51,1%). Apesar de menos frequentes, os dados foram semelhantes em relação à caracterização da violência observada especificamente no município de Juiz de Fora, sendo os mais frequentes xingamento, humilhação e preconceitos (60,0%), seguido de espancamento, briga, luta corporal, paulada (56,8%), roubo ou furto (43,2%) e tiro, facada ou queimadura (41,1%).

Tipos de violência observada, sofridas por pessoas em situação de rua (n=190)										
Violência que viu sofrer	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Xingamento, humilhação, preconceitos	138	72,6	21	11,1	7	3,7	24	12,6	190	100
Espancamento/briga/luta corporal/paulada	130	68,4	29	15,3	7	3,7	24	12,6	190	100
Tiro, facada, queimadura	97	51,1	62	32,6	7	3,7	24	12,6	190	100

Tipos de violência observada, sofridas por pessoas em situação de rua em Juiz de Fora (n=190)										
Violência que viu sofrer JF	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Xingamento, humilhação, preconceitos	114	60	44	23,2	7	3,7	25	13,2	190	100
Espancamento/briga/luta corporal/paulada	108	56,8	49	25,8	7	3,7	26	13,7	190	100
Tiro, facada, queimadura	78	41,1	79	41,6	7	3,7	26	13,7	190	100
Jogar fora ou recolher seus pertences	75	39,5	83	43,7	7	3,7	25	13,2	190	100
Abuso sexual	29	15,3	129	67,9	7	3,7	25	13,2	190	100
Roubo/furto	82	43,2	76	40	7	3,7	25	13,2	190	100
Retirado da rua à força	44	23,2	114	60	7	3,7	25	13,2	190	100
Já viu, mas não soube responder que tipo	4	2,1	156	82,1	5	2,6	25	13,2	190	100

Os dados referentes aos autores de “violência observada” assemelharam-se aos relatos de violência sofrida. Outras PSR foram os principais autores de violência (72,3%). Nessa situação, os policiais foram os segundo autores mais relatados (43,2%), seguido de outras pessoas que passavam pelas ruas (42,6%).

Autores de violência observada, relatado pelas PSR (n=148)										
De quem viu sofrer	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Polícia (PM/Civil)	64	43,2	71	48	11	7,4	2	1,4	148	100
Guarda Municipal	34	23	101	68,2	11	7,4	2	1,4	148	100
Pessoas que passam na rua	63	42,6	74	50	11	7,4	0	0	148	100

Em relação à violência observada especificamente em Juiz de Fora, apesar de frequências menores, os tipos de violência foram semelhantes aos dados gerais. Os autores mais frequentes foram outras pessoas em situação de rua (53,4%), policiais (35,2%) e outras pessoas que passavam pelas ruas (33,1%).

Autores de violência observada (em Juiz de Fora), relatado pelas PSR (n=148)										
De quem viu sofrer JF	Sim		Não		Não soube responder		Não respondeu		Total	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Policia (PM/Civil)	52	35,2	82	55,4	11	7,4	3	2	148	100
Guarda Municipal	32	21,6	103	69,6	11	7,4	2	1,4	148	100
Pessoas que passam na rua	49	33,1	87	58,8	10	6,7	2	1,4	148	100

### **2.4.3.9 Seção IX: Autopercepção**

#### **Principais resultados**

- 48,2% os entrevistados disseram que precisam de um emprego para sair da situação de rua;
- 44,6% disseram que precisam de moradia para sair da situação de rua;
- 18,7% dos respondentes disseram que precisam de dinheiro para sair da situação de rua;

- 11,4% das pessoas disseram que precisam de acompanhamento médico e 9,6% disseram que precisam de acompanhamento psicológico para sair da situação de rua.

Nesta seção, dentre os 190 respondentes do diagnóstico, 22 pessoas (11,6%) não responderam o que é preciso para sair da situação de rua, e uma minoria, 2 pessoas (1,1%), afirmaram não saber responder a essa pergunta. Assim, o total de respostas deixa de ser 190 e passa a ser 166 o número de pessoas que de fato afirmaram o que precisam para sair da situação de rua. Além disso, como se tratava de uma pergunta aberta, houve a possibilidade de mais de uma resposta por entrevistado. Segue abaixo a tabela geral das respostas da seção:

<b>O QUE MAIS VOCÊ PRECISA PARA SAIR DA SITUAÇÃO DE RUA</b>						
<b>O que precisa</b>	<b>Sim</b>		<b>Não Citou</b>		<b>Total</b>	
	<b>N</b>	<b>(%)</b>	<b>N</b>	<b>(%)</b>	<b>N</b>	<b>(%)</b>
<b>Emprego</b>	80	48,2	86	51,8	166	100
<b>Moradia</b>	74	44,6	92	55,4	166	100
<b>Dinheiro</b>	31	18,7	135	81,3	166	100
<b>Acompanhamento médico</b>	19	11,4	147	88,6	166	100
<b>Acompanhamento psicológico</b>	16	9,6	150	90,4	166	100
<b>Família</b>	4	2,4	162	97,6	166	100
<b>Documentos</b>	9	5,4	157	94,6	166	100
<b>Não quero sair da rua</b>	8	4,8	158	95,2	166	100
<b>Outros</b>	29	17,5	137	82,5	166	100

A seção Autopercepção avaliou as respostas para condições necessárias à saída das ruas. Percebe-se que a questão relativa ao emprego, e somado a ela a

sua íntima relação com a necessidade de dinheiro, são os principais aspectos de entendimento desta população para deixar a situação de rua. Soma-se ao fato a necessidade de moradia que também perpassa pela ausência de emprego e dinheiro. Tais respostas apontam para questões de ordem estrutural de difícil resolução via políticas públicas. Tais questões que perpassam a vida de inúmeras outras pessoas que não estão em situação de rua apontam para uma tendência ao aumento da população em situação de rua ao longo dos anos exatamente pela ausência destes três “elementos” – moradia, emprego e dinheiro.

Ainda sobre as respostas obtidas, o campo da saúde também merece destaque, pois 35 (21%) apontaram sobre a necessidade de acompanhamento médico e psicológico como um fator importante para deixar a situação de rua. Apesar de não conseguirmos de fato mensurar a relação entre estes acompanhamentos com a saída da situação de rua, não podemos deixar de observar que esta resposta aparece com determinada frequência e tem, com certeza, um impacto significativo na vida dessa população.

## **2.5 Sugestões de ações a serem desenvolvidas**

- Avaliar a possibilidade de transformações estruturais nos equipamentos da alta complexidade da assistência social para atendimento mais qualificado das demandas apresentadas por essa população (possibilidade de guarda de pertences, local para os cachorros, ampliar sistema de segurança no local, realização de atividades para preenchimento de tempo ocioso). Entende-se a necessidade de intersetorialidade para a execução de ações;
- Expandir o processo de descentralização territorial e implementação de espaços diversificados e com baixa ocupação em instituições de acolhimento, ofertando assim um atendimento mais próximo e humanizado;
- Ampliar o número de equipe de abordagem de rua para busca ativa e monitoramento permanente das áreas de maior frequência da população em situação de rua, a fim de otimizar os atendimentos realizados e encaminhamentos necessários;



- Articular as políticas e serviços de assistência social realizados nos CRAS e CREAS para acessarem de forma sistemática e unificada os serviços específicos de população em situação de rua e, ao mesmo tempo, não deixarem de atender este público por sua condição de rua;

- Reorganizar os serviços disponíveis no município, a partir das especificidades devidas ao tempo em que as pessoas estão nas ruas. Equipes próprias para atendimento dos que estão a mais tempo nas ruas e equipes diferenciadas, assim como serviços específicos, para quem acaba de chegar nas ruas.

- Destinar as vagas dos hotéis para aqueles que acabam de entrar em condição de rua, a fim de obter melhores condições de trabalho junto à essa parcela da população em situação de rua, para que a mesma não se incorpore aos dados estatístico das que estão a mais de 5 anos nas ruas.

- Implementar mais equipes de trabalho para o Consultório na Rua.

- Expandir os atendimentos do consultório na rua, com equipes diversas, ampliando o horário de atendimento deste serviço.

- Articular junto a outros setores da PJJ e à rede de proteção social e cultura do município a realização de atividades sistemáticas, dentro e fora das instituições de acolhimento.

- Ofertar a população em situação de rua mediante cadastro prévio a gratuidade no transporte público da cidade.

- Realizar um levantamento mais individualizado com este segmento a fim de identificar a situação objetiva e subjetiva de cada um diante do mercado de trabalho, suas demandas e possibilidades específicas.

- Realizar um pesquisa diagnóstico específica com aqueles que vivem das ruas, embora não durmam nela ou em instituições de acolhimento, para articulada à sugestão acima, construir um perfil dos trabalhadores precarizados da cidade a fim de encaminhar a questão de emprego e renda para este segmento que, em geral, demanda ações protetivas e sistemáticas do poder público local para se inserirem no mercado de trabalho de forma mais adequada e organizada.

- Promover medidas assistenciais que interseccionem políticas imediatas de sustento e mediatas de criação de condições para preparar o retorno ao trabalho, considerando recapacitação, aprendizagem, cultura, saúde, histórias de vida e o que apresentam como projeto e perspectiva para seu futuro.

- Avançar no diálogo com parceiros na cidade que possam abrir suas portas para acolher esses sujeitos como trabalhadores com a mediação do poder público.

- Viabilizar a absorção dos mesmo em projetos que o poder público venha a desenvolver na cidade.

- Destinar à população em situação de rua vagas em cursos diversos sobretudo aqueles de cunho profissionalizante.

- Integrar as políticas públicas nas ações voltadas a população em situação de rua estabelecendo mecanismos que permitam monitoramento e acompanhamento articulado entre diversas políticas.

- Desenhar fluxos entre políticas as diversas políticas públicas que possuem interface com atendimento à população em situação de rua.

- Construir banco de dados com sistematização de todas as informações relativas a esta população e manutenção em tempo real dos dados colhidos (Identificação, região, demandas apresentadas, etc.).

- Ofertar capacitação continuada aos trabalhadores de serviços destinados a população em situação de rua para qualificar o atendimento;

- Construir uma cartilha para distribuição aos serviços sobre os direitos da população em situação de rua.

- Desenvolver ações de vigilância social para identificação e denúncia de situações de violência envolvendo a população em situação de rua, entre elas indícios de aporofobia em espaços urbanos próximos aos principais pontos de concentração desta população.

- Implementar uma política de redução de danos.

- Ampliar a política de saúde mental voltada à população em situação de rua, em especial, do CAPS AD.

- Avançar na construção da Política de Segurança Alimentar no município.

## NOTAS CONCLUSIVAS

A realização do *Censo e Diagnóstico da População Adulta em Situação de Rua em Juiz de Fora – MG* expressa uma demanda de movimentos sociais em geral e de entidades e organizações de defesa dos direitos humanos. Trata-se uma atividade estreitamente ligada aos interesses de uma parcela da população que vivencia uma condição precária de acesso aos direitos e manifesta a conjuração das mais profundas expressões da questão social.

A consecução do projeto aponta para uma contribuição da UFJF com a construção coletiva de caminhos qualificados em busca da superação de alguns dos entraves que se colocam ao bem estar desta população por meio do apoio acadêmico ao desenvolvimento de soluções de gestão e implantação de políticas públicas adequadas em vários âmbitos e áreas de seu desenvolvimento. Caracteriza uma ação que transfere conhecimento e inova por meio da entrega de produtos que poderão ser estudados e retroalimentados para além da duração desse projeto. Integra

Universidade, Poder Público Local e Sociedade, caracterizando uma parceria interinstitucional e, dentro da UFJF, garantindo a interdisciplinaridade e a relação entre departamentos diversos. Por fim, trata-se de uma ação fundamental para a elaboração, monitoramento e avaliação de políticas públicas mais efetivas.

Ao finalizar o projeto identificamos desafios diversos que foram apontados ao longo deste relatório. No entanto, a partir do cuidado metodológico adotado durante todo o processo estamos cientes de que os resultados podem ser tomados como bem próximos ao número real de pessoas em situação de rua em Juiz de Fora. Se tomarmos como comparativo, por exemplo, o dado encontrado na cidade do Rio de Janeiro, cuja metodologia nos serviu de base neste estudo, temos que lá foram entrevistadas 7.272 pessoas em situação de rua, correspondendo a aproximadamente 0,10% da população total. No censo de Juiz de Fora, considerando a mesma proporção, teríamos uma estimativa de população de 577 pessoas. Soma-se às características da cidade do Rio de Janeiro, metrópole nacional, com grande fluxo migratório de várias

regiões do país, com grande importância econômica e cultural, em Juiz de Fora, alcançamos uma população proporcionalmente maior.

E, se formos comparar com o último diagnóstico realizado em Juiz de Fora, em que foi feita a contagem da população em situação de rua, o qual identificou 384 pessoas dormindo diretamente nas ruas ou acolhidas; levando-se em conta, no levantamento atual, a aplicação de 805 questionários válidos (dentro censo, diagnóstico e observação), podemos afirmar um aumento de (aproximadamente) 110% no número de pessoas em situação de rua em Juiz de Fora, entre 2016 e 2022. Desta forma, o desafio da cidade é grande e demanda o envolvimento de todos para, capitaneados pelo executivo municipal, coma oferta de serviços públicos qualificados, promover o aprimoramento dos atendimentos prestados, assim como a criação de outros necessários para que sejam atendidas as demandas por dignidade, postas pela população em situação de rua.

Novamente cabe ressaltar que, em pesquisas deste tipo, a despeito de todo compromisso e

cuidado metodológico, encontramos um retrato fiel somente da semana em que os dados de campo são coletados. Tomados desta forma e, articulados ao arcabouço teórico metodológico utilizado, os dados constituem informações valiosas para serem melhor estudadas e trabalhadas em termos de aprimoramento dos serviços prestados pelo município. A partir dos dados do diagnóstico teremos condições de produzir um número expressivo de análises e projetos de intervenção por parte do poder público local, coma confiabilidade científica de uma pesquisa primária construída coletivamente e com rigor técnico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: aprendendo a contar. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília, 2009. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Livros/Rua\\_aprendendo\\_a\\_contar.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf). Acesso em: junho/22.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua. Brasília, 2008.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *A "Questão Social" no Brasil: Crítica do Discurso Político* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- CORRÊA, Vera. *Globalização e Neoliberalismo: O que isto tem a ver com você, professor?* Rio de Janeiro: Quartet, 2000.
- DIAS, Andréa theodoro Toci. *Comparando albergues públicos e filantrópicos: apresentação de uma escala de avaliação objetiva dessas instituições*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Fundação Oswaldo Cruz, Escola nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 1999.
- SCOREL, Sarah. *Vidas ao léu: trajetórias de "exclusão social"*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- FRANGELLA, Simone Miziara. *Corpos errantes urbanos: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. Tese. (Doutorado em Antropologia), Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2004.
- GRANJA, Berta; PIRES, Nuno; FRANÇA, Paula. Processos e dinâmicas sociais - construção do NPISA (Núcleo de Planejamento e Intervenção de Apoio à Pessoa em Situação de Sem- Abrigo) do Porto (2009 e 2015). In ARBIA, Alexandre; PEREIRA, Viviane; GRANJA, Berta (Orgs.). *Atendimento à população em situação de rua: reflexões e práticas no Brasil e na Europa*. Juiz de Fora: Editora da UFJF / Selo Serviço Social. No prelo.
- IAMAMOTO, Marilda Vilella. *O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez, 2000.
- IAMAMOTO, Marilda Vilella. A questão Social no Capitalismo. In: *Temporalis*, Ano II, Nº 3, janeiro a junho de 2001, ABEPSS, Brasília.
- IAMAMOTO, Marilda Vilella; CARVALHO, Raul de. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. São Paulo: Cortez, 1998.
- IANNI, Otávio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- JUIZ DE FORA, Prefeitura de. *Decreto nº 14.489, de 19 de abril de 2021*. Revoga o Decreto nº 11.749/2013, e institui o Comitê Intersetorial de Elaboração, Acompanhamento e Monitoramento da Política Municipal para a População em Situação de Rua de Juiz de Fora. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/j/juiz-de-fora/decreto/2021/1449/14489/dec reto-n-14489-2021-revoga-o->

[decreto-n-11749-2013-e-institui-o-comite-intersectorial-de-elaboracao-acompanhamento-e-monitoramento-da-politica-municipal-para-a-populacao-em-situacao-de-rua-de-juiz-de-fora.](#)

Acesso em: junho/22.

JUIZ DE FORA, Prefeitura de. Diagnóstico da População em Situação de Rua 2016. Juiz de Fora, 2016. Disponível em

<https://drive.google.com/file/d/1f1Er8AnDq-WKyHWqNbl6dShiitKNTz9o/view>.

Acesso em: junho/2022.

NATALINO, Marco. *Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020)*. Junho de 2020. In: BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). *Nota Técnica nº 73*. Disponível em:

[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/200612\\_nt\\_disoc\\_n\\_73.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf). Acesso em:

junho/22.

NATALINO, Marco. *Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil (2012 - 2022)*. Publicação preliminar. Dezembro de 2022. In: BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). *Nota Técnica*. Disponível em:

[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/1/NT\\_Estimativa\\_da\\_Populacao\\_Publicacao\\_Preliminar.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/1/NT_Estimativa_da_Populacao_Publicacao_Preliminar.pdf). Acesso em: dezembro/22.

NETTO, José Paulo. *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1992.

NETTO, José Paulo. Cinco notas a propósito da “questão social”. In: *Temporalis*. Ano II, Nº 3, janeiro a junho de 2001, ABEPSS, Brasília.

PEREIRA, Potyara Amazoneida. Questão social, Serviço Social e direitos de cidadania. In:

*Temporalis*. Ano II, Nº 3, janeiro a junho de 2001, ABEPSS, Brasília.

RIO DE JANEIRO, Prefeitura do. Censo da População em Situação de Rua - 2020. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://psr2020-perj.hub.arcgis.com/>. Acesso em: junho/22.

RODRIGUES, Igor de Souza (*et.al.*). A gênese da situação de rua no Brasil. In: RODRIGUES, Igor de Souza e FERNANDES, Dmitri Cerboncini (Orgs.). *Cidadãos em situação de rua: dossiê Brasil - grandes cidades*. Curitiba: CRV, 2020.

ROSA, Cleisa Moreno Maffei (org.). *População de rua Brasil e Canadá*. São Paulo: Hucitec, 1995.

SÃO PAULO, Prefeitura de. Censo da População em Situação de Rua – 2021. São Paulo, 2021. Disponível em:

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia\\_social/observatorio\\_socioassistencial/pesquisas/index.php?p=18626](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/observatorio_socioassistencial/pesquisas/index.php?p=18626). Acesso em: junho/22.

SASS, ODAIR. Sobre os conceitos de censo e amostragem em educação, no Brasil. **Revista Estatística e Sociedade**, Porto Alegre, p.128-141, n.2 nov. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/estatisticaesociedade/article/view/34902>. Acesso em: novembro/22.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. et al. *População de rua, quem é, como vive, como é vista*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

## APÊNDICES

### Apêndice 1: Instrumento de coleta curto - censo

NÚMERO DO QUESTIONÁRIO \_\_\_\_\_

CENSO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM JUIZ DE FORA – MG (2022)

#### BLOCO 0 – CONTROLE DE ENTREVISTA

<b>Controle de campo</b>
A. Data da entrevista: ____/____/____      Início da entrevista: ____ hora (s) ____ minutos
B. Turno: 1. ( ) Manhã 2. ( ) Tarde 3. ( ) Noite
C. Nome do Entrevistador: _____
D. Código do setor da entrevista (região da cidade): _____
E. Logradouro (Rua, Avenida, Praça, etc.): _____ _____
F. <i>(Pergunta filtro)</i> Nos últimos 7 dias, você dormiu pelo menos um dia nas ruas?  <i>OBS: perguntar o motivo de ter dormido na rua para saber se foi alguém que dormiu porque não teve dinheiro para voltar para casa porque bebeu demais, perdeu a última condução para voltar ou motivo semelhante. Nestes casos, ENCERRAR A ENTREVISTA.</i>  Marcar com x <b>apenas uma</b> das opções.
1. ( ) Sim
2. ( ) Não >>>> <b>ENCERRAR ENTREVISTA</b>
98. ( ) Não soube responder >>>> <b>ir para o final da entrevista e marcar nas questões sobre as condições de aplicação do questionário.</b>
99. ( ) Não respondeu >>>> <b>ir para o final da entrevista e marcar nas questões sobre as condições de aplicação do questionário.</b>



**BLOCO 1 – IDENTIFICAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A)**

1. QUAL SEU NOME COMPLETO? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

*Se a pessoa não quiser dar o nome prosseguir com a entrevista normalmente*

2. CASO POSSUA, QUAL SEU APELIDO? \_\_\_\_\_

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu 100. ( ) Não possui

3. QUAL NOME DA SUA MÃE? \_\_\_\_\_

*Caso o entrevistado não tenha dado seu nome na questão 1, perguntar se ele se importa em falar o nome da mãe. Caso não fale, prosseguir a entrevista normalmente.* 98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

4. QUAL SUA IDADE? \_\_\_\_\_

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

5. QUAL SEU SEXO?

**Não ler as opções de resposta!**

01. ( ) Masculino

02. ( ) Feminino

03. ( ) Outro \_\_\_\_\_

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

6. VOCÊ SE IDENTIFICA COMO?

**Ler as alternativas!**

01. ( ) Mulher cis ou cisgênero

02. ( ) Homem cis ou cisgênero

03. ( ) Mulher Transexual

04. ( ) Travesti

05. ( ) Homem Transexual  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**7. VOCÊ SE RELACIONA SEXUALMENTE COM?**

**Ler as alternativas!**

01. ( ) Pessoas do sexo oposto ao seu (Heterossexual)  
02. ( ) Pessoas do mesmo sexo que o seu (Homossexual)  
03. ( ) Homens e Mulheres (Bissexual)  
04. ( ) Não sinto atração física ou sexual por ninguém (Assexual)  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**8. QUAL SUA COR/RAÇA?**

**Ler os itens e marcar o que for declarado! CASO a declaração não corresponda a nenhuma das opções, RELEIA as opções para a pessoa se classificar numa das alternativas.** 01. ( ) Preta

02. ( ) Parda  
03. ( ) Branca  
04. ( ) Amarela  
05. ( ) Indígena  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**9. EM QUAL CIDADE VOCÊ ESTAVA ANTES DE VIR PARA JUIZ DE FORA?**

- \_\_\_\_\_  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**10. VOCÊ DORME NA RUA FAZ QUANTO TEMPO?**

**Marcar a partir do que for declarado!**

01. ( ) Menos de 1 mês  
02. ( ) Mais de 1 mês até 6 meses  
03. ( ) Mais de 6 meses até 1 ano

- 04. ( ) Mais de 1 ano até 2 anos
- 05. ( ) Mais de 2 anos até 4 anos
- 06. ( ) Mais de 5 anos
- 98. ( ) Não soube responder
- 99. ( ) Não respondeu

**Término da entrevista: \_\_\_ hora (s) \_\_\_ minutos**

**11. CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DO QUESTIONÁRIO:**

- 01. ( ) Possível
- 02. ( ) Impossível\*
- 03. ( ) Interrompida

**\* Registrar as informações de identificação por observação**

**11.1. JUSTIFICATIVA PARA NÃO REALIZAÇÃO:**

- 01. ( ) Sonolência, apatia ou letargia
- 02. ( ) Alteração/torpor por uso de álcool ou drogas
- 03. ( ) Outro motivo de saúde
- 04. ( ) Risco, perigo ou agressividade
- 05. ( ) Interferência externa (sons, outras pessoas, etc.)

**ENCERRE A ENTREVISTA! NÃO ESQUEÇA DE AGRADECER!**

---

### QUESTIONÁRIO DE OBSERVAÇÃO

**Dependendo da situação da entrevista (ver questão 11), estimar por observação os seguintes itens:**

#### 1. IDADE

- 01. ( ) 18-25 anos
- 02. ( ) 25-40 anos
- 03. ( ) 40-50 anos
- 04. ( ) 50-60 anos
- 05. ( ) Mais de 60 anos

#### 2. SEXO

- 01. ( ) Masculino
- 02. ( ) Feminino
- 03. ( ) Não identificado

#### 3. COR/RAÇA

- 01. ( ) Preta
- 02. ( ) Parda
- 03. ( ) Branca
- 04. ( ) Amarela
- 05. ( ) Indígena

**Apêndice 2: Instrumento de coleta alongado - diagnóstico**

NÚMERO DO QUESTIONÁRIO \_\_\_\_\_

CENSO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM JUIZ DE FORA – MG (2022)

**BLOCO 0 – CONTROLE DE ENTREVISTA**

**Controle de campo**

A. Data da entrevista: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Início da entrevista: \_\_\_\_ hora (s) \_\_\_\_ minutos

B. Turno: 1. ( ) Manhã 2. ( ) Tarde 3. ( ) Noite

C. Nome do Entrevistador: \_\_\_\_\_

D. Código do setor da entrevista (região da cidade): \_\_\_\_\_

E. Logradouro (Rua, Avenida, Praça, etc): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

F. *(Pergunta filtro)* Nos últimos 7 dias, você dormiu pelo menos um dia nas ruas?

*OBS: perguntar o motivo de ter dormido na rua para saber se foi alguém que dormiu porque não teve dinheiro para voltar para casa porque bebeu demais, perdeu a última condução para voltar ou motivo semelhante. Nestes casos, ENCERRAR A ENTREVISTA.*

Marcar com x **apenas uma** das opções.

01. ( ) Sim

02. ( ) Não >>>> **ENCERRAR ENTREVISTA**

98. ( ) Não soube responder >>>> **ir para o final da entrevista e marcar nas questões sobre as condições de aplicação do questionário.**

99. ( ) Não respondeu >>>> **ir para o final da entrevista e marcar nas questões sobre as condições de aplicação do questionário.**

**BLOCO 1 – IDENTIFICAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A)**

1. QUAL SEU NOME

COMPLETO? \_\_\_\_\_

*Se a pessoa não quiser dar o nome prosseguir com a entrevista normalmente*

2. CASO POSSUA, QUAL SEU APELIDO? \_\_\_\_\_

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

100. ( ) Não possui

3. QUAL NOME DA SUA MÃE?

\_\_\_\_\_  
*Caso o entrevistado não tenha dado seu nome na questão 1, perguntar se ele se importa em falar o nome da mãe. Caso não fale, prosseguir a entrevista normalmente.*

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

4. QUAL SUA IDADE? \_\_\_\_\_

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

5. QUAL SEU SEXO?

**Não ler as opções de resposta!**

01. ( ) Masculino

02. ( ) Feminino

03. ( ) Outro \_\_\_\_\_

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

6. VOCÊ SE IDENTIFICA COMO?

**Ler as alternativas!**

01. ( ) Mulher cis ou cisgênero

02. ( ) Homem cis ou cisgênero

- 03. ( ) Mulher Transexual
- 04. ( ) Travesti
- 05. ( ) Homem Transexual
- 98. ( ) Não soube responder
- 99. ( ) Não respondeu

**7. VOCÊ SE RELACIONA SEXUALMENTE COM?**

**Ler as alternativas!**

- 01. ( ) Pessoas do sexo oposto ao seu (Heterossexual)
- 02. ( ) Pessoas do mesmo sexo que o seu (Homossexual)
- 03. ( ) Homens e Mulheres (Bissexual)
- 04. ( ) Não sinto atração física ou sexual por ninguém (Assexual)
- 98. ( ) Não soube responder
- 99. ( ) Não respondeu

**8. QUAL SUA COR/RAÇA?**

**Ler os itens e marcar o que for declarado! CASO a declaração não corresponda a nenhuma das opções, RELEIA as opções para a pessoa se classificar numa das alternativas.**

- 01. ( ) Preta
- 02. ( ) Parda
- 03. ( ) Branca
- 04. ( ) Amarela
- 05. ( ) Indígena
- 98. ( ) Não soube responder
- 99. ( ) Não respondeu

**9. EM QUAL CIDADE VOCÊ ESTAVA ANTES DE VIR PARA JUIZ DE FORA?**

- \_\_\_\_\_
- 98. ( ) Não soube responder
  - 99. ( ) Não respondeu

**10. VOCÊ DORME NA RUA FAZ QUANTO TEMPO?**

**Marcar a partir do que for declarado!**

- 01. ( ) Menos de 1 mês
- 02. ( ) Mais de 1 mês até 6 meses
- 03. ( ) Mais de 6 meses até 1 ano

- 04.** ( ) Mais de 1 ano até 2 anos
- 05.** ( ) Mais de 2 anos até 4 anos
- 06.** ( ) Mais de 5 anos
- 98.** ( ) Não soube responder
- 99.** ( ) Não respondeu



## QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

**A cada questionários do CENSO, aplicar um de diagnóstico.**

**11. ONDE VOCÊ NASCEU?**

**Não ler as opções de resposta!**

01. ( ) Juiz de Fora  
02. ( ) Em outra cidade do Estado de Minas Gerais: \_\_\_\_\_  
03. ( ) Em outro Estado: \_\_\_\_\_  
04. ( ) Em outro país: \_\_\_\_\_  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**Perguntar só para quem não for de Juiz de Fora**

**12. VOCÊ GOSTARIA DE VOLTAR A MORAR NA SUA CIDADE NATAL?**

01. ( ) Sim  
02. ( ) Não  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**13. VOCÊ POSSUI FAMÍLIA COM QUEM MANTÉM CONTATO?**

01. ( ) Sim, em Juiz de Fora  
02. ( ) Sim, em outra cidade: \_\_\_\_\_  
03. ( ) Não, tem família porém não mantém contato  
04. ( ) Não, não tem família  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**14. SUA FAMÍLIA TAMBÉM DORME NA RUA OU EM ABRIGO?**

**Neste caso, esclarecer para o entrevistado o que se está considerando por família: companheiro(a), filhos(as), pai/mãe, avós, irmãos, sobrinhos.**

01. ( ) Sim  
02. ( ) Não  
98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

**15. TEM CRIANÇAS, MENORES DE 12 ANOS, SOB SUA RESPONSABILIDADE QUE DORMEM NA RUA COM VOCÊ?**

01. ( ) Sim, apenas uma

02. ( ) Sim, mais de uma

03. ( ) Não

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

**16. TEM ADOLESCENTES, DE 12 A 17 ANOS, SOB SUA RESPONSABILIDADE QUE DORMEM NA RUA COM VOCÊ?**

01. ( ) Sim, apenas um

02. ( ) Sim, mais de um

03. ( ) Não

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

**Perguntar apenas para quem respondeu sim nas questões 13 e/ou 14**

**17. VÃO À ESCOLA?**

01. ( ) Sim, apenas um

02. ( ) Não

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

**18. QUAL É A SITUAÇÃO DOS SEUS DOCUMENTOS?**

**Ler os itens e marcar o que a pessoa responder**

**01) CERTIDÃO DE NASCIMENTO:**1. ( ) Tenho; 2. ( )Tive, não tenho mais; 3. ( ) Nunca tive;

98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**02) CPF:**1. ( ) Tenho; 2. ( )Tive, não tenho mais; 3. ( ) Nunca tive;

98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**03) Carteira de identidade:**1. ( ) Tenho; 2. ( )Tive, não tenho mais; 3. ( ) Nunca tive;

98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**04) Carteira de trabalho:**1. ( ) Tenho; 2. ( )Tive, não tenho mais; 3. ( ) Nunca tive;

98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**05) Título de Eleitor:**1. ( ) Tenho; 2. ( ) Tive, não tenho mais; 3. ( ) Nunca tive;  
98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

## BLOCO 2 – TRAJETÓRIA

**19. POUCO ANTES DE DORMIR NAS RUAS (OU ABRIGO), ONDE VOCÊ DORMIA?**

**Não ler as opções de resposta!**

01. ( ) Em serviços de acolhimento institucional  
02. ( ) Em domicílio particular  
03. ( ) Em instituições penais  
04. ( ) Em instituições de saúde  
05. ( ) Outros \_\_\_\_\_  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**20. QUANTOS DIAS VOCÊ DORMIU NAS RUAS NOS ÚLTIMOS 30 DIAS?**

**Não ler as opções de resposta!**

01. ( ) 1 dia  
02. ( ) Entre 2 e 5 dias  
03. ( ) Entre 6 e 9 dias  
04. ( ) Entre 10 e 15 dias  
05. ( ) Entre 16 e 20 dias  
06. ( ) Entre 21 e 29 dias  
07. ( ) Todos os dias  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**21. NOS ÚLTIMO 7 DIAS, EM QUE LUGAR VOCÊ DORMIU NA MAIORIA DAS VEZES?**

**Marcar o que for declarado! CASO a declaração não corresponda a nenhuma das opções,**

**LER TODAS as opções para a pessoa se classificar numa das alternativas .**

01. ( ) Rua  
02. ( ) Abrigo  
03. ( ) Hotel (aluguel social)  
04. ( ) Pensão  
05. ( ) Domicílio próprio ou de outros

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

22. VOCÊ FOI PARA A RUA DEPOIS QUE A PANDEMIA DE CORONAVÍRUS COMEÇOU?

01. ( ) Sim

02. ( ) Não

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

23. QUAL O PRINCIPAL MOTIVO QUE TE LEVOU A DORMIR NAS RUAS?

**Não ler as opções de resposta!**

01. ( ) Nasci nas ruas e permaneço nela

02. ( ) Conflitos familiares (inclui separação)

03. ( ) Demissão do trabalho/desemprego ou perda de renda

04. ( ) Perda de casa por causas naturais/acidentes (ex: alagamentos, deslizamentos e incêndios)

05. ( ) Alcoolismo e/ou uso de drogas

06. ( ) Sofria ameaças, abusos ou violência

07. ( ) Saída do sistema prisional

08. ( ) Desentendimentos na comunidade ou vizinhança

09. ( ) Família passou a viver na rua

10. ( ) Andarilho / Nômade / Viajante

11. ( ) Para ficar perto do trabalho/ sem passagem para voltar para casa (mais de uma vez)

12. ( ) Migrantes ou refugiado

13. ( ) Outros \_\_\_\_\_

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

23.1. QUAIS MOTIVOS QUE TE LEVARAM A DORMIR NAS RUAS?

**Ler as opções de resposta e marcar sim ou não conforme as respostas!**

01. Nasci nas ruas e permaneço nela:

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

02. Conflitos familiares (inclui separação):

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

03. Demissão do trabalho/desemprego ou perda de renda:

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

<p><b>04.</b> Perda de casa por causas naturais/acidentes (ex: alagamentos, deslizamentos e incêndios):</p> <p>1.( ) Sim;<b>2.</b>( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b>( ) Não respondeu.</p>
<p><b>05.</b> Alcoolismo e/ou uso de drogas:</p> <p>1.( ) Sim;<b>2.</b>( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b>( ) Não respondeu.</p>
<p><b>06.</b> Sofria ameaças, abusos ou violência:</p> <p>1.( ) Sim;<b>2.</b>( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b>( ) Não respondeu.</p>
<p><b>07.</b> Saída do sistema prisional:</p> <p>1.( ) Sim;<b>2.</b>( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b>( ) Não respondeu.</p>
<p><b>08.</b> Desentendimentos na comunidade ou vizinhança:</p> <p>1.( ) Sim;<b>2.</b>( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b>( ) Não respondeu.</p>
<p><b>09.</b> Família passou a viver na rua:</p> <p>1.( ) Sim;<b>2.</b>( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder; <b>99.</b>( ) Não respondeu.</p>
<p><b>10.</b> Andarilho / Nômade / Viajante:</p> <p>1.( ) Sim;<b>2.</b>( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder; <b>99.</b>( ) Não respondeu.</p>
<p><b>11.</b> Para ficar perto do trabalho/ sem passagem para voltar para casa (mais de uma vez):</p> <p>1.( ) Sim;<b>2.</b>( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder; <b>99.</b>( ) Não respondeu.</p>
<p><b>12.</b> Migrantes ou refugiado:</p> <p>1.( ) Sim;<b>2.</b>( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b>( ) Não respondeu.</p>
<p><b>13.</b> ( ) Outros _____</p>
<p><b>98.</b> ( ) Não soube responder</p>
<p><b>99.</b> ( ) Não respondeu</p>

<p><b>24. VOCÊ POSSUI ALGUMA CASA PARA ONDE VOLTA OU PODE VOLTAR SE QUISER?</b></p> <p><b>01.</b>( ) Sim</p> <p><b>02.</b>( ) Sim, mas em função de trabalho também durmo na rua ou em abrigos</p> <p><b>03.</b>( ) Não</p> <p><b>98.</b>( ) Não soube responder</p> <p><b>99.</b>( ) Não respondeu</p>
---

**BLOCO 3 – SERVIÇOS**

<p><b>25. JÁ DORMIU NO ABRIGO OU UNIDADE DE ACOLHIMENTO DA PREFEITURA? SE SIM, QUAL QUAL FREQUÊNCIA?</b></p>
--

**Ler as opções de resposta!**

01. ( ) Sim, e continuo dormindo sempre  
02. ( ) Sim, de vez em quando  
03. ( ) Sim, mas deixei de dormir  
04. ( ) Não  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**25.1 VOCÊ TEM DIFICULDADE PARA ARRUMAR VAGAS EM ABRIGOS OU UNIDADES DE ACOLHIMENTO DA PREFEITURA?**

01. ( ) Sim  
02. ( ) Não  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**25.2 EM SUA OPINIÃO, OS ABRIGOS OU UNIDADES DE ACOLHIMENTO DA PREFEITURA APRESENTAM PROBLEMAS?**

01. ( ) Sim  
02. ( ) Não  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**25.3. QUAIS OS PROBLEMAS DOS ABRIGOS OU UNIDADES DE ACOLHIMENTO DA PREFEITURA?**

**Perguntar somente se a pessoa responder sim na questão 24.2. Ler as opções de resposta e marcar conforme o entrevistado responder!**

**01. Falta de liberdade (sem flexibilidade de horários e regras):**

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**02. Dificuldade de relacionamento, ameaças ou violência por parte de outros abrigados:**

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**03. Dificuldade de relacionamento, ameaças ou violência por parte de funcionários:**

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**04. Falta de infraestrutura nos edifícios:**

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

<p><b>05.</b>Falta de qualidade na comida/alimentação:</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b> ( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b> ( ) Não respondeu.</p>
<p><b>06.</b>Falta de limpeza e/ou conforto:</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b> ( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.</p>
<p><b>07.</b>Ocorrências de roubos e furtos (dos meus pertences):</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b> ( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b> ( ) Não respondeu.</p>
<p><b>08.</b>Falta de transporte público/gratuito ligando o abrigo às áreas que você frequenta/à cidade:</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b>( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b> ( ) Não respondeu.</p>
<p><b>09.</b>Falta de atividades, falta do que fazer:</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b> ( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b> ( ) Não respondeu.</p>
<p><b>10.</b>Falta de atendimento e/ou tratamento de qualidade:</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b> ( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b> ( ) Não respondeu.</p>
<p><b>11.</b>Localizações ruins (muito distantes, sem transporte público):</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b> ( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b>( ) Não respondeu.</p>
<p><b>12.</b>Não permitem cachorros:</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b> ( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b> ( ) Não respondeu.</p>
<p><b>13.</b>Não permitem guardar carrinho:</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b> ( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.</p>
<p><b>14.</b>Não permitem bebida no local:</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b> ( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b> ( ) Não Respondeu.</p>
<p><b>15.</b>Não permitem outras drogas no local:</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b> ( ) Não;<b>98.</b>( ) Não soube responder;<b>99.</b> ( ) Não respondeu.</p>
<p><b>16.</b> Uso de álcool ou outras drogas no local:</p> <p>1. ( ) Sim;<b>2.</b> ( ) Não;<b>98.</b>( ) Não sabe responder;<b>99.</b> ( ) Não respondeu.</p>
<p><b>17.</b>( )Outros _____</p>
<p><b>98.</b> ( ) Não souberesponde</p>
<p><b>99.</b> ( ) Não respondeu</p>

**26. NOS ÚLTIMOS SEIS MESES, FOI ATENDIDO POR ALGUMA DAS EQUIPES?**

**Leia as opções!**

**01.** CRAS - Centro de Referência de Assistência Social:

1. ( ) Sim; **2.** ( ) Não;**98.** ( ) Não soube responder; **99.** ( ) Não respondeu.

<b>02.</b> Centro Pop: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>03.</b> Equipe de Abordagem Social: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>04.</b> CREAS – Centro Referência Especializado Assistência Social: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>05.</b> Conselho Tutelar: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>06.</b> Unidade de Acolhimento: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não spibe responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>07.</b> Consultório na Rua: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>08.</b> Hotel: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>09.</b> Defensoria Pública: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>10.</b> ONGs: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>11.</b> CAPS: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>12.</b> PRESP: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>13.</b> SAMU: <b>1.</b> ( ) Sim; <b>2.</b> ( ) Não; <b>98.</b> ( ) Não soube responder; <b>99.</b> ( ) Não respondeu.
<b>14.</b> ( ) Sim, mas não lembra qual foi o atendimento
<b>15.</b> ( ) Não foi atendido por nenhuma
<b>98.</b> ( ) Não soube responder
<b>99.</b> ( ) Não respondeu

**27.FALE, POR FAVOR, UM SERVIÇO QUE A PREFEITURA NÃO OFEREÇA PARA VOCÊS E QUE VOCÊ ACHA QUE SERIA IMPORTANTE TER NA CIDADE?**

**Pedir para falar somente um, o que ela acha mais importante. Anotar o que a pessoa fala!**

---



---



---

**98.**( ) Não soube responder

**99.** ( ) Não respondeu



**BLOCO 4 – TRABALHO E RENDA**

**28. VOCÊ TRABALHAVA ANTES DE VIR PARA A RUA?**

**Leia as opções de resposta!**

- 01.( ) Sim, de carteira assinada
- 02.( ) Sim, sem carteira assinada
- 03.( ) Não
- 98.( ) Não soube responder
- 99.( ) Não respondeu

**29. SE SIM, QUE ATIVIDADE EXERCIA?**

- \_\_\_\_\_
- 98.( ) Não soube responder
  - 99.( ) Não respondeu

**30. NA RUA FAZ ALGUMA ATIVIDADE PARA GANHAR DINHEIRO?**

**Leia as opções de resposta!**

- 01.( ) Sim, de carteira assinada
- 02.( ) Sim, sem carteira assinada
- 03.( ) Não
- 98.( ) Não soube responder
- 99.( ) Não respondeu

**31. O QUE VOCÊ FAZ HOJE PARA GANHAR DINHEIRO?**

**Não ler as opções de resposta! Respostas múltiplas permitidas!**

- 01.( ) Catar materiais recicláveis ou lixo
- 02.( ) Vende produtos como camelô e ambulante
- 03.( ) Guarda, lava e/ou cuida de carros (flanelinha)
- 04.( ) Pede dinheiro nas ruas
- 05.( ) Atua na construção civil
- 06.( ) Faz serviços gerais
- 07.( ) Atua como carregador
- 08.( ) Trabalha como profissional do sexo
- 09.( ) Trabalha como entregador de aplicativo
- 10.( ) Outro \_\_\_\_\_

98. ( ) Não soube responder

99.( ) Não respondeu

**32. VOCÊ RECEBE ALGUM DOS SEGUINTE BENEFÍCIOS?**

**Leia as opções!**

**Respostas múltiplas permitidas!**

**01.**Auxílio Brasil/Bolsa Família/Auxílio emergencial:

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**02.** Benefício de Prestação Continuada (BPC)/LOAS:

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**03.**Aposentadoria / Pensão:

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**04.**Auxílio Doença: 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**05.**Aluguel Social: 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**06.**( ) Outros: \_\_\_\_\_

**07.** ( ) Não recebe nenhum auxílio

**98.** ( ) Não soube responder

**99.**( ) Não respondeu

## BLOCO 5 – SAÚDE

**33. VOCÊ ESTÁ GRÁVIDA?**

**Perguntar apenas se a pessoa respondeu “feminino” na pergunta 5**

**01.**( ) Sim

**02.**( ) Não

**98.** ( ) Não soube responder

**99.** ( ) Não respondeu

**33.1 VOCÊ ESTÁ TENDO ACOMPANHAMENTO PRÉ NATAL?**

**Perguntar apenas se a pessoa respondeu sim na pergunta 32**

**01.**( ) Sim

**02.**( ) Não

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

**34. VOCÊ TEM ALGUM DOS SEGUINTE PROBLEMAS DE SAÚDE?**

**Ler todos os itens e marcar.**

**01. Diabetes:** 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**02. Pressão alta/ doença no coração:**

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**03. HIV/ AIDS:**1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**04.Sífilis ou Outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST 's):**

1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**05.Asma/ Bronquite/ Pneumonia:**

1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder;99. ( ) Não respondeu.

**06.Tuberculose:**1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder;99. ( ) Não respondeu.

**07.Câncer/ Tumores:**1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**08. Hepatite:**1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder; 99.( ) Não respondeu.

**09.Hanseníase/"Lepra" ou outras doenças de pele:**

1. ( ) Sim;2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder;99. ( ) Não respondeu.

**10.Infecção urinária:**1. ( ) Sim;2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**11.Ferimentos, fraturas ou outros traumas físicos:**

1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

**12.Cegueira:**1. ( ) Sim;2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder;99. ( ) Não respondeu.

**13.Surdez:**1. ( ) Sim;2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99.( ) Não respondeu.

**14.Deficiência física:**1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder;99. ( ) Não respondeu.

**15.Saúde Mental “doença dos nervos”:**

1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder;99. ( ) Não respondeu.

**16.Dependência de álcool ou outras drogas:**

1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder99. ( ) Não respondeu.

**17. Cárie ou dor de dente:**

1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder;99. ( ) Não respondeu.

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

<b>34.1 FAZ TRATAMENTO?</b>
<b><u>Ler somente as doenças que foram apontadas como existentes na questão anterior.</u></b>
<b>01. Diabetes: 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.</b>
<b>02. Pressão alta/ doença no coração:</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>03. HIV/ AIDS:</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>04. Sífilis ou Outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST 's):</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>05. Asma/ Bronquite/ Pneumonia:</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>06. Tuberculose:</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>07. Câncer/ Tumores:</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>08. Hepatite: 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.</b>
<b>09. Hanseníase/"Lepra" ou outras doenças de pele:</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>10. Infecção urinária:</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>11. Ferimentos, fraturas ou outros traumas físicos:</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>12. Cegueira: 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.</b>
<b>13. Surdez: 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.</b>
<b>14. Deficiência física:</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>15. Saúde Mental "doença dos nervos":</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>16. Dependência de álcool ou outras drogas:</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder 99. ( ) Não respondeu.
<b>17. Cárie ou dor de dente:</b> 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.
<b>98. ( ) Não soube responder</b>

99. ( ) Não respondeu

**34.2 FAZ USO DE REMÉDIOS PASSADOS POR MÉDICO?**

01.( ) Sim

02.( ) Não

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

**35. QUANDO VOCÊ PRECISA DE ATENDIMENTO MÉDICO QUAL TIPO DE UNIDADE DE SAÚDE VOCÊ PROCURA?**

**Não ler as opções de resposta! Respostas múltiplas permitidas!**

01.( ) HPS

02.( ) Regional Leste

03.( ) UPAS

04.( ) UBS/Posto de Saúde

05.( ) Consultório na Rua

06.( ) CAPS (Centro de Atenção Psicossocial)

07.( ) Nenhum

08.( ) Outra \_\_\_\_\_

98. ( ) Não soube responder

99.( ) Não respondeu

**BLOCO 6 - USO DE DROGAS**

**36. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, VOCÊ FEZ USO DAS SEGUINTE DROGAS?**

**Ler todos os itens e marcar**

01.Cigarro:1. ( ) Sim; 2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder;99. ( ) Não respondeu.

02.Álcool:1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99.( ) Não respondeu.

03.Maconha/ Haxixe:1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder;99.( ) Não respondeu.

04.Crack/ pedra/cristal/ similares:1. ( ) Sim;2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder;99. ( ) Não respondeu.

05.Cocaína:1. ( ) Sim; 2. ( ) Não;98. ( ) Não soube responder; 99.( ) Não respondeu.

06.Inalantes/ cola/ solvente/ tiner:1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder;99.( ) Não respondeu.

07.( ) Outra: \_\_\_\_\_

98.( ) Não soube responde

99.( ) Não respondeu

**SE NÃO USOU NENHUMA, TERMINAR SEÇÃO!**

**36.1. NA ÚLTIMA SEMANA, QUAL FOI A FREQUÊNCIA NO USO DAS SEGUINTE DROGAS:**

**Ler todos os itens e inserir o código correspondente. Perguntar apenas sobre as substâncias marcadas como “Sim” na questão 36.**

ALTERNATIVAS

1. Todos os dias
2. Entre 3 e 6 dias
3. Entre 1 e 2 dias
4. Não usou
98. Não soube responder
99. Não respondeu

01. [ ] Tabaco
- 02.[ ] Álcool
03. [ ] Maconha/ Haxixe
04. [ ] Crack/Pedra/Cristal/similares
05. [ ] Cocaína
06. [ ] Inalantes/ cola/ solvente/ thinner
- 07.[ ] Outra: \_\_\_\_\_

**36.2 QUAL MOTIVO TE LEVOU A USAR DROGAS?**

**Apenas para quem respondeu SIM em alguma alternativa da questão 36. Não ler as opções de resposta!**

01. ( ) O preço barato
- 02.( ) Conseguiu a droga / "pintou"
- 03.( ) Sentiu vontade/curiosidade de ter o efeito da droga
- 04.( ) Perdas afetivas ou problemas familiares (perdas ou brigas na família)
- 05.( ) Perda do emprego/fonte de renda
- 06.( ) Vida ruim, sem perspectivas
- 07.( ) Por pressão dos amigos

08. ( ) Fome  
09. ( ) Frio  
10. ( ) Outro motivo \_\_\_\_\_  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**36.3 POR QUAL MOTIVO CONTINUA USANDO?**

**Apenas para quem respondeu SIM em alguma alternativa da questão 36.**

**Não ler as opções deresposta!**

01. ( ) O preço barato  
02. ( ) Conseguiu a droga / "pintou"  
03. ( ) Sentiu vontade/curiosidade de ter o efeito da droga  
04. ( ) Perdas afetivas ou problemas familiares (perdas ou brigas na família)  
05. ( ) Perda do emprego/fonte de renda  
06. ( ) Vida ruim, sem perspectivas  
07. ( ) Por pressão dos amigos  
08. ( ) Fome  
09. ( ) Frio  
10. ( ) não consigo parar  
11. ( ) outro \_\_\_\_\_  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não respondeu

**BLOCO 7 – EDUCAÇÃO**

**37. VOCÊ SABE LER E ESCREVER?**

01. ( ) Sim  
02. ( ) Não  
98. ( ) Não soube responder  
99. ( ) Não responder

**38. ESTUDA OU JÁ ESTUDOU?**

**Não ler as opções de respostas!**

01. ( ) Sim, estudo atualmente  
02. ( ) Sim, já estudei

- 03.( ) Não, nunca estudei
- 98.( ) Não soube responder
- 99.( ) Não respondeu

**39. ESTUDOU ATÉ QUE SÉRIE?**

**Perguntar somente para quem respondeu sim na questão 37.**

**Não ler as opções deresposta!**

- 01.( ) Educação infantil (creche e pré-escola ou jardim de infância)
- 02.( ) 1º segmento (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental incompleto
- 03.( ) 1º segmento (1º ao 5ºano) do Ensino Fundamental completo
- 04.( ) 2º segmento (6º ao 9ºano) do Ensino Fundamental incompleto
- 05.( ) Ensino Fundamental completo (1º ao 9º ano)
- 06.( ) Ensino Médio incompleto
- 07.( ) Ensino Médio
- 08.( ) Técnico incompleto
- 09.( ) Técnico completo
- 10.( ) Superior Incompleto
- 11.( ) Superior completo
- 98.( ) Não soube responder
- 99.( ) Não respondeu

**BLOCO 8 – VIOLÊNCIA**

**40. NA RUA VOCÊ JÁ SOFREU:**

**Ler as alternativas e marcar!**

- 01.( ) Xingamento, humilhação, preconceitos
  - 02.( ) Espancamento/ briga/ luta corporal/paulada, etc
  - 03.( ) Tiro/facada/ queimadura, etc.
  - 04.( ) Jogar fora ou recolher seus pertences
  - 05.( ) Abuso sexual
  - 06.( ) Roubo/furto
  - 07.( ) Retirado da rua à força
  - 98.( ) Não sabe responder
  - 99.( ) Não respondeu
- 100.Quais dessas violencias você sofreu em Juiz de Fora:
- 01.( )02.( )03.( )04.( )05.( )06.( )07.( )98.( )99.( )



**41. DA PARTE DE QUEM VOCÊ SOFREU ISSO?****Perguntar somente para quem respondeu sim na questão 40.****Ler as alternativas e marcar.****01.**Polícia (PM/Civil):**1.**  Sim;**2.**  Não;**98.**  Não soube responder; **99.**  Não respondeu.**02.**Guarda Municipal:**1.**  Sim;**2.**  Não;**98.**  Não soube responder;**99.**  Não respondeu.**03.**Pessoas que passam na rua:**1.**  Sim;**2.**  Não;**98.**  Não soube responder;**99.**  Não respondeu.**04.**Outros moradores de rua:**1.**  Sim;**2.**  Não;**98.**  Não soube responder;**99.**  Não respondeu.**05.**Moradores do entorno da rua onde fica:**1.**  Sim;**2.**  Não; **98.**  Não soube responder; **99.**  Não respondeu.**06.**Comerciantes:**1.**  Sim;**2.**  Não; **98.**  Não soube responder; **99.**  Não respondeu.**07.**Segurança privada:**1.**  Sim;**2.**  Não; **98.**  Não soube responder; **99.**  Não respondeu.**08.** Traficantes:**1.**  Sim;**2.**  Não;**98.**  Não soube responder; **99.**  Não respondeu.**09.**Agentes públicos de Serviços de Acolhida/Centros de Convivência:**1.**  Sim;**2.**  Não;**98.**  Não soube responder; **99.**  Não respondeu.**10.**Outros agentes públicos na rua:**1.**  Sim;**2.**  Não; **98.**  Não soube responder; **99.**  Não respondeu.**11.**  Outro \_\_\_\_\_**12.**  Sofri, mas não sei de quem**98.**  Não soube responder**99.**  Não respondeu**100.**Por parte de quem você sofreu em Juiz de Fora:**01.**  **02.**  **03.**  **04.**  **05.**  **06.**  **07.**  **08.**  **09.**  **10.**  **11.**  **12.**  **98.**  **99.** **42. VOCÊ JÁ VIU ALGUM MORADOR DE RUA SOFRER:****Ler as alternativas e marcar!****01.**  Xingamento, humilhação, preconceitos**02.**  Espancamento/ briga/ luta corporal/paulada, etc**03.**  Tiro/facada/ queimadura, etc.**04.**  Jogar fora ou recolher seus pertences**05.**  Abuso sexual**06.**  Roubo/furto

07. ( ) Retirado da rua à força
08. ( ) Já viu, mas não soube responder que tipo
98. ( ) Não soube responder
99. ( ) Não respondeu
100. Quais dessas violências você já viu algum morador sofrer em Juiz de Fora:
01. ( ) 02. ( ) 03. ( ) 04. ( ) 05. ( ) 06. ( ) 07. ( ) 08. ( ) 98. ( ) 99. ( )

**43 DA PARTE DE QUEM A PESSOA SOFREU ISSO?**

**Perguntar somente para quem respondeu sim na questão 42.**

**Ler as alternativas e marcar.**

01. Polícia (PM/Civil): 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

02. Guarda Municipal: 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

03. Pessoas que passam na rua:

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

04. Outros moradores de rua:

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

05. Moradores do entorno da rua onde fica:

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

06. Comerciantes: 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

07. Segurança privada: 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

08. Traficantes: 1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

09. Agentes públicos de Serviços de Acolhida/Centros de Convivência:

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

10. Outros agentes públicos na Rua:

1. ( ) Sim; 2. ( ) Não; 98. ( ) Não soube responder; 99. ( ) Não respondeu.

11. ( ) Outro \_\_\_\_\_

12. ( ) Sofreu, mas não sei de quem

98. ( ) Não soube responder

99. ( ) Não respondeu

100. Por parte de quem você viu algum morador de rua sofrer em Juiz de Fora:

01. ( ) 02. ( ) 03. ( ) 04. ( ) 05. ( ) 06. ( ) 07. ( ) 08. ( ) 09. ( ) 10. ( ) 11. ( ) 98. ( ) 99. ( )

**BLOCO 9 – AUTO-PERCEPÇÃO**

**46. O QUE VOCÊ MAIS PRECISA PARA SAIR DA SITUAÇÃO DE RUA?**

**Não ler as opções de resposta! Resposta múltipla permitida!**

- 01.( ) Emprego
- 02.( ) Moradia
- 03.( ) Dinheiro
- 04.( ) Acompanhamento médico
- 05.( ) Acompanhamento psicológico
- 06.( ) Família
- 07.( ) Documentos
- 08.( ) Não quero sair da rua
- 09.( ) Outros \_\_\_\_\_
- 98.( ) Não sabe responder
- 99.( ) Não respondeu

**ENCERRE A ENTREVISTA! NÃO ESQUEÇA DE AGRADECER!**

**Término da entrevista: \_\_\_ hora (s) \_\_\_ minutos**

**47. CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DO QUESTIONÁRIO:**

- 01. ( ) Possível
- 02. ( ) Impossível\*
- 03. ( ) Interrompida

**\* Registrar as informações de identificação por observação**

**47.1. JUSTIFICATIVA PARA NÃO REALIZAÇÃO:**

- 01.( ) Sonolência, apatia ou letargia
- 02.( ) Alteração/torpor por uso de álcool ou drogas
- 03. ( ) Outro motivo de saúde
- 04.( ) Risco, perigo ou agressividade
- 05.( ) Interferência externa (sons, outras pessoas, etc.)

**QUESTIONÁRIO DE OBSERVAÇÃO:**

**Dependendo da situação da entrevista (ver questão 11), estimar por observação os seguintes itens:**

**1. IDADE**

- 01. ( ) 18-25 anos
- 02. ( ) 25-40 anos
- 03. ( ) 40-50 anos
- 04. ( ) 50-60 anos
- 05. ( ) Mais de 60 anos

**2. SEXO**

- 01. ( ) Masculino
- 02. ( ) Feminino
- 03. ( ) Não identificado

**3. COR/RAÇA**

- 01. ( ) Preta
- 02. ( ) Parda
- 03. ( ) Branca
- 04. ( ) Amarela
- 05. ( ) Indígena

**Observações:**

---

---

---

---

---

**Apêndice 3: Rotas de pesquisa**

Formação Duplas	ROTA 1	DUPLAS	VAN	HORÁRIO
A	Albergue Benfica (Rua Tomé de Souza, 95)	Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Raphael Tavares e Laura Soares; Lara Santos e Juliana Varejão;	VAN 1 SAI DO PARQUE HALFELD LEVA EM BENFICA E DEIXA TODAS AS DUPLAS NO ALBERGUE DE BENFICA. DEPOIS PEGA TODOS NA PRACA DE BENFICA E LEVA PARA A PRACA CEU DEPOIS PARA A RUA JOSE BASILIO, RUAS ENTORNO E RUA CARLOS HERCULANO. DEPOIS LEVA PARA O MART MINAS E LEVA PARA O PARQUE HALFELD SEMPRE AGUARDANDO TODO O TRABALHO. A SEGUNDA VAN DESLOCA-SE PARA O BAIRRO STO. ANTÔNIO, AGUARDANDO NO LOCAL ATÉ A FINALIZAÇÃO DA CONTAGEM, RETORNANDO PARA O PQ. HALFELD	17h
B	Casa da Cidadania (Alameda Ilva Mello Reis, 6001, Sto Antonio)	Ludmilla Mursa e Agatha Oliveira; Kellen Luanny e Caroline Novaes; Mateus Vitor e Raquel Brunelli;		18h
C	Saída da Rua Evaristo Veiga (Benfica) Melanim Hair até E. E. Prof. Lopes. Segue para Praça de Benfica para fazer praça e pegar van.	Lara Santos e Juliana Varejão;		
D	Saída da Rua dos Guararapes - Esporte Clube Benfica até o final da rua. Segue para Praça de Benfica para fazer praça e pegar van.	Natália Brugiolo e Luiza Araújo		
E	Saída da Rua Diogo Álvares: Praça Antônio Campos até esquina com Rua Inês Garcia. Segue para Praça de Benfica	Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Raphael Tavares e Laura Soares;		
F	Praça de Benfica	Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Raphael Tavares e Laura Soares; Lara Santos e Juliana Varejão;		
G	Praça Céu (Van para Jóquei)	Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Raphael Tavares e Laura Soares; Lara Santos e Juliana Varejão;		
H	Rua José Basilio (fazer a rua toda até esquina com JK). Pegar a Van na esquina ir até o Posto Esso, dar uma volta nos quarteirões sair na casa lar. Pegar Van e ir para Francisco Bernardino.	Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Raphael Tavares e Laura Soares; Lara Santos e Juliana Varejão;		
I	Rua Carlos Herculano Couto (sair do Restaurante Sete Arqueire na esquina com Rua Lilito e ir até a JK. Pegar Van sentido centro até Mart Minas.	Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Raphael Tavares e Laura Soares; Lara Santos e Juliana Varejão;		
J	Viaduto BD e Viaduto Mart Minas. Retorno ao Pq. Halfeld.	Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Raphael Tavares e Laura Soares; Lara Santos e Juliana Varejão;		
		<b>7 DUPLAS 14 PESSOAS</b>		

Formação Duplas	ROTA 2	DUPLAS	VAN	HORÁRIO
A	<b>Casa da Conquista/ADRA (R. dos Artistas, n. 32).</b> Concluída a Casa da Conquista, contornar a R. dos Artistas, descer até a R. Benjamim Guimarães, verificando o entorno da Ferreira Guimarães, retornar à Igreja da Glória juntando-se as duplas B, D, E e F. Pegar a van retornando ao Pq. Halfeld.	Thais Soares e Mateus Amorim; Luciana Motta e Lara Saber;	VAN 2 RETORNA DO STO. ANTÔNIO PARA REDISTRIBUIR OS ESTUDANTES PARA AS DEVIDAS ROTAS, A PARTIR DO PQ HALFELD: DEIXA 2 DUPLAS NO COLEGIO ANTONIO CARLOS, 2 DUPLAS NA RODOVIÁRIA E 2 DUPLAS NO MATERIAL DE CONSTRUCAO (FABRICA EM FRENTE A ENTRADA DO MONTE CASTELO) DEPOIS PEGA TODAS AS DUPLAS NA IGREJA DA GLORIA E RETORNA AO PARQUE HALFELD.	16h
B	Saída R. Noel Rosa (próximo à rodoviária). Cobrir a rua toda, parar atrás da rodoviária, verificar e cobrir a rua João Evangelista Delgado toda.	Ágabo e Ana Clara Azevedo; Ana Paula Cugula e Daniel Dusi;		19H
C	Retornando à Rodoviária, seguir pela Cel. Vidal e depois até o Museu Mariano Procópio. Depois segue para Agassis, pelo ProCopão, com as equipes D e F	Ágabo e Ana Clara Azevedo; Ana Paula Cugula e Daniel Dusi;		19H
D	Saída: Av. Olavo Bilac início no zinermmann materiais de construção até o museu Mariano Procópio. Encontra com outra equipe C e F e segue para Agassis pelo Procopão	Gustavo Diniz e Ana Luiza Alexander; Luiz Eduardo e Carla Hulshof;		19H
E	Saída: Escola Estadual Antonio Carlos e seu entorno depois seguir sentindo Museu Mariano, fazer as ruas adjacentes ao Museu.	Larissa Costa e Vitor Luz; Tayná Bretas e Geovanna Carvalho;		19H
F	Saída: Museu Mariano: Fazer a rua Duarte de Abreu toda e segue para Praça Agassis pela Rua do ProCopão com as equipes C e D.	Larissa Costa e Vitor Luz; Tayná Bretas e Geovanna Carvalho;		
G	Praça Agassis (fazer a Pç. Agassis e seguir para Igreja da Glória)	Ágabo e Ana Clara Azevedo; Ana Paula Cugula e Daniel Dusi; Gustavo Diniz e Ana Luiza Alexander; Larissa Costa e Vitor Luz; Luiz Eduardo e Carla Hulshof; Tayná Bretas e Geovanna Carvalho;		
H	Igreja da Glória e concluir, pegando a van para retornar ao Pq. Halfeld.	Ágabo e Ana Clara Azevedo; Ana Paula Cugula e Daniel Dusi; Gustavo Diniz e Ana Luiza Alexander; Larissa Costa e Vitor Luz; Luiz Eduardo e Carla Hulshof; Tayná Bretas e Geovanna Carvalho;		
		<b>TOTAL 8 DUPLAS 16 PESSOAS</b>		



ROTA 3	DUPLAS	VAN	HORÁRIO
Saída: Av. Rui Barbosa. Fazer a ponte de Sta Terezinha no caminho. Na Av. Brasil, abordar se estiverem à vista. Continuar na Rui Barbosa até o Bar Dias. Encontrar com a equipe B na esquina da Rui Barbosa para realizar a R. Custódio Tristão. Concluído, seguir pela Av. Brasil para encontrar com as equipes B, C, D na esquina da Rio Branco com Gov Valadares, seguindo para Ponte do Manoel Honório (Bahamas).	Ana Beatriz e Carlos Eduardo; Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini	VAN 1 RETORNA DE BENFICA, SAI DO PARQUE HALFELD DEIXA 2 DUPLAS NO COMECO RUI BARBOSA (MARIANO), DEPOIS DEIXA 2 DUPLAS NO TREVO DA GARGANTA (BOM CLIMA), DEPOIS SEGUE PARA O MANOEL HONORIO E DEIXA 1 DUPLA NA PÇ OLAVO COSTA, 1 DUPLA NA GOVERNADOR VALARES E 1 DUPLA NA IGREJA SANTA RITA. RETORNAR AO PQ HALFELD PARA PEGAR 4 DUPLAS E DEIXÁ-LAS A RUA DIVA GARCIA NO ECOPONTO REGIONAL LESTE - BAIRRO LINHARES. DEPOIS PEGAR AS DUPLAS NO LADEIRA, DEIXÁ-LAS NO PQ. HALFELD E RETORNAR À PÇ DO SAYONARA PARA PEGAR AS DEMAIS DUPLAS, RETORNANDO AO PQ. HALFELD.	18h
Saída: Trevo Av. Rio Branco (final da Garganta). Direção Santa Terezinha. Rua Alencar Tristão. Parar na esquina com Rui Barbosa para encontrar a equipe A para fazerem juntas a Rua Custódio Tristão, rua toda. Concluído, seguir pela Av. Brasil para encontrar com as equipes (A, C, D) na Esquina da Rio Branco com Gov Valadares, seguindo para Ponte do Manoel Honório (Bahamas).	João Vitor e Carla Leonardo		18h
Saída: Igreja de Santa Rita. Seguir pela Rua Eugênio Fontainha até a pizzaria Sabor a Mais. Continuar descendo o bairro em direção à Gov. Valadares (apoiar o trabalho da equipe D) com a Rio Branco e encontrar as duplas A, B, D.	Lorraine Berg e Felipe Paes		18h
Saída: Av. Governador Valadares (a partir da Merceria Mirazac) em direção à Rio Branco. Fazer toda a Gov. Valadres e verificar as ruas adjacentes (observar nas Ruas Carlos Gomes, João do Rio, Teodorico de Assis e Estevão de Oliveira). seguir para a esquina da Gov. Valadares com a Rio Branco para encontrar com as equipes (A, B, C) para fazer Ponte do Manoel Honório (Bahamas).	Maria Júlia Touzo e Weverton Netto		18h
Saída: Pç Prefeito Olavo Costa. Verificar no entorno da praça. Seguir pela rua Pd. Bonifácio até a Américo Luz. Verificar na R. Américo Luz nos dois sentidos, mas descer a rua em direção ao Manoel Honório. Cobrir o quarteirão da R. Sergipe com Américo Lobo. Fazer Américo Lobo a partir da esquina com a Ribeiro de Abreu em direção à Rio Branco (no caminho, verificar as ruas Américo Luz e Inconfidentes). Encontrar as equipes H e I próximo à Pç Teotônio Vilela.	Larissa de Almeida e Taylor Maxelino		18h
Saída: Esquina da Rio Branco com Gov Valadares e Sergipe, para Ponte do Manoel Honório (Bahamas). Fazer a ponte do Manoel Honório e a Pça do Ipsemg. Concluída a Pç. Do Ipsemg, pegar a van no Bahamas (Rio Branco/Brasil) e seguir para o Ladeira.	Ana Beatriz e Carlos Eduardo; Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini; João Vitor e Carla Leonardo; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino; Lorraine Berg e Felipe Paes; Maria Júlia Touzo e Weverton Netto		
Ladeira: R. Marechal Setembrino de Carvalho (da Av. Brasil até a esquina com a R. José Inácio Trindade); R. Maria Perpétua (seguindo até a Av. Governador Valadares - uma dupla pela Américo Luz, outra continua pela R. Maria Perpétua - ambas devem dar uma olhada na R. Carolina Assis, que é transversal)	Ana Beatriz e Carlos Eduardo; Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini; João Vitor e Carla Leonardo; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino; Lorraine Berg e Felipe Paes; Maria Júlia Touzo e Weverton Netto		
Saída: Linhares: Rua Diva Garcia no Ecoporto Regional Leste - Descer em direção ao Vitorino até a Praça Teotônio Vilela. Nas bifurcações da rua, duas duplas deverão seguir por cada lado, reencontrando-se em seguida para continuar o trajeto. Aguardar próximo à Pça Teotônio Vilela (Vitorino) a equipe E.	Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Suelen Araújo e Carlos Dondici; Maria Fernanda e Gabriel Vinhosa; Isabela e Pedro Henrique		18h30min
Aguardar a dupla E para realizar a Praça Teotônio Vilela (Vitorino), seguindo até a praça do Sayonara Club. Verificar nas imediações. <b>Apenas iniciar a Pç. Teotônio Vilela quando a equipe estiver completa (não iniciar a abordagem isoladamente)</b>	Andréia Monteiro e Gabriel Martins; Suelen Araújo e Carlos Dondici; Maria Fernanda e Gabriel Vinhosa; Isabela e Pedro Henrique; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino		
<b>11 DUPLAS 22 PESSOAS</b>			

ROTA 4	DUPLAS	VAN
Saída: Praça do Sayonara Club - descer a Av Brasil e fazer a ponte (Wilson Coury Jabour - ponte verde), depois fazer Av Sete de setembro da esquina da Av. Brasil até a outra esquina da Av. Brasil no Parque Burnier.	Ágabo e Ana Clara Azevedo; Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Lorraine Berg e Felipe Paes;	
Saída: Parque Burnier descer fazendo todas as pontes na Av. Brasil (39.1, 40, 40.1, 96, 95) até alcançar a Ponte do Demlurb (no bairro de Lourdes). Ponto de pegar a Van	Ágabo e Ana Clara Azevedo; Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Lorraine Berg e Felipe Paes;	
<b>Casa de Passagem para homens (Av. Brasil, 265, Costa Carvalho)</b>	Ágabo e Ana Clara Azevedo; Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Lorraine Berg e Felipe Paes;	
Saída: Calil Ahouagi - fazer a rua toda.	João Vítor e Carla Leonardo; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino; Luísa Carolina e Weverton Netto;	VAN 1 - SAI DO PARQUE HALFELD E DEIXA NO SAYONARA (3 DUPLAS) DEIXA NA CALIL AHOUAGI (5 DUPLAS). DEPOIS SOLICITADO POR MENSAGEM PEGA AS 3 DUPLAS BUSCA NO DELUMB - PARQUE BURNIER E LEVA PARA A PRAÇA DO RIACHUELO
<b>Albergue da Calil Ahouagi</b>	João Vítor e Carla Leonardo; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino; Luísa Carolina e Weverton Netto;	
Saída : Calil Ahouagi - pegar a Rua São Sebastião em direção a (Praça do Riachuelo)	João Vítor e Carla Leonardo; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino; Luísa Carolina e Weverton Netto;	
Saída: Calil Ahouagi - pegar a Rua Francisco Maia em direção a rua Benjamin Constant fazendo ela toda até a Praça dos Três Poderes	Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Suelen Araújo e Carlos Dondici; Thaís Soares e Mateus Amorim;	
Saída Largo do Riachuelo - Ir para Mergulhão. Depois fazer a Rua Roberto de Barros retornando à Praça dos Três Poderes	Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Suelen Araújo e Carlos Dondici; Thaís Soares e Mateus Amorim;	
Largo do Riachuelo / Praça dos Três Poderes	Ágabo e Ana Clara Azevedo; Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; João Vítor e Carla Leonardo; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino; Luísa Carolina e Weverton Netto; Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Suelen Araújo e Carlos Dondici; Thaís Soares e Mateus Amorim;	
	<b>8 DUPLAS 16 PESSOAS</b>	



Formação Duplas		ROTA 5	DUPLAS
A	Saída: Praça Pantaleone, Praça do Cemitério , Rua da Bahia fazer praça Antonio Carlos Pereira junto com a Praça do Cemitério.		Ágabo e Ana Clara Azevedo; Ana Beatriz e Carlos Eduardo; Ana Paula Cugula e Daniel Dusi; Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini;
B	Saída: Francisco Bernardino com Travessa Dr. Prisco fazendo o triangulo com a Paulo de Frontin e Praça da Estação.		Ágabo e Ana Clara Azevedo; Ana Beatriz e Carlos Eduardo; Ana Paula Cugula e Daniel Dusi; Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini;
C	Saída: Saída Francisco Bernardino subindo a Espírito Santo a até a Rio Branco Olhando para direita na Batista de Oliveira.		Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Gustavo Diniz e Ana Luiza Alexander;
D	Saída: Francisco Bernardino com São Sebastião. Subir em direção a Av Rio Branco olhando para direita na Batista de Oliveira		João Vítor e Carla Leonardo; Larissa Costa e Vítor Luz;
E	Saída: Francisco Bernardino com Floriano Peixoto sendo subir em direção a Av. Rio Branco cobrindo a Hipólito Caron, olhando a direita na Getúlio Vargas - fazer o triangulo - Getúlio - Afonso Pinto Mota - e o restante da Floriano até a Rio Branco.		Larissa de Almeida e Taylor Maxelino; Lorraine Berg e Felipe Paes;
F	Saída: Francisco Bernardino subir a Fonseca Hermes, olhando para direita na Batista de Oliveira, pegar a Batista para esquerda, e subir a Getúlio Vargas até a Rua Mister Moore e fazer a Mister Moore até a Rio Branco.		Luiza Carolina e Weverton Netto; Luiz Eduardo e Carla Hulshof;
G	Saída: Francisco Bernardino subir a marechal Deodoro até a Rio Branco.		Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Raphael Tavares e Laura Soares;
H	Saída: Francisco Bernardino subir a Halfeld cobrindo o triangulo - Halfeld - Batista - Getúlio, subindo até a Rio Branco.		Suelen Araújo e Carlos Dondici; Thaís Soares e Mateus Amorim;
I	Saída: Praça Antonio Carlos fazer a praça toda.		Ana Paula Cugula e Daniel Dusi; Luciana Motta e Lara Saber; Ludmilla Mursa e Agatha Oliveira; Kellen Luanny e Caroline Novaes; Mateus Vítor e Raquel Brunelli; Lara Santos e Juliana Varejão; Tayná Bretas e Geovanna Carvalho; Maria Fernanda e Gabriel Vinhosa; Isabela e Pedro Henrique;
J	Saída: Praça Antonio Carlos subir a São João olhando para direita na Batista até a Rio Branco.		Ludmilla Mursa e Agatha Oliveira; Kellen Luanny e Caroline Novaes
K	Saída: Praça Antonio Carlos subir a Santa Rita olhando para direita na Batista até a Rio Branco		Mateus Vítor e Raquel Brunelli; Lara Santos e Juliana Varejão;
L	Saída: Praça Antonio Carlos subir a Barbosa Lima olhando para direita na Batista depois subir a Braz Bernardino e subir até a Rio Branco		Tayná Bretas e Geovanna Carvalho; Maria Fernanda e Gabriel Vinhosa;
M	Saída: Praça Antonio Carlos subir a Itamar Franco , olhando para direita na Batista com Espírito Santo e subir até a Rio Branco.		Luciana Motta e Lara Saber; Isabela e Pedro Henrique
N	Todas as equipes ao chegar na Rio Branco irão virar a direita e seguir até o Maxim hotel		Ágabo e Ana Clara Azevedo; Ana Beatriz e Carlos Eduardo; Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Gustavo Diniz e Ana Luiza Alexander; João Vítor e Carla Leonardo; Larissa Costa e Vítor Luz; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino; Lorraine Berg e Felipe Paes; Luiza Carolina e Weverton Netto; Luiz Eduardo e Carla Hulshof; Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Raphael Tavares e Laura Soares; Suelen Araújo e Carlos Dondici; Thaís Soares e Mateus Amorim; Luciana Motta e Lara Saber; Ludmilla Mursa e Agatha Oliveira; Kellen Luanny e Caroline Novaes; Mateus Vítor e Raquel Brunelli; Tayná Bretas e Geovanna Carvalho; Maria Fernanda e Gabriel Vinhosa; Isabela e Pedro Henrique
			<b>25 DUPLAS 50 PESSOAS</b>

Formação Duplas	ROTA 6	DUPLAS
A	Saída: Espírito Santo esquina com Rio Branco subir a Espírito Santo até a Olegario Maciel.	Ana Beatriz e Carlos Eduardo; Lara Santos e Juliana Varejão;
B	Saída: Fernando Lobo subir, olhar para esquerda na Santo Antonio atrás da Catedral, andar pelas adjacencias (Carlota Malta, Solano Braga, Praça do Cruzeiro até Olegário	Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini; Maria Fernanda e Gabriel Vinhosa;
C	Fazer Parque Halfeld	Ana Paula Cugula e Daniel Dusi; Gustavo Diniz e Ana Luiza Alexander; João Vitor e Carla Leonardo; Larissa Costa e Vitor Luz; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino; Lorraine Berg e Felipe Paes; Luísa Carolina e Weverton Netto; Luiz Eduardo e Carla Hulshof; Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Raphael Tavares e Laura Soares; Suelen Araújo e Carlos Dondici; Isabela e Pedro Henrique
D	Saída: Parque Halfeld subir a Halfeld olhando a esquerda até Olegário Maciel.	Gustavo Diniz e Ana Luiza Alexander; Isabela e Pedro Henrique
E	Saída: Parque Halfeld subir a Marechal Deodoro olhando a esquerda - Igreja São Sebastiao continuar subindo olhar a direita na esquina com Tiradentes e subir até a Olegario.	Ana Paula Cugula e Daniel Dusi; João Vitor e Carla Leonardo;
F	Saída: Rio Branco com Floriano Peixoto subir a Floriano até a Santo Antonio virar a esquerda na Santo Antonio até o Parque Halfeld, depois voltar na Floriano subir até a Tiradentes, dobrar a direita e descer a R. Osvaldo Cruz para a <b>Casa de passagem para mulheres em situação de rua, famílias em trânsito, transexuais e imigrantes (Osvaldo Cruz, n. 85)</b> . Subir toda a rua em direção à Olegário Maciel.	Larissa Costa e Vitor Luz; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino;
G	Saída: Rio Branco com São Sebastião encontrar com outra dupla voltar em direção até a Floriano Peixoto, depois voltar na Floriano cobrir a praça Menelick de Carvalho e subir até a praça da Igreja Melquita.	Lorraine Berg e Felipe Paes; Luísa Carolina e Weverton Netto;
H	Saída:Rio Branco com Benjamin Constant subir a Benjamin pegar a Santo Antonio até a São Sebastiao depois voltar para São Sebastião e subir até a Igreja Melquita.	Luiz Eduardo e Carla Hulshof; Natália Brugiolo e Luiza Araújo;
I	Saída: Santo Antonio com Benjamim fazer o entorno concentrar na Sopa dos Pobres, até Paula Lima, descer Paula Lima e fazer Andradas até a Rio Branco e até a Praça do Riachuelo.	Raphael Tavares e Laura Soares; Suelen Araújo e Carlos Dondici;
		<b>16 DUPLAS 32 PESSOAS</b>



ROTA 7		DUPLAS
A	Saída: Bar Baluarte na Olegário Maciel, seguindo até o final da Olegário Maciel até trevo do Dom Bosco. Depois volta pela Olegário até a Padre Café, e desce até a Itamar Franco. Aguardar restante da equipe. Seguir igreja São Mateus	Ágabo e Ana Clara Azevedo; Ana Beatriz e Carlos Eduardo;
B	Saída Viaduto da Itamar Franco Shopping Independência, descer até esquina da Padre Café e aguardar equipes. Seguir igreja São Mateus	Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini;
C	Saída: Bar Baluarte segue na Olegário e desce em direção a Praça Kenedy, desce a Oswaldo Aranha até a Rio Branco e retornam pela Oswaldo Aranha até a esquina com a Rua São Mateus, ir fazendo até a Igreja do São mateus.	Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Gustavo Diniz e Ana Luiza Alexander;
D	Saída Rua Carlos Chagas, e ir até a Igreja São mateus.	João Vitor e Carla Leonardo;
E	Saída Rua Pedro Scapin lá em cima desce em direção a Igreja São Mateus e para na Igreja.	Larissa de Almeida e Taylor Maxelino;
F	Fazer Igreja São Mateus	Ágabo e Ana Clara Azevedo; Ana Beatriz e Carlos Eduardo; Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Gustavo Diniz e Ana Luiza Alexander; João Vitor e Carla Leonardo; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino;
G	Saída: Carlos Chagas pela rua São Mateus sobe a Romualdo para Rio Branco entra na Severino Meireles até o Bahamas.	Ágabo e Ana Clara Azevedo; Ana Beatriz e Carlos Eduardo; Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini;
H	Saída: Igreja São Mateus, vai pela Luiz de Camões em direção a Moraes e Castro até o Mac Donalds.	Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Gustavo Diniz e Ana Luiza Alexander; João Vitor e Carla Leonardo; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino;
I	Saída da rua Machado Sobrinho com rua José do Patrocínio e vai até a Moraes e Castro, de lá segue em direção a praça do Aloha. Na Rio Branco.	Luciana Motta e Lara Saber;
J	Saída: Barão de Aquino com Machado Sobrinho fazendo a Dom Vicoso e percorre a Barão de Aquino até a rio Branco. Praça do Aloha.	Ludmilla Mursa e Agatha Oliveira; Kellen Luanny e Caroline Novaes
K	Saída: Dom Silverio Santa Luzia no topo, e vai até a Praça do Aloha.	Lara Santos e Juliana Varejão; Tayná Bretas e Geovanna Carvalho;
L	Saída do Seminário Santo Antonio na Rio Branco seguindo na Dante Brochado e seguir pela Rio Branco até Aloha.	Maria Fernanda e Gabriel Vinhosa; Isabela e Pedro Henrique
M	Fazer Praça do Aloha e seguir para praça do Bom Pastor.	Luciana Motta e Lara Saber; Ludmilla Mursa e Agatha Oliveira; Kellen Luanny e Caroline Novaes; Lara Santos e Juliana Varejão; Tayná Bretas e Geovanna Carvalho; Maria Fernanda e Gabriel Vinhosa; Isabela e Pedro Henrique
N	Concluída a praça do Bom Pastor: van leva as duplas para <b>Abrigo Bela Aurora (Rua José Cláudio de Souza, 280, Bela Aurora)</b>	Luciana Motta e Lara Saber; Ludmilla Mursa e Agatha Oliveira; Kellen Luanny e Caroline Novaes; Lara Santos e Juliana Varejão; Tayná Bretas e Geovanna Carvalho;
O	Saída: da Rotatória da rua Mamoré, desce até o final dela na esquina com o Bahmas, olhando para esquerda.	Thais Soares e Mateus Amorim; Mateus Vitor e Raquel Brunelli;
P	Saída: Rua São Mateus com Melo Franco olhando para esquerda até o começo da ladeira.	Ana Paula Cugula e Daniel Dusi; Larissa Costa e Vitor Luz;
Q	Saída: Posto Policial desativado no trevo do Cascatinha segue a rua Antonio Altaf até o final	Lorraine Berg e Felipe Paes; Luísa Carolina e Weverton Netto;
R	Saída: Posto Policial desativado no trevo do Cascatinha segue a Paula Japiassu em direção ao Shopping	Luiz Eduardo e Carla Hulshof; Raphael Tavares e Laura Soares;
S	Saída: Final da Sampaio em direção a Rio Branco, Antes de sair dar uma olhada na Rua Santos Dumont. Ao percorrer a Sampaio olhar para esquerda e direita nos cruzamentos, chegando na Rio Branco ir em direção a Santa Casa e subir a Benjamim Colucci	Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Suelen Araújo e Carlos Dondici;
		<b>25DUPLAS 50 PESSOAS</b>

ROTA 8		DUPLAS	VAN	HORÁRIO
A	Saída: Pq Halfeld (van), seguir até a Pça do Cemitério e entrevistar pessoas que não foram encontradas em abordagem anterior	Ágabo e Ana Clara Azevedo; João Vitor e Carla Leonardo; Ana Paula Cugula e Daniel Dusi; Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Luciana Motta e Lara Saber	VAN 1	19h30min (seta-feira)
B	Saída: Pça. Do Cemitério, seguir até a Pç da Estação e entrevistar pessoas que não foram encontradas em abordagem anterior. Adotar o mesmo procedimento em relação à mini-rodoviária (atrás da Pç da Estação e adjacências)	Ágabo e Ana Clara Azevedo; João Vitor e Carla Leonardo; Ana Paula Cugula e Daniel Dusi; Andréia Monteiro e Gabriel Martins Silva; Ana Clara Queiroz e Gabriel Piccinini; Gisele Aparecida e Pedro Corrêa; Luciana Motta e Lara Saber;	VAN 1	20h30min (sexta-feira) (previsão)
C	Saída: Pq. Halfeld em direção ao bairro Grama. Percorrer as principais ruas do bairro, verificando se alguém não foi abordado.	Ana Beatriz e Carlos Eduardo; Larissa Costa e Vitor Luz; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino; Lorraine Berg e Felipe Paes; Maria Júlia Touzo e Weverton Netto;	VAN 2	19h30min (seta-feira)
D	Saída: bairro Grama. Percorrer livremente ruas da cidade a serem definidas no momento pela equipe, para encerramento dos trabalhos.	Ana Beatriz e Carlos Eduardo; Larissa Costa e Vitor Luz; Larissa de Almeida e Taylor Maxelino; Lorraine Berg e Felipe Paes; Maria Júlia Touzo e Weverton Netto	VAN 2	20h30min (sexta-feira) (previsão)
E	Restaurante Popular (R. Halfeld, 305) - <b>abordar as pessoas na saída, e não na entrada.</b>	Luiz Eduardo e Carla Hulshof; Natália Brugiolo e Luiza Araújo; Raphael Tavares e Laura Soares; Suelen Araújo e Carlos Dondici; Thais Soares e Mateus Amorim; Gustavo Diniz e Ana Luiza Alexander		10h (sexta-feira)
F	Sopa dos Pobres (R. Sto Antônio, 110) - <b>abordar as pessoas na saída, e não na entrada</b>	Ludmilla Mursa e Agatha Oliveira; Kellen Luanny e Caroline Novaes; Mateus Vitor e Raquel Brunelli; Lara Santos e Juliana Varejão; Tayná Bretas e Geovanna Carvalho; Maria Fernanda e Gabriel Vinhosa; Isabela e Pedro Henrique		10h (sexta-feira)
		<b>25DUPLAS 50 PESSOAS</b>		

## Apêndice 4: Orientações gerais aos pesquisadores

### Observações importantes ao realizar a abordagem

Ao abordar os entrevistados, é importante observar as questões abaixo:

- 1) Cumprimentar cordialmente, apresentar-se e indagar à pessoa se deseja responder ao questionário. Estabelecer uma relação de confiança e empatia. Lembre-se de manter a cordialidade durante a entrevista e que o entrevistado **não é obrigado** a responder nenhuma questão e pode interromper a entrevista, se assim o desejar. Caso isso ocorra, não “forçar”; perguntar apenas uma vez se ele não deseja continuar e encerrar a entrevista.
- 2) Caso a pessoa **não deseje responder** ao questionário, realizar **questionário de observação**.
- 3) **Todas as pessoas em situação de rua deverão ser contabilizadas**; para cada pessoa em situação de rua encontrada deveremos ter um dos seguintes questionários: *questionário do censo e/ou questionário do diagnóstico* ou *questionário de observação*.
- 4) Caso a pessoa a ser abordada **esteja fazendo uso de crack**: não interromper; aguardar. Se houver oportunidade, cumprimentar cordialmente, apresentar-se e indagar à pessoa se deseja responder ao questionário. Colocar-se à disposição, por um determinado tempo, *aguardando em um ambiente seguro e afastado*, dando espaço e liberdade ao potencial entrevistado. Caso não seja possível realizar a entrevista, aplicar o **questionário de observação**.
- 5) Caso a pessoa esteja sob uso de álcool ou solvente, redobrar a escuta ativa e prosseguir com a entrevista até onde for possível. Caso seja necessário encerrar a entrevista antes do fim do questionário, anotar à margem, adicionalmente, a razão.
- 6) **Não pisar** em objetos, cobertores, caixas ou papelões.
- 7) Em caso de **barracas ou coberturas**, chamar oralmente (não levantar ou remover a cobertura, obstáculos visuais ou adentrar sem autorização).
- 8) Caso a pessoa esteja **dormindo**: não acordar, em nenhuma hipótese. Realizar **questionário de observação**.
- 9) Se a entrevista for **impossível no momento**, por qualquer razão, **prosseguir na rota**, retornando posteriormente, após alguns minutos, quando oportuno. Se, numa segunda tentativa, permanecer a impossibilidade, aplicar o **questionário de observação**.
- 10) Não prolongar a entrevista mais do que o necessário; não interromper ou finalizar bruscamente a entrevista. Em qualquer caso, agradecer sempre pela atenção.
- 11) Em caso de dúvida ou problemas, contatar os demais membros da pesquisa pelo grupo de WhatsApp.

**Bom trabalho!**



## Apêndice 6: Fotos<sup>7</sup>



Equipe de pesquisa



Discentes recebendo material para ir a campo

---

<sup>7</sup>As fotos foram produzidas pelo prof. Telmo Ronzani e podem ser publicadas, desde que citada a autoria.





Discentes recebendo instruções antes de iniciarem os trabalhos de campo



Discentes saindo para percorrer as rotas





Equipe de pesquisa recebendo treinamento na SAS



Equipe de pesquisa recebendo treinamento na SAS





Profa. Viviane Pereira, coordenadora geral do projeto, concedendo entrevista de divulgação do trabalho



Pessoas em situação de rua, em meio à paisagem urbana de Juiz de Fora (Praça da Estação)



Cachorro de pessoa em situação de rua. Os cães têm significativa importância para elas, por proporcionarem companheirismo e proteção.



Discentes entrevistando uma mulher em situação de rua





Ponto de encontro, ao final de uma noite de trabalho de campo



Discentes em preparação para a pesquisa de campo



Integrantes da equipe de coordenação, da esquerda para a direita: prof.a Marina Barbosa, prof.a Ana Maria Ferreira e doutorando Fábio Calleia



Discentes realizando entrevistas próximo à Sopa dos Pobres





Carrinhos utilizados para coleta de recicláveis (R. Trinta e Um de Maio, bairro Ladeira)



Carrinhos utilizados para coleta de recicláveis (R. Trinta e Um de Maio, bairro Ladeira)



Habitação de pessoa em situação de rua (R. Trinta e Um de Maio, bairro Ladeira)